

**O FENÓMENO SOCIAL DA ESCASSEZ DE COSTUREIRAS
QUALIFICADAS NA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO
BRASILEIRA E PORTUGUESA**

Geni Barbosa dos Santos Moreira

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Gestão

Orientador:

Mestre Rui Ferreira

Assistente convidado do Departamento de Finanças

ISCTE Business School

Co-orientadora:

Doutora Ana Margarida Martins Barroso

Investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

(CIES-IU)

Setembro 2015

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus queridos pais Joaquim e Maria, pela firmeza e amor com que edificaram a nossa família. À minha mãe em especial, por ter sido a minha primeira referência na “Arte da Costura”.

Aos meus sete irmãos, cunhados e cunhadas, meus queridos sobrinhos, afilhados, tios e amigos de verdade, por saberem respeitar as minhas escolhas e aceitar com amor e confiança as minhas ausências.

A todos aqueles, que nem um oceano foi capaz de nos separar...

Ao meu querido marido, que sempre ao meu lado, muitas vezes sem compreender tamanha luta, se fez presente e me apoiou.

Mas principalmente, como forma de gratidão ao ofício que por longos anos foi o meu suporte social e financeiro, dedico este trabalho àquelas profissionais da costura que reconhecem o valor da sua arte, do seu “saber-fazer” para a indústria de vestuário, e que queiram se posicionar e lutar para resgatar a dignidade e o valor da profissão no mercado da moda.

Agradecimento

A Deus, pela energia de vida que pulsa em mim.

A todos os meus mestres, que ao longo da minha trajetória académica me desafiaram a ser melhor.

Aos meus colegas de formação, pela alegria e amizade que me possibilitaram convívios inesquecíveis.

Aos amigos, parceiros e colaboradores portugueses, que no decorrer de doze anos me acolheram e me deixaram ser parte da sua sociedade.

A todos aqueles que dentro das suas possibilidades e habilidades foram colaboradores essenciais para a conclusão deste trabalho.

Ao meu orientador, Mestre Rui Ferreira, pelo encorajamento que me fez avançar na caminhada e vencer desafios.

E de maneira muito especial quero agradecer à minha co-orientadora, Doutora Ana Margarida Martins Barroso, pela orientação de firmeza, sabedoria e principalmente pela paciência com a qual me ajudou a ter coragem e não desistir.

Resumo

O presente trabalho reflete o estudo sobre as implicações dos fatores socioeconômicos no processo de escassez de costureiras qualificadas na indústria de vestuário brasileira e portuguesa. A pesquisadora, empreendedora no setor de costuras há 26 anos, inicialmente no Brasil e dez deles em Portugal, impulsionada pela sua experiência profissional e atenta às importantes pesquisas e estudos sobre a indústria de vestuário, observados a partir de fatores como as mudanças de perfil do mercado de trabalho, a desregulamentação das relações trabalhistas, o aumento do desemprego e a presença intensiva do trabalho precarizado que envolve particularmente a mulher costureira, encontrou motivações suficientes para investigar a gênese desse fenômeno social. Para colmatar a pouca investigação que se tem feito sobre o tema, especificamente relativa à atividade produtiva do setor de confecção, foi realizada uma pesquisa qualitativa que ajudou a compreender melhor esse fenômeno. Por meio de entrevistas semiestruturadas foram ouvidos os representantes de quatro grupos de interlocutores válidos: costureiras, empresários, sindicatos e escolas técnicas; e no exercício de ouvi-los buscaram-se novas ideias e novos conhecimentos agregados ao estudo. A partir da análise da literatura e dos relatos perceptivos de importantes atores sociais envolvidos, procurou-se conhecer não tão somente a realidade da escassez de profissionais, mas também compreender a inquietante dificuldade do setor em atrair trabalhadores novos que garantam o futuro da componente industrial. Como alternativa prática e estratégica, a pesquisadora sugeriu uma nova orientação metodológica para o ensino da modelagem, corte e costura, desenvolvida e experimentada na sua prática cotidiana denominada Academia da Costura Moderna, que propõe inovar, simplificar e impactar o ensino-aprendizagem da arte da costura. O estudo realizado, somado à proposta prática sugerida, pretende assumir o compromisso de intervir para melhorar, mas principalmente estar assente na humildade de ser semente, ser ponto de partida para o desenvolvimento e aprofundamento de pesquisas futuras, pois apesar de grandiosos avanços tecnológicos que objetivam cada vez mais a automação no setor da confecção de vestuário, o fator humano ainda parece longe de se tornar obsoleto e a costureira ainda tem representado um elemento de extrema relevância na cadeia produtiva da moda. É nas mãos da costureira que as ideias e os projetos de moda se materializam, fator este que assegura um mercado inesgotável e com características próprias de uma engrenagem, que como tal precisa ser sustentável.

Palavras-chave: Costureiras, terceirização, informalidade, capacitação, empreendedorismo.

Abstract

This dissertation studies the impact of the socioeconomic factors in the process of decreasing qualified seamstresses in the clothing industries of Brazil and Portugal. The researcher is an entrepreneur in the sector for 26 years (initially in Brazil and the ten latest in Portugal). Her own professional experience, her knowledge of the business sector and her contact with different studies on the clothing industry, namely in what regards the changing dynamics of the labour market, the deregulation of employment relations, the increasing unemployment or the increasing precarious work associated with seamstresses, gave her the motivation to investigate this social phenomenon. Acknowledging the still scarce research that has been done on the theme, and more precisely on the productive activity of the sector, a qualitative research was undertaken, aiming to contribute to a better understanding of the phenomenon. Semi-structured interviews were conducted to relevant actors in the field: seamstresses, employers, trade unionists and technical schools, allowing the collection of new ideas and additional knowledge to the study. Together with an intensive literature review, the interviews were aimed at a better understanding of the reasons behind the decreasing number of qualified seamstresses in the labour market, but also of the difficulties that the sector faces when trying to attract new workers that would possibly be able to guarantee the future of the industry. Also, as a strategic and practical alternative, the researcher presents a new method to the teaching of modelling, cut and sewing, that has been developed and practiced in her daily work, and which is called *Academia da Costura Moderna*. This new approach intends to innovate, simplify and cause an impact in the learning process of the sewing art, adapting it to the present. The research study, together with the suggested approach, takes the compromise of intervening to improve, but mostly of being a starting point to the development of future research. Despite the technologic progress in the clothing sector, human factor is still far from becoming obsolete and the seamstresses are still of extreme importance in the productive chain of fashion. These professionals are responsible for the materialization of the ideas and projects of the fashion industry, a fertile market with specific characteristics that, as such, needs to be sustainable.

Key-words: Seamstresses, sub-contracting, informality, empowerment, entrepreneurship.

Sumário

Introdução.....	-1-
1- Aspectos económicos e tecnológicos da indústria de confecção de vestuário.....	-4-
1.1-A indústria Têxtil e de confecção de vestuário no mundo.....	-4-
1.2-A globalização e seus efeitos na indústria têxtil de vestuário.....	-5-
1.3- A influência dos Tigres Asiáticos na indústria têxtil e de vestuário.....	-7-
2- A indústria de vestuário brasileira e portuguesa.....	-9-
2.1- Caracterização da indústria têxtil de vestuário no Brasil.....	-9-
2.2- Caracterização da indústria têxtil de vestuário em Portugal.....	-12-
3- Os reflexos da terceirização na indústria de confecção de vestuário	-14-
3.1- Cadeia produtiva da indústria de confecção antes da abertura dos mercados	-14-
3.2- O impacto da reorganização produtiva para a indústria de confecção de vestuário.....	-15-
3.3- O impacto da reorganização produtiva para a trabalhadora de confecção vestuário.....	-18-
4- O ofício da confecção de Vestuário como prática social e fator de inclusão.....	-20-
4.1- A relevância do fator humano no elo da confecção	-20-
4.2- A condição da mão de obra feminina na indústria de vestuário e as questões de gênero..	-22-
4.3- A Cultura da costura e a transferência do “saber fazer”.....	-24-
5- As novas morfologias do trabalho na indústria de vestuário.....	-27-
5.1- O trabalho autónomo das costureiras domiciliares.....	-27-
5.2- Microempreendedoras informais- Atelier de costura como autoemprego.....	-30-
5.3- Atelier de costura – especializado em consertos e customização de vestuário.....	-31-
5.4- <i>Private label</i> – A terceirização do valor agregado.....	-32-
5.5- Oficinas de costura ou facção – O trabalho vai até à trabalhadora.....	-34-
5.6- Cooperativa de trabalho das costureiras.....	-37-
6- Metodologia da pesquisa.....	-40-
6.1- Instrumento de coleta de dados.....	-41-
6.2- Os sujeitos da pesquisa.....	-42-
6.3- Caracterização das trabalhadoras pesquisadas.....	-43-

7- Apresentação dos resultados.....	-45-
7.1- A palavra da costureira.....	-49-
7.2- A palavra dos empresários.....	-57-
7.3- A participação dos sindicatos e representantes nacionais do setor.....	-61-
7.4- A participação das escolas técnicas.....	-63-
8 - Proposta e sugestões alternativas.....	-65-
a)- Sugerir a união das forças sociais como estratégia de solução.....	-65-
b)- Apresentar proposta metodológica inovadora: “Academia da Costura Moderna”.....	-66-
c)-Conceber plataforma <i>on-line</i> – <i>Blog</i> para informação e socialização.....	-67-
9- Conclusão.....	-69-
10- Bibliografia.....	-76-

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Os dez maiores produtores têxteis mundiais.....	-4-
Gráfico 2- Distribuição geográfica da produção Têxtil do Brasil.....	-17-
Gráfico 3- Caracterização das trabalhadoras pesquisadas.....	-44-

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Fábrica de confecção - costureiras.....	-3-
Ilustração 2- Perfil do setor têxtil Brasil.....	-9-
Ilustração 3- Perfil setor têxtil Portugal.....	-13-
Ilustração 4- Estrutura da cadeia produtiva e distribuição têxtil no Brasil	-14-
Ilustração 5- Processo da terceirização produtiva.....	-17-
Ilustração 6- Cadeia produtiva a partir da terceirização.....	-19-

Nota: Esta dissertação foi escrita em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico. (Portugal)

Glossário de siglas

ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil

ABRAVEST - Associação Brasileira do Vestuário

AMF - Acordo Multifibras

ATP - Associação Têxtil Portuguesa

ATV- Acordo sobre Têxteis e Vestuário

CETIQT – Centro De Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

CNI - Confederação Nacional das Indústrias

DIT- Divisão Internacional do Trabalho

FESETE - Federação do Setor Têxtil

IEMI - Inteligência de Mercado

INE - Instituto Nacional de Estatística

IOE- Industrialização Orientada para Exportação

ITV- Indústria Têxtil do Vestuário

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul (Brasil)

NAFTA - Tratado Norte-Americano de Livre Comércio

OIT - Organização Internacional do Trabalho

SEBRAE - Sistema Brasileiro de Apoio à Microempresa

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI - Serviço Social da Indústria

SINVESPAR - Sindicato da Indústria de Vestuário do Paraná

TTVC - Trabalhadores Têxteis do Vestuário e do Calçado

Introdução

Com a *glamourização* da moda, fala-se em tendência, em modelagem, e quem tem afinidade com esta área deseja ser *designer* ou estilista, deixando de parte um dos elos fundamentais da cadeia produtiva da moda: a confecção.

Quem vai operar a máquina de costura?

A moda, vista como um importante segmento económico no mundo é essencialmente manufatureira, geradora de emprego para milhares de pessoas e mesmo assim, estes têm sido aspetos pouco tratados por aqueles que veem a moda como fetiche, relacionada apenas à elegância. É importante olhar para a moda também na sua etapa produtiva, concentrar atenção e valor na sua capacidade de gerar riqueza pela sua confecção.

Saber que a indústria têxtil de vestuário no Brasil ocupa o quinto lugar entre os maiores produtores mundiais, ficando atrás somente do Paquistão, EUA, Índia e China, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT (2013), nos leva a crer que estamos diante de uma indústria consolidada. O mesmo se pode perceber em Portugal que tem na indústria têxtil de vestuário uma das mais importantes indústrias para a economia nacional, representando 9% do total das exportações e 20% do emprego na indústria transformadora, dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatísticas - INE (2013).

Estudar contextos sociais diferentes, segundo Castles (2002), significa examinar os vários modos como a globalização interfere nas comunidades locais e nas sociedades nacionais com experiências históricas, padrões económicos e sociais, instituições políticas e culturas altamente diversificadas. Frente às adversidades, o mesmo autor reiterou que para o cabal conhecimento de qualquer assunto específico, seria necessário compreender a sua integração em processos muito mais amplos.

Neste sentido, importa destacar que o facto de eleger os dois países, Brasil e Portugal, para estudar o problema da escassez de costureira qualificadas na indústria de vestuário, esteve ligado ao interesse de perceber o comportamento do mesmo fenómeno em cenários de proporções e características díspares e conseqüentemente observá-lo quanto ao seu real impacto na produtividade, na competitividade e nas futuras expansões das indústrias de confecção nacionais.

O presente estudo, para compreender o grande paradoxo que se descortina da indústria têxtil de vestuário, onde sobra mercado e falta mão de obra qualificada para atendê-

la, procurou empreender um exercício de análise e reflexão acerca dos vários fatores que compreendem o universo da indústria de confecção de vestuário com o objetivo fundamental de ver respondida a pergunta de partida que delineou esta pesquisa: “Que fatores socioeconômicos contribuíram para a escassez de costureiras qualificadas na indústria de vestuário do Brasil e de Portugal ?”

Para tanto, inicialmente foi realizado um enquadramento teórico da problemática em questão e em seguida buscou-se a sua completude pela pesquisa qualitativa, quando por meio de entrevistas semiestruturadas foram possíveis significantes contactos com interlocutores sociais válidos. Durante as entrevistas, mesmo detentoras da característica de seguirem um roteiro, fez-se respeitar a individualidade de cada entrevistado, possibilitando a cada ator social expressar o seu entendimento e a sua concepção de mundo, até mesmo com abertura para colocar questões que ainda não estando elencadas, fossem pertinentes ao tema proposto.

Neste seguimento, foram analisados os relatos de quatro grupos de atores sociais, selecionados por estarem envolvidos de maneira direta ou indireta com o problema: quatorze costureiras, quatro empresários, dois coordenadores de escolas técnicas e dois representantes de associações da indústria têxtil. No exercício de ouvi-los, objetivou-se agregar novas ideias e novos conhecimentos ao estudo realizado. Do total de entrevistados, compreende-se a metade serem atuantes no Brasil, e a outra metade em Portugal. A esta pesquisa qualitativa, somou-se a experiência da pesquisadora como profissional atuante nos dois países, bem como o enquadramento teórico por meio das pesquisas bibliográficas realizadas.

Quanto a essas últimas é importante registrar que foram encontrados muito mais materiais de apologia às atividades artísticas e comerciais da indústria de confecção, do que os respeitantes as suas atividades operacionais produtivas. Porém, observou-se que quando encontradas, refletiam a perspectiva do capital, o que fomentou a suspeita de ser uma atitude cômoda, por parte do setor, de deixar fora do discurso público, as controvérsias do sistema de subcontratação e precariedade em que se sustentam o final da cadeia produtiva.

Todavia, com o intuito de analisar para compreender e interferir cumpre dizer que a proposta deste estudo esteve cimentada no interesse de lançar o mais possível de luzes sobre o problema da escassez de profissionais da costura qualificados, com o sentido de não tão-somente apontar as causas e as possíveis consequências deste problema para o setor, mas principalmente apresentar sugestões alternativas para despertar o interesse da força jovem pela profissão e especialmente pela arte, pela cultura empreendedora. Para tanto, a pesquisadora veio sugerir uma metodologia inovadora de ensino-aprendizagem para

modelagem, corte e costura de vestuário, objetivando uma capacitação simplificada e dinâmica, de curta duração, adaptável aos tempos e aos interesses contemporâneos sejam eles profissionais ou pessoais. Porém, se o objetivo primordial desta interferência é atrair a força jovem para o setor, dois desafios maiores lhe foram associados: 1- Inovar no paradigma do ensino técnico de modelagem corte e costura, para que este não fique centrado apenas nas escolas, mas que possa ser integrado nas empresas e instituições sociais, de modo a promover maior difusão e acessibilidade da capacitação; 2- Sugerir uma nova denominação para a categoria profissional.

A lógica dessas alterações, metodológica e denominativa, estará no final do trabalho mais bem explicada, como alternativas estratégicas importantes para atrair os mais novos e conferir-lhes um melhor enquadramento social e profissional. De um modo geral, para melhor compreender o desenvolvimento deste estudo, em primeira instância, poder-se-á verificar uma estrutura constituída por um enquadramento teórico, alinhavado em três etapas que se convergiram da mais ampla à mais específica. Dessa forma, inicialmente foram abordados os aspectos económico-tecnológicos da indústria de confecção, depois foi feita uma análise do comportamento do setor mediante as grandes alterações impostas pela economia globalizada e a seguir, fez-se uma análise sobre o perfil, as condições e os comportamentos das trabalhadoras frente às novas morfologias de trabalho ditadas pela reorganização produtiva como alternativas para a competitividade. Na sequência desse aprofundamento teórico, passou-se à apresentação dos resultados das pesquisas, alinhada às considerações finais com sugestões de caminhos alternativos, ficando também o alvitre para o desencadear de novas pesquisas neste campo social tão importante da indústria de vestuário.

Indústria de confecção de vestuário



Ilustração 1 - Fábrica de confecção - costureiras. Fonte: Fotolia

1- Aspectos económicos e tecnológicos da indústria de confecção de vestuário

1.1- A indústria têxtil e de confecção de vestuário no mundo

Segundo dados do IEMI (2012), os mercados têxtil e de confecção mundial são considerados um dos mais dinâmicos, realizam lançamentos de moda a cada quatro vezes por ano no mínimo. O vasto conjunto de atividades, associadas ao setor têxtil e do vestuário que sustenta o mercado da moda pode ser compreendido pelo elevado nível de desagregação fornecido pelo Instituto Nacional de Pesquisa - INE (2011), que apresenta de maneira clara um setor composto por duas indústrias que se organizam em fileiras: - A montante, a indústria têxtil, que engloba as seguintes etapas do processo produtivo: a preparação da fibra, a fiação, a tecelagem, as malhas e os acabamentos (tinturaria, estamparia e ultimação); - A jusante, a indústria de vestuário, que compreende a confecção de artigos de vestuário e os acessórios.

O mapa da produção mundial de vestuário começou a mudar na década de 80, saindo dos EUA, Europa e Japão para países emergentes da Ásia e, mais recentemente, Leste Europeu, Norte da África e Caribe. Atualmente, a Ásia é responsável por 73% dos volumes totais produzidos no mundo com destaque por ordem: China, Índia, Paquistão, Coreia do Sul, Taiwan, Indonésia, Malásia, Tailândia e Bangladesh. O Brasil ocupa a quinta posição entre os maiores produtores mundiais de produtos têxteis ficando atrás do Paquistão, EUA, Índia e China e a quarta posição entre os maiores produtores de manufacturas têxteis.

Os dez maiores produtores mundiais

<i>Produtores de Têxteis</i>			<i>Produtores de Vestuário</i>		
País	Produção (mil ton)	% mundial	País	Produção (mil ton)	% mundial
1. China	38,561	50,7%	1. China	21,175	46,4%
2. Índia	5,793	7,6%	2. Índia	3,119	6,8%
3. EUA	4,021	5,3%	3. Paquistão	1,523	3,3%
4. Paquistão	2,820	3,7%	4. BRASIL	1,271	2,8%
5. BRASIL	2,249	3,0%	5. Turquia	1,145	2,5%
6. Indonésia	1,899	2,5%	6. Coreia do Sul	990	2,2%
7. Taiwan	1,815	2,4%	7. México	973	2,1%
8. Turquia	1,447	1,9%	8. Itália	935	2,0%
9. Coreia do Sul	1,401	1,8%	9. Malásia	692	1,5%
10. Tailândia	902	1,2%	10. Polónia	664	1,5%

Tabela 1 -Dados do IEMI- 2012

Para Gorine (2000), a cadeia produtiva têxtil mundial assiste a muitas transformações recentes, pois para além das grandes mudanças tecnológicas que aceleraram a capacidade produtiva das suas indústrias, destaca - se especialmente a implementação da política de comércio organizado em intrabloços, dos quais podemos destacar: **a)** Nafta; **b)** União Europeia e as regiões do norte da África do Sul e da Ásia como Índia e Paquistão; **c)** o sudeste da Ásia e extremo oriente; e **d)** MERCOSUL e a América Latina. Em análise do panorama internacional do setor têxtil, Gorini (2000) ainda relata que:

O poder competitivo de alguns países periféricos (como Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Indonésia, Tailândia, Índia e Paquistão) forçou os norte-americanos e europeus a algumas mudanças fundamentais. Essas mudanças apontaram para um novo padrão de concorrência, baseado não apenas no preço, mas também na qualidade, flexibilidade e diferenciação de produtos, além da própria organização do comércio intrabloços, procurando reunir os avanços tecnológicos alcançados na indústria têxtil à mão de obra barata de alguns países periféricos, que passaram a atuar crescentemente na confecção, segmento que, apesar de todo avanço tecnológico, ainda permanece intensivo de mão de obra qualificada.

O Brasil, apesar de ser um dos grandes produtores/consumidores mundiais do setor, tem uma participação ainda pequena no comércio internacional, ocupando o 33º no ranking de exportação de produtos têxteis e de vestuário, característica de uma economia voltada ao mercado interno com baixo volume para exportação. (IEMI, 2012)

1.2 - A globalização e seus efeitos na indústria têxtil de vestuário

A globalização e a reestruturação industrial, de acordo com Castles (2002), levaram um largo número de pessoas à marginalização, à pobreza e à exclusão social, tanto nos antigos países industriais como no resto do mundo, minando a suposta dicotomia entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas; considerou a globalização como um processo de mudança que afeta todas as regiões do mundo, numa variedade de dimensões que vão desde a economia, à tecnologia, à política, aos meios de comunicação, à cultura e ao ambiente.

No início do livro, “*A Mundialização do Capital*”, François Chesnais (1996) explica o carácter ideológico da terminologia usada pelos economistas da modernidade e que o sentido dessa neutralidade trazida pela globalização é impingir a evolução económica recente como uma superação da velha compartimentação nacional por uma atuação mais livre dos indivíduos no mercado. Segundo o mesmo autor, um a realidade dominante que potencializa o

capital financeiro a apossar-se de uma massa enorme de mais-valia¹, sem prestar qualquer serviço, simplesmente se movendo pelo planeta.

Neste cenário, o desemprego e a desigualdade citados pelos mais variados autores pesquisados, como frutos da globalização, deixa a entender que esta constatação é em virtude das empresas passarem a querer competir mais, a produzir mais e com menor custo, cortando assim muita mão de obra que julga desnecessária e/ou terceirizar o setor operacional. Para Camargo & Guilhoto (2002), uma competitividade, decorrente em parte devido à proteção tarifária.

Em Portugal, a consequência mais visível da liberalização dos mercados mundiais para o setor têxtil e do vestuário foi a diminuição de empresas e de postos de trabalho. Portugal, principalmente nas décadas de 60 e 70, segundo Lima *at al.* (2008), beneficiou-se dos processos de deslocalização e/ou subcontratação de muitas empresas europeias que se instalaram no país devido as suas vantagens económicas competitivas, nomeadamente em virtude dos baixos custos salariais. Esta crescente liberalização do mercado teve repercussões fortíssimas no setor têxtil português. Em primeiro lugar, o país, quando comparado com os mercados asiáticos do leste europeu, deixou de ser considerado um país de mão de obra barata, isto levou a que as empresas estrangeiras deslocalizassem as suas unidades de produção para aqueles países e que encerrassem as suas fábricas em Portugal, deixando no desemprego milhares de trabalhadores, para além de uma nova realidade que se instaurou, que foi o facto de muitas empresas portuguesas recorrerem à subcontratação em países estrangeiros.

Quanto ao Brasil, as consequências foram dramáticas em virtude do despreparo das indústrias têxteis e de vestuário, tanto no aspeto tecnológico, quanto estrutural físico e humano, bem como no chamado “custo Brasil”, que deixou o país em desvantagem competitiva no cenário de economia global. Conforme se pode observar na análise apresentada na Cartilha ABIT (2013, p.38), a indústria de confeção de vestuário brasileira tem sido afetada tal qual toda a indústria manufatureira nacional, por problemas estruturais e conjunturais da economia brasileira, entre os quais se destacam o longo período de apreciação da moeda nacional, os custos elevados de energia, o estado precário dos portos e rodovias, que acarreta ineficiências e altos custos e a burocracia complicada que tem que ser enfrentada

¹ Mais-valia é o termo famosamente empregado por Karl Marx à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor do meio de produção e do valor do trabalho que seria a base do lucro no sistema capitalista.

pelas empresas. Estes fatores, somados, prejudicam a competitividade do setor industrial brasileiro e dificultam enormemente a capacidade de enfrentar a concorrência de importações, sobretudo da Ásia, que se beneficia da produção extraordinariamente barata, em virtude da inexistência de legislações trabalhistas sofisticadas.

1.3 - A influência dos Tigres Asiáticos na indústria têxtil e de vestuário

A produção chinesa atende ao consumo interno e externo. Mais de 33% das exportações mundiais são de origem chinesa, número que chega a 37,5% se forem consideradas as exportações da região administrativa de Hong Kong. (IEMI, 2012)

A referência que se dá de “Tigres Asiáticos” aos quatro países da Ásia (Hong Kong, Singapura, Coreia do Sul e Taiwan), conforme explicação de Cerqueira (2014), corresponde ao acelerado desenvolvimento industrial e econômico que estes países alcançaram a partir da década de 1970 e também, por causa das características agressivas da forma administrativa e da localização desses países é que eles foram comparados ao animal. O modelo econômico industrial desses países é caracterizado como IOE - Industrialização Orientada para a Exportação. Este modelo econômico, fundamentalmente exportador, ficou cimentado pelos incentivos fiscais e pelos baixos custos para a instalação de empresas estrangeiras, mas principalmente pela excessiva quantidade de mão de obra disponível no mercado, regida por leis trabalhistas frágeis e pouco atuantes que favoreciam a desvalorização dos salários pagos pelos industriais.

O grande desenvolvimento econômico dos Tigres Asiáticos incentivou os países vizinhos: Indonésia, Vietnam, Malásia, Tailândia e Filipinas desencadeando um processo de industrialização por meio de acordos comerciais com os EUA, Japão e países europeus. Com mão de obra ainda menos qualificada e, portanto mais barata, foram chamados de “Novos Tigres Asiáticos” que com a criação de diversas pequenas indústrias, configuraram um processo de DIT - Divisão Internacional do Trabalho, entrando definitivamente para o cenário econômico global como produtores de mercadorias sob encomendas criadas e planejadas em outros países, mas produzidas por eles.

Contudo, Ouriques *at al.* (2013) em seus estudos, relatam que todo o poder de influência que a indústria chinesa alcançou como novo polo de poder mundial foi em virtude da sua força de trabalho barata e disciplinada, mas também pela sua cadeia de produção

completa, resultante das redes avançadas de negócios originárias em Hong Kong e Tailândia, somadas às excelentes ligações de transporte rápido e eficiente para EUA e a UE.

Todavia, pôde-se ver até aqui, um referir de alto potencial para o crescimento económico dos asiáticos. Porém, Senkevics (2013) alertou para a importância de olhar para as condições de vida e de trabalho daqueles sujeitos, homens e mulheres, que carregaram e ainda carregam este desenvolvimento nas costas.

Eis a regra que seguem os trabalhadores das indústrias voltadas para a exportação: ...Ou se aceita as condições de trabalho, ou não se tem sequer uma renda mínima, por menor que fosse. Infelizmente essa não é uma realidade que se reduz aos Tigres Asiáticos, mas que se propaga pelos países de terceiro mundo. É comum que se faça uso da condição marginal das mulheres na cadeia produtiva e, ao mesmo tempo, que se mantenha uma situação de subordinação ao se destinar a elas, os trabalhos mais degradantes. Todo este processo, para o bem da humanidade, não deveria escapar das lupas dos movimentos feministas em âmbito global. (Senkevics, 2013)

O tema por si só chama a atenção e se torna cada vez mais necessário, quando se trata de refletir sobre o mundo globalizado. Com os países asiáticos como grandes indústrias do mundo, as indústrias de confecção de vestuário se viram obrigadas a se reorientarem, se modernizarem e se reestruturarem para permanecerem competitivas no novo cenário económico global. Dito isto, mais do que nunca se fez vigorar a prática da expressão que marcou a conferência das nações unidas para o meio ambiente e o desenvolvimento-UNCED/RIO-92, com Agenda 21: “Pensar globalmente e agir localmente”. Um desafio irreversível para o setor que se quer produtivo e competitivo.

É extremamente difícil para as empresas de vestuário concorrer com os produtos importados provenientes da China, afirmam Refosco e Pessoa (2013), estes ainda apontam que devido a isso, acaba por haver um crescente comprometimento de toda a cadeia têxtil e também da economia, já que os empregos que poderiam surgir nas indústrias nacionais acabam se deslocando para a China e com isso o país deixa de ganhar em arrecadação de impostos, competitividade dos produtos de vestuário e artigos têxteis e , num futuro próximo, poderá deixar de crescer e desenvolver em outras áreas.

2- A indústria de vestuário brasileira e portuguesa

2.1- Caracterização da indústria têxtil de vestuário no Brasil

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT (2013), o Brasil possui uma das últimas cadeias têxteis completas do ocidente e é uma nação que produz desde as fibras até às confeções. Contudo, apesar dos dados verificados na tabela 1, o Brasil participa apenas com 0,5% da produção mundial, ou seja, sua produção basicamente é destinada ao mercado interno. O mercado nacional é responsável por 97,5% do consumo da produção e apenas 2,5% é destinado às exportações.

Perfil do setor têxtil e de confecção no Brasil



Ilustração 2- Elaboração própria com dados da TEXBRASIL e imagem ABIT-2013

O Instituto de Estudos e Marketing Industrial - IEMI (2013), especializado em pesquisas e análises do setor têxtil e de vestuário, na sua 14ª edição do Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira - Brasil Têxtil (2014) divulgou que a cadeia têxtil e de confecção produziu cerca de US\$ 58,2 bilhões, o que é equivalente a 5,7% do valor total da produção da indústria brasileira de transformação, aí excluídas as atividades de extração mineral e a construção civil, que complementam o setor secundário da economia.

Os empregos gerados pela cadeia têxtil somaram 1,7 milhão de postos de trabalho em 2013, ou o equivalente a 16,4% do total de trabalhadores alocados na produção industrial nesse ano, vem demonstrando que, além da sua grande relevância econômica, esse é um

segmento de forte impacto social. No período analisado, de 2009 a 2013, o número de empresas em atividade na cadeia têxtil cresceu 8,9%, porém, em 2012 houve queda de 0,2%.

O segmento de confecção para a linha lar foi o que mais cresceu no período de 2009 a 2013, com alta de 11,5%. Por outro lado, o segmento de meias e acessórios recuou 10,9%, já na confecção de vestuário, o crescimento foi de 11%, enquanto as malharias apresentaram queda de 5,9%, e as tecelagens, de 4,5%.

Quanto ao pessoal ocupado na cadeia têxtil, segundo dados da ABIT (2013), constatou-se que houve queda de 3,6% no setor têxtil e de 2,7% nos confeccionados, entre 2009 e 2013. Nos segmentos de confecção para a linha lar e as malharias tiveram as maiores quedas, -12,4% e -10,6%, respectivamente. Porém, quando se analisa o número médio de empregados por empresa, verificou-se que no período de 2009 a 2013 houve um declínio, tanto no setor têxtil quanto no de confeccionados, o que significa, entre outras considerações, um maior nível de automação e modernização do setor.

As diferenças regionais que compõem o mercado consumidor brasileiro, no que concerne à questão cultural, ao clima e especialmente ao grau de desenvolvimento econômico refletem consideravelmente nos hábitos de consumo, no poder de compra dos consumidores e influencia fortemente sobre a oferta e a demanda regional dos artigos de confecção. Segundo dados da ABRAVEST (2013), no Brasil há uma razoável concentração regional da produção.

Distribuição geográfica das empresas de vestuário brasileiras

SUL	SUDESTE	NORDESTE
<ul style="list-style-type: none">• Rio Grande do Sul – 3,2%• Santa Catarina – 17,1%• Paraná – 8,8 %	<ul style="list-style-type: none">• São Paulo – 29,0 %• Rio de Janeiro – 6,4%• Espírito Santo – 1,7 %• Minas Gerais – 11,5 %	<ul style="list-style-type: none">• Ceará – 7,0 %• Rio Grande do Norte – 2,9 %• Paraíba – 1,3 %• Pernambuco – 2,6 %• Alagoas – 0,1 %• Sergipe – 0,7 %• Bahia – 2,2 %

Tabela 2 - Elaboração própria com dados da ABRAVEST- 2013

Os investimentos totais realizados na cadeia têxtil em 2013 em modernização e/ou ampliação da capacidade produtiva (máquinas, instalações, treinamento, etc.), chegaram a

US\$ 2,3 bilhões, o que representa queda de apenas 3,5% sobre os valores de 2012. Porém, houve crescimento de 79,3% no período de 2009 a 2013, o que representa, em média, uma alta de 15,7% ao ano. Em 2013, todos os segmentos de manufaturas têxteis apresentaram queda em seus investimentos quando comparados a 2012. Apenas os confeccionados tiveram crescimento de 0,5%. Em máquinas e equipamentos, os investimentos de 2013 atingiram mais de US\$ 1,1 bilhão, o que representa uma queda de 4,9% em relação aos valores de 2012, porém um crescimento de 33,3% no período de 2009 a 2013. O segmento de malharia foi o que apresentou a maior queda, tanto nos investimentos totais (-23,3%) quanto naqueles aplicados em máquinas e equipamentos (-25,7%). (IEMI, 2013)

Recentemente, o Brasil se tornou um país importador líquido de produtos têxteis e confeccionados. A balança comercial da cadeia têxtil vem, ano a ano, ampliando seu *deficit*, tendo chegado a US\$ 4,5 bilhões em 2013. Em 2009, o *deficit* era de US\$ 1,6 milhão. Em quatro anos houve um crescimento de 181%, ou seja, uma média de 29% ao ano. Quando considerados apenas as manufaturas têxteis e os produtos confeccionados (vestuário, linha lar e artigos técnico-industriais), a participação no *deficit* foi de 46% e 54%, respectivamente, ou seja, ambos os segmentos contribuíram com pesos muito próximos para o *deficit* na balança do setor. No segmento de filamentos, o *deficit* chegou a US\$ 799 milhões em 2013 ante US\$ 520 milhões em 2009, com crescimento de 62%. Já no segmento de fibras, houve *superavit* de US\$ 1 bilhão em 2013 ante US\$ 642 milhões em 2009, com destaque para as exportações das fibras de algodão. (ABIT, 2013)

O Brasil ainda não criou competências locais que permitissem um relacionamento mais equilibrado com o contexto da globalização. Chegou a esse momento de globalização extremamente vulnerável. Há três ondas ocorrendo no mundo: a automação da tecnologia informática, a racionalização do modelo japonês e a globalização. Os países que conseguiram antever e entrar nessas ondas surfaram de modo relativamente fácil, conseguindo se manter adequadamente. Com a abertura das importações em 1990, as três ondas invadiram o Brasil ao mesmo tempo e hoje, o país luta para não se afogar devido à enorme dificuldade que tem em planejar, antecipar e prever, regras primeiras na concepção de um processo mais globalizado. (Gorender 1996)

O Presidente da ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil, Rafael Cervone (2013), a respeito da internacionalização da indústria brasileira afirmou:

A burocracia excessiva, os altos custos para a produção e os gargalos logísticos têm sido mais prejudiciais ao setor do que questões ligadas à crise internacional e ao

volume expressivo de roupas importadas da China. Um dos maiores entraves para a indústria têxtil é o chamado custo Brasil e a falta de previsibilidade para o setor. Conforme aponta, a dificuldade das fábricas para saber quais medidas serão adotadas pelo poder público - quanto à tributação e o abastecimento de insumos, por exemplo - resulta em maiores custos e limitações para o planeamento. 70% dos nossos problemas são internos, nós enfrentamos hoje problemas com energia eléctrica, falta de água, logística cara, mas é possível a gente se reerguer. (Cervone, 2013)

Categórico, Cervone (2013) opinou sobre a necessidade de desonerar, de simplificar a vida das empresas e dar um pouco de previsibilidade ao setor, para um maior crescimento e desenvolvimento competitivo das indústrias de confeções de vestuário brasileira.

2.2- Caracterização da indústria têxtil de vestuário em Portugal

A indústria têxtil e de vestuário, é uma das indústrias com maior representatividade na estrutura industrial portuguesa, e desde sempre, assumiu um papel de relevo em termos de emprego e peso na economia nacional. Trata-se de um setor maduro, fragmentado e sujeito a desajustamentos periódicos entre a oferta e a procura, cujo desempenho se encontra fortemente condicionado pelas flutuações da atividade económica mundial.

De acordo com dados divulgados pela ATP - Associação Têxtil Portuguesa (2013), esta é uma indústria que representa 9% do total das exportações portuguesas; 20% do emprego da indústria transformadora; 8% do Volume de negócios da indústria transformadora e 8% da produção da indústria transformadora.

Portugal tem cerca de cinco mil sociedades laborando em todos os subsectores da indústria têxtil e do vestuário, algumas das quais são unidades verticais, embora na sua maioria sejam pequenas e médias empresas, são bem conhecidas pela sua flexibilidade e resposta rápida, *know-how* e inovação. Atualmente atravessa uma fase de reestruturação e reconversão que se tem repercutido na eliminação de postos de trabalho, como resultado da queda das barreiras ao comércio internacional e da emergência de um novo quadro regulador do comércio internacional de têxteis e vestuário. As fronteiras nacionais assumem um papel cada vez menos relevante para este setor, disperso ao longo do globo, fazendo com que os produtos da fileira sejam cada vez mais produtos globais, sujeitos a uma procura cada vez mais homogénea no que respeita aos gostos e preferências dos consumidores.

Perfil do setor têxtil e de confeção de Portugal em 2013

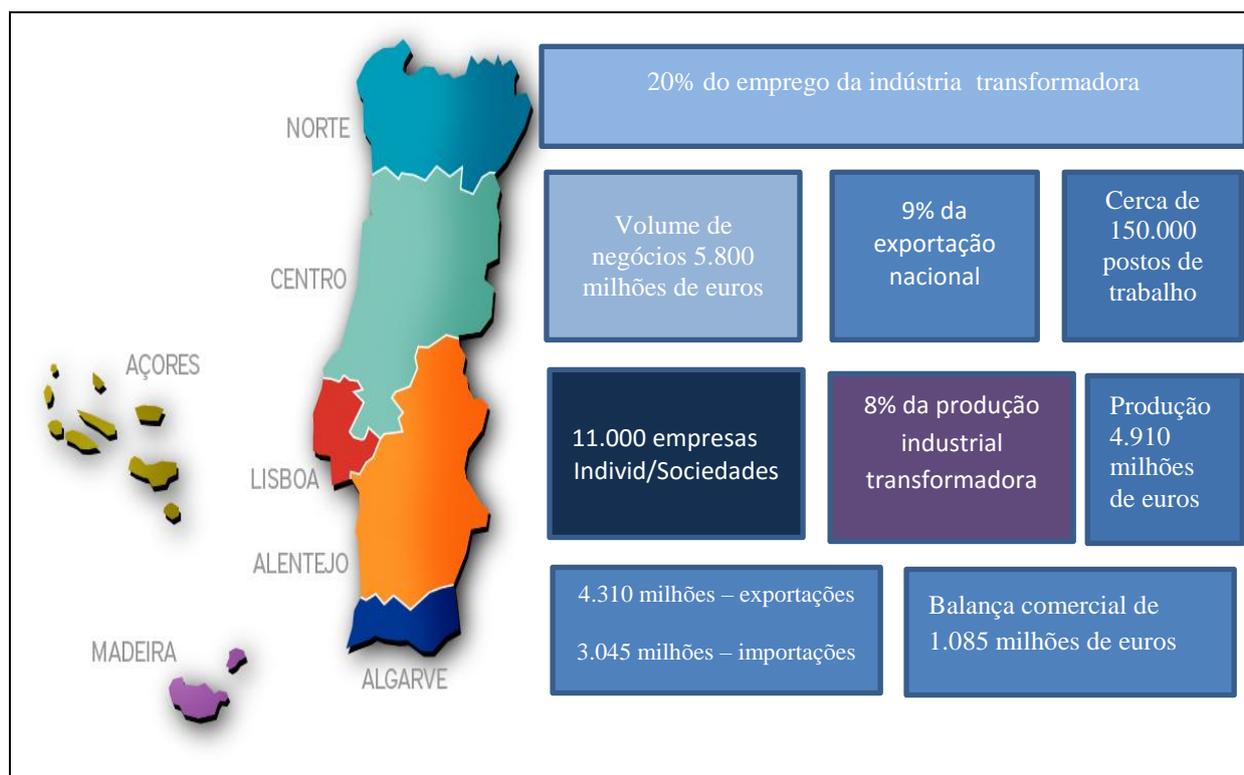


Ilustração 3 - Elaboração própria com dados da ATP(2013)

Com o fim das restrições quantitativas à entrada de têxteis, Vasconcelos (2006) em seus estudos, evidencia que a forte pressão competitiva criada pelas economias de mão de obra barata, a mudança no paradigma económico, a modificação acelerada das preferências dos consumidores e a evolução da tecnologia, exigem das empresas têxteis/vestuário portuguesas um novo grau de capacidade concorrencial e de flexibilidade quer no que respeita aos produtos, como nos processos produtivos e estruturas de gestão.

No que se respeita à localização geográfica, merece destaque o litoral norte do país, com realce para os distritos de Braga e do Porto. Com efeito, cerca de 80% das empresas, do emprego e do volume de negócios do setor estavam situados nestes dois distritos surgindo, em segundo lugar, a região de Lisboa e Vale do Tejo. (ATP, 2013)

3 - Os reflexos da terceirização na indústria de confecção

3.1 - Cadeias produtivas da indústria de confecção antes e depois da abertura dos mercados internacionais

Até a abertura dos mercados internacionais, tratar da cadeia produtiva da indústria de vestuário era tratar de um processo linear, por toda a literatura anterior a este período, como se pode observar em Haguenauer (2001), que em seus estudos explica que o microcomplexo têxtil/vestuário é linear, desde o beneficiamento e fiação de fibras naturais e/ou químicas, passando pela tecelagem, até a confecção final. Apesar desse elo linear entre as etapas da cadeia, cada uma delas pode ser realizada em pequenas ou grandes quantidades, de maneira especializada ou com diferentes graus de integração vertical.

Estrutura da cadeia produtiva e de distribuição têxtil e de confecção do Brasil

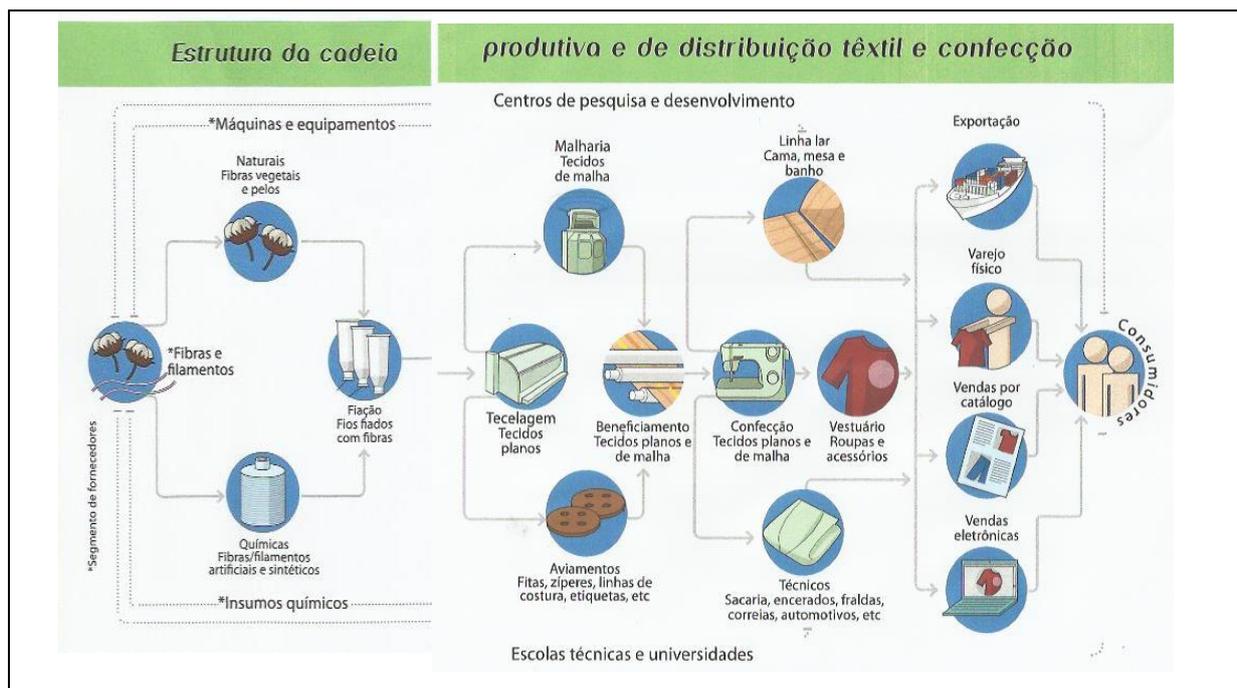


Ilustração 4 - Fonte: Cartilha ABIT- 2011. Imagem e dados

No início da cadeia se concentram as empresas com maior nível de tecnologia, utilizando menos mão de obra, havendo poucas empresas a fazer parte deste segmento. À medida que o fluxo se desloca para o final da cadeia há maior concentração de empresas com significativa dependência da mão de obra e baixa tecnologia, pois o segmento dos confecionados ainda consiste em utilizar um operador para cada máquina de costura. A

existência de equipamentos como CAD/CAM (*Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing*) é uma realidade, mas é uma tecnologia considerada demasiada cara para a maioria das empresas que compõe este segmento. (Rech, 2006)

Para Abreu (2003), a indústria de vestuário foi o setor da cadeia têxtil que recebeu menores investimentos em tecnologia, e são poucas as indústrias e facções que operam com maquinário de ponta. Os gestores esforçam-se para fazer o uso de células de produção, que são linhas de produção de acordo com o tipo de produto, sistemas de qualidade e controle da produção para responder rapidamente e com eficácia às necessidades do mercado de moda.

Porém, com a abertura comercial, a cadeia têxtil de vestuário passou por diversas modificações assumindo uma estrutura mais vertical. Os dois importantes influenciadores diretos das alterações desta indústria foram: 1- O fim dos acordos: Multifibras - AMF, de 1974 a 1994, que estabelecia quotas sobre as exportações de países em desenvolvimento para países desenvolvidos; 2- Acordo sobre Têxteis e Vestuário - ATV, de 1995 a 2004. Este último tinha como objetivo eliminar, gradativamente, o sistema de quotas impostas aos países em desenvolvimento.

No entanto, outros fatores preponderantes que marcaram de maneira mais concreta o descompasso linear da indústria têxtil e de confecção ficaram evidenciados por autores como Costa, Conte e Conte (2013), que analisaram a cadeia produtiva contemporânea e evidenciou que a presença da China no mercado têxtil/vestuário mundial, com sua alta capacidade competitiva, foi capaz de desencadear fortes impactos como a redução de mão de obra empregada e o aumento das importações internacionais e transnacionais de produtos. Neste sentido, Silva e Wolff (2010) vieram colaborar com o seu estudo, quando afirmaram que foi a utilização da terceirização ou subcontratação de serviços, principalmente da costura que figurou como fator altamente influenciador dessa alteração na cadeia produtiva de vestuário.

3.2 - O impacto da reorganização produtiva para a indústria de confecção

A adoção do processo de terceirização pelas indústrias de confecção, segundo Neves & Pedrosa (2007), fez parte da reestruturação do setor, buscando torná-lo mais competitivo diante das dificuldades com a concorrência estrangeira, no início da abertura comercial a partir de 1990. Porém, o processo de internacionalização e o consequente ajustamento das empresas às exigências da globalização expõem vários atores (empresas, trabalhadores e sindicatos) a uma série de novos panoramas socioeconômicos, mas a modalidade de

descentralização do trabalho veio ao longo dos anos sendo considerada como uma ação inevitável pelos estudiosos visionários, assim como podemos comprovar no importante artigo publicado na revista *The Economist*, em 21 de Dezembro de 1989, sob o título “*Os futuros que já aconteceram*”. Peter Drucker já previa este cenário quando registou:

Até o final do século XX as empresas passariam por uma reestruturação cada vez mais radical, que seu tamanho será uma decisão estratégica e que elas seguiriam duas novas regras: As atividades ou funções que não representarem a essência da missão da empresa serão subcontratadas e o trabalho será levado onde estão as pessoas, em vez de trazer as pessoas ao local de trabalho. (Drucker, *apud in* Pagnoncelle, 1993)

Na perspectiva de outros autores, também ficou clara a inevitabilidade da terceirização, pois observado por Bento (2008), a confecção é o elo mais frágil e menos automatizado da cadeia têxtil, nele, o trabalho é em grande parte manual e não dispensa a força de trabalho das costureiras. Para aumentar a produção e diminuir o seu custo, Rech (2006) relatou que a desverticalização foi uma das estratégias adotadas, e com o uso da terceirização ou da subcontratação de serviços, visou-se a redução dos custos e a agilização produtiva. Já na perspectiva de Correia (2004), isto resultou na descentralização espacial produtiva das empresas. Com a descentralização, outras áreas geográficas, muitas vezes sem tradição industrial, porém, com mão de obra abundante e barata começaram a ser exploradas.

Como a indústria de confecção é um seguimento estruturado no uso intensivo de mão de obra e sem grandes exigências de inovação técnica, limitada por vezes, tão-somente a uma ou duas máquinas de costura industriais e ao trabalho manual, gerou facilidade para que este trabalho fosse expandido e feito fora das fábricas. Segundo Correia (2004), as indústrias de confecções, caracterizadas pelo processo de produção intensiva em mão de obra e forte empregadoras, principalmente de mulheres, são parte importante e tradicional do mercado de trabalho do Brasil e de Portugal.

No entanto, conforme afirma Antunes (1999) em seu estudo, *Trabalho e Precarização*, o processo de reestruturação decorrente das crises económicas dos anos 80 e da abertura dos mercados nacionais produtiva no setor, dez anos depois veio afetar profundamente as formas de emprego desta indústria. Neves e Pedrosa (2006) vieram corroborar e ampliar a percepção daquele autor, quando avaliaram que nesse cenário de economia globalizada e de forte competição, a indústria do vestuário foi duramente atingida, tendo como consequência, a impreterível reestruturação do setor e a flexibilização das

relações de trabalho, quando as empresas passaram a descentralizar suas atividades de produção em diferentes espaços territoriais e, na maioria das vezes, o trabalho das mulheres foi incorporado ao próprio domicílio, cujo objetivo primordial é a redução dos custos, especialmente os encargos sociais.

Processo terceirização produtiva

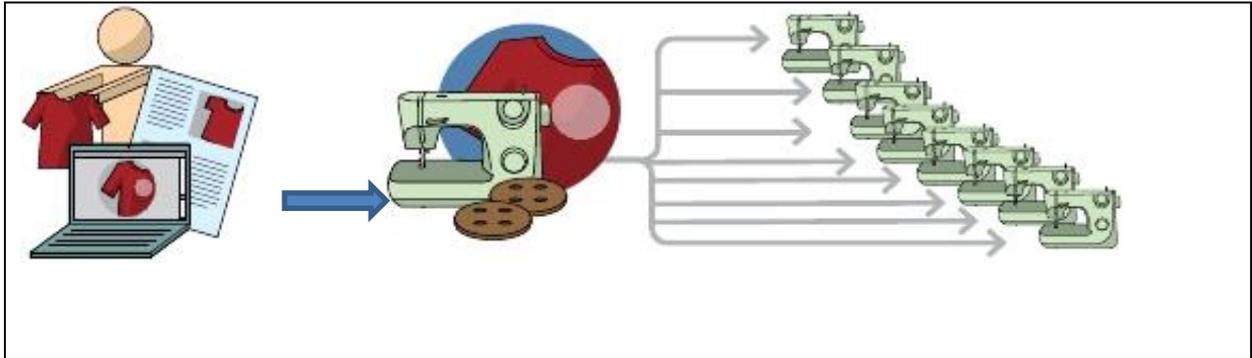


Ilustração 2 - Fonte: Cartilha ABIT- 2011

Para Duarte (2009), a necessidade da flexibilização produtiva para a competitividade seguiu a tendência de as empresas se especializarem em atividades elementares do processo produtivo, focalizando no seu *core business*. É por isso normal assistirmos à desintegração vertical de muitas grandes empresas, em empresas menores que, completando a cadeia, desenvolvem a sua atividade de forma independente.

A economia informal, segundo Matsuo (2009), no curto e no médio prazo continuará sendo muito expressiva, constituindo uma das poucas opções de trabalho e renda para parcela da população. Portanto, o mesmo autor coloca a necessidade de discutir políticas para esse heterogêneo segmento na perspectiva de promover condições favoráveis ao trabalho decente. Apesar de a formalização subsistir, há um contingente muito grande de pessoas inseridas em unidades produtivas pouco estruturadas, trabalhando por conta própria como estratégia de sobrevivência, fora da proteção previdenciária e trabalhista básica.

3.3- O impacto da reorganização produtiva para a trabalhadora nas indústrias de confecção de vestuário

O processo de internacionalização e o conseqüente ajustamento das empresas às exigências da globalização expõem vários setores a uma série de novos panoramas socioeconómicos, mas o impacto da globalização no emprego não é consensual. Se por um lado, surgem novas oportunidades para a criação de empresas e expansão de empresas existentes, por outro lado estamos perante a uma redução de emprego. (ABRAVEST, 2014)

De acordo com dados da comissão europeia, Lima *at al.* (2008) relatam naquele estudo, que a aceleração da liberalização do comércio mundial, aliada ao fraco crescimento económico da Europa, implicou a perda de 860 mil postos de trabalho apenas no setor têxtil e do vestuário, setores de grande relevância para a economia portuguesa.

Também na indústria brasileira, Jinkings & Amorim (2006) constataram que a incerteza e o aumento do desemprego, implicaram na diminuição dos salários reais, somando-se a isso a expansão contínua da informalidade. Nesse quadro, ocorre também o crescimento explosivo de micro e pequenas empresas têxteis na década de 1990, que podem ser consequência da expulsão de enorme contingente de trabalhadores do mercado formal de trabalho e das tentativas desses trabalhadores de se reinserirem no mercado de trabalho. O emprego precário, segundo Kovács (2005), assume carácter involuntário, pois não havendo melhor alternativa os trabalhadores optam por este tipo de relação trabalhista. À classe trabalhadora, vista na precariedade e na informalidade, pela ausência do reconhecimento do vínculo empregatício, parece ter restado a lógica do “melhor que nada” quando se sujeitaram às exigências de produtividade e a baixa remuneração da sua mão de obra constituindo um novo universo do trabalho vincado pela diversidade e heterogeneidade da atuação da força trabalhadora.

As constantes alterações e mudanças de paradigmas, também trouxeram a necessidade de readaptação por parte da classe trabalhadora. “Os trabalhadores passaram a se definir menos como seres coletivos, e mais individualizados. A modernização em curso impõe o primado das identidades do “eu” sobre a identidade do “nós”, deste modo, de formas individualizantes e diferenciadoras, sobre as formas colectivas e generalizantes” (Dubar, 2001). Para Neves e Pedrosa (2007), esse enfraquecimento dos direitos sociais e da regulação do trabalho possibilita a multiplicação de atividades precarizadas, gerando flexibilização do contrato de trabalho, das condições de trabalho, da jornada de trabalho e uma extensão/interação entre o espaço privado/doméstico e o espaço económico/produtivo.

Neste âmbito, segundo Pimentel (2010), o trabalho da costureira ficou considerado pela terceirização, como um trabalho precarizado, flexibilizado e alienante. Também a mesma autora reitera no mesmo estudo, que diante dessa reestruturação produtiva, verificase uma expansão da flexibilização do trabalho, o que significa que as leis do mercado e a vontade autónoma de empregados e empregadores passam a ser os eixos das relações de trabalho. Como são previsíveis, os que ficam com a pior parte são os setores mais frágeis desta relação, ou seja, os trabalhadores. Esta flexibilização do trabalho, implica: 1- No fim da estabilidade do trabalho, quando abre o campo dos contratos temporários, o trabalho em tempo parcial, entre outros; 2- Extensão da jornada de trabalho e redução dos dias de descanso; 3- Redução das cargas de trabalho e sociais do patrão como sonegação dos direitos e benefícios assegurados na legislação; 4- Desempenhar tarefas segundo as necessidades dos empregadores; 5- Ajustar os salários de acordo o rendimento e a produtividade. (Tamayo, 1998, p.279, *apud in* Pimentel 2010)

Cadeia Produtiva do setor de confecção a partir de terceirização

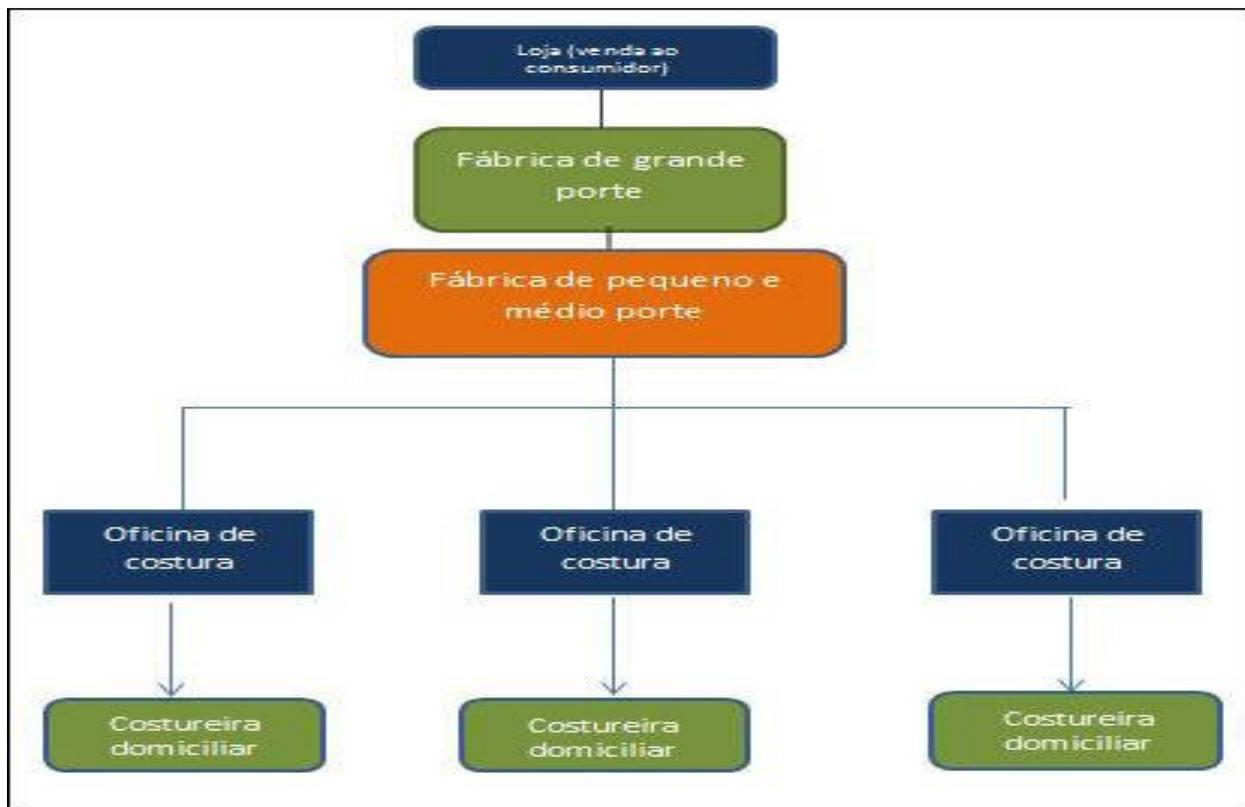


Ilustração 3 - Elaboração própria com dados de Matos (2008)

A estrutura básica de uma cadeia no setor de confecção, após a nova configuração do mercado pode ser demonstrada conforme a ilustração anterior, em que a empresa em rede

distribui suas atividades por meio de cadeias produtivas, com empresas de grande porte, parte de uma empresa formal, no elo superior, seguido de pequeno ou médio porte e mais abaixo por confecção, oficinas (chamadas de façções) e trabalhadores a domicílio no elo inferior da cadeia, geralmente mulheres. Este efeito cascata é financiado pelo tipo de contratação por terceirização, quando uma empresa central terceiriza parte da produção para outra empresa que terceiriza para outra. Portanto, é esse o processo que fragiliza as condições de trabalho e as garantias de direitos trabalhistas anteriormente assegurados.

4 - O ofício da confecção de vestuário como prática social e fator de inclusão

4.1 - A relevância do fator humano no elo da confecção

É preciso que se diga de forma clara, afirmou Antunes (1999): “Desregulamentação, flexibilização, terceirização; todo esse receituário que se esparrama pelo mundo empresarial, são expressões de uma lógica societal onde o capital vale, e a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução deste mesmo capital. Isso porque, em sua opinião, o capital é incapaz de realizar a sua autovalorização sem servir-se do trabalho humano. Pode diminuir o trabalho vivo, mas não eliminá-lo. Pode precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo”.

Para Melo e Duarte (2001), a tendência para a utilização de sistemas cada vez mais automatizados, de elevada tecnologia e cada vez mais flexíveis no subsetor da têxtil, tem-se traduzido na redução de trabalhadores manuais, a favor de efetivos, habituados a lidar com sistemas sofisticados de controlo e supervisão de operações que exigem pessoal com um elevado nível de formação. Pelo contrário, a indústria de vestuário, por ainda se encontrar a um nível baixo de automatização, continua muito dependente de mão de obra e com custo de criação de postos de trabalho relativamente baixos. Estes tipos de processos industriais, trabalho intensivos e que exigem pouco investimento, são ideais para o arranque da industrialização dos países em desenvolvimento que, como dispõem de valores salariais muito baixos, possuem vantagens significativas.

Ainda na opinião de Melo e Duarte (2001), a redução de custos tem sido assim alcançada: quer através de uma melhoria da produtividade, com a utilização de maquinaria mais automatizada e de sistemas de produção bem controlados, que garantam um nível de eficiência elevado como tem sido o caso da Irlanda, Grécia, Portugal e Espanha, ou quer

obtendo parte da produção nos países de baixo custo. Os produtos mais complexos são produzidos nas próprias fábricas, mas o seu preço é compensado pelos que são fabricados em países de baixo custo e, deste modo, conforme observação de Strauss e Corbin (2008) é obtido um custo médio ponderado, chamado *mixed cost*, que resulta acessível e mais competitivo. Na União Europeia, Agis *at al.* (2001) relatam que a capacidade produtiva tem diminuído continuamente, favorecendo o surgimento de um novo modelo de negócio, no qual os produtos são desenhados e comercializados por empresas europeias, mas a continuidade do processo é deslocalizado para fora da UE, para países com custos mais baixos.

No entanto, do ponto de vista de toda cadeia produtiva da moda, no elo da confecção, a possibilidade de inovação tecnológica ainda tem sido marginal, dada a grande relevância do fator humano que está longe de se tornar obsoleto, nesta linha de importância que assume o capital humano dentro da indústria, Luiz Cláudio Leão (2013)² foi pragmático ao afirmar que:

Para o desenvolvimento organizacional sustentável não se pode deixar relegada a segundo plano a valorização e o investimento no maior ativo da empresa: seu capital humano. O valor de cada indivíduo contribui para o crescimento da empresa e pode ser aumentado ou depreciado de acordo com as políticas e práticas de gestão aplicadas. Embora possam visualizar as pessoas como recursos, isto é, como portadoras de habilidades, capacidades, conhecimentos, competências, motivação de trabalho e outros, as empresas não deverão esquecer que pessoas são pessoas, isto é, portadoras de características de personalidades, expectativas, objetivos pessoais, histórias particulares, e isso melhora a compreensão do comportamento humano nas empresas. As costureiras estão cada vez menos interessadas em sua profissão porque não há um plano de crescimento, passaram a serem meras fornecedoras de confecções. Cada pessoa é uma inteligência a serviço da confecção e não um simples conjunto de músculos e habilidades físicas, as costureiras merecem ser alçadas à categoria de fornecedoras de conhecimento e de competências, vistas como parceiras. (Leão, 2013)

² Luiz Cláudio Leão é coordenador do SSCP - Sistema SENAI de Certificação de Pessoas (SENAI/CETIQT) e idealizador e desenvolvedor da Metodologia das Pequenas Unidades de Produção Inteligente – PUPI.

4.2 - A condição da mão de obra feminina na indústria de vestuário e as questões de género

De acordo com Guiraldelle (2012) é relevante pontuar que, historicamente, a indústria da confecção contribuiu de forma significativa para o ingresso das mulheres no mundo do trabalho. Porém, observa-se que ocorreu uma “inserção marginalizada” das mulheres na esfera produtiva, face ao processo de reestruturação capitalista, pois a presença feminina nesse setor económico foi majoritariamente nos espaços periféricos, marcados pela precariedade do trabalho, sustentando a divisão sexual do trabalho. Às trabalhadoras, ficaram reservados os postos de trabalho informais e subcontratados, e quando lhes foram assegurados os espaços fabris e formalizados, as tarefas reservadas ao público feminino foram caracterizadas pela desqualificação, repetição e menores salários, como é o caso da costura.

Tal realidade, apenas corrobora a atualidade do debate sobre a divisão sexual do trabalho, tendo em vista desvelar as múltiplas evidências das relações sociais expressas nas atividades produtivas e reprodutivas a partir do recorte de género. Neste sentido, Silva (1985) e Bradley (1989) denunciam uma forma de segregação vertical, que atua sobre a mão de obra feminina, pela qual ela se concentra nos níveis mais baixos da hierarquia técnica, funcional e salarial na estrutura das empresas ou nas categorias ocupacionais.

A mulher trabalhadora, por ser frequentemente relacionada com padrões de comportamento considerados típicos da mão de obra feminina como: paciência, perspicácia, fidelidade, maior aceitação de trabalhos enfadonhos e resistências à monotonia, que resultam em maior docilidade à dominação do capital. Aquelas qualificações silenciosas, preciosas para o empregador, mas sem muito valor socialmente, facilitam uma superexploração da mão de obra feminina. Tais habilidades, admiradas e buscadas por muitos empregadores foram bem expressas por Kergoat (2003 p.54): “As mulheres têm dedos de fadas e manipulam melhor os minúsculos componentes electrónicos ou a habilidade da mão de uma operária que executa trabalhos finos é simplesmente demoníaca”. No entanto a mesma autora (2003, p.55) revela que as tais habilidades tão apreciadas inicialmente pelos empregadores, por não serem admitidas como qualificações adquiridas, mas como dons natos, como factos da natureza e não como factos da cultura, não contam para a sua melhor valorização no âmbito profissional. O que serve para sustentar sua exclusão das categorias de trabalhadores qualificados.

Ao analisar a presente organização em rede da economia mundializada, Castells (1999) aponta a predominância de mulheres e jovens nas empresas periféricas da rede, nas

quais elas constituem uma mão de obra considerada dispensável e facilmente substituível, empregada em carácter temporário ou como trabalhadores em tempo parcial. Ou seja, as condições de desvantagem da mulher continuam presentes na mais avançada configuração económica e social contemporânea.

No que se refere à realidade das mulheres costureiras, estas ficam à sombra do anonimato social, apesar das exigentes taxas de produtividade das fábricas. Abreu e Sorj (1993) retratam que a vivência profissional das trabalhadoras da costura em sua grande maioria, se dá como trabalhadoras anónimas em seus domicílios, constituintes das micro-indústrias de costureiras, num sistema marginal, de economia invisível, de baixo nível de organização e sem a menor representação de interesses ou proteção social das trabalhadoras.

Em sua obra, “*O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confeção*”, Abreu (1986) abordou a posição de extrema fraqueza das costureiras, que conscientes disso por se sentirem sozinhas, não se veem capazes de fazer reivindicações, daí a única possibilidade de ação, em caso de crise, é abandonar o trabalho e procurar outra confeção.

Para Guiraldelli (2012), a divisão sexual do trabalho compreendida como um construto que se modifica historicamente diante das sucessivas alterações da vida social, se estrutura e se organiza no mundo do trabalho na contemporaneidade de forma a conceber espaços diferenciados aos homens, ou seja, aqueles de maior qualificação, prestígio, *status* e melhores salários, enquanto que às mulheres são reservadas, predominantemente, atividades marcadas pela precarização, baixos salários, desprestígio e baixa qualificação, reforçando as assimetrias e desigualdades de género, em tempos de disputas e lutas pela garantia de projetos societários democráticos, igualitários e emancipatórios. Sendo assim, não se pode desconsiderar a divisão sexual do trabalho na compreensão da questão social e no entendimento das transformações societárias, tendo em vista que formas de discriminação e opressão, envolvendo as relações sociais entre homens e mulheres, ainda se fazem presentes e exigem estudos, pesquisas e problematizações com vistas a possíveis superações.

Em especial na indústria, as tarefas reservadas às mulheres são via-de-regra, as consideradas mais leves, mais simples e, inegavelmente, as mais repetitivas e mais monótonas, que requerem mais paciência e execução mais minuciosa, porque, explícita ou tacitamente, elas são entendidas como mais adequadas às aptidões consideradas inerentes ao sexo feminino. Sistemáticamente, essas tarefas são também consideradas como não qualificadas, que na opinião de Bradle (1989) vai constituindo o que se poderiam chamar

guetos femininos no mercado de trabalho. Tal constituição faz com que a concepção da igualdade de género na esfera produtiva de vestuário torne-se questionável.

4.3 - A Cultura da costura e a transferência do saber fazer

Inicialmente, o que se pode dizer é que as costureiras passaram por várias transformações e mudanças de definição ao longo dos séculos. Sendo mais ou menos valorizadas, e apesar de ser uma profissão tradicional continua a ser fundamental para a sociedade e principalmente para as engrenagens da moda. Abreu (1986) tratou em sua obra, de classificação das formas de atuação que o conhecimento da costura possibilita:

A costura enquanto saber pode assumir várias formas: desde uma forma exclusivamente doméstica, quando se torna apenas uma faceta adicional do trabalho doméstico de responsabilidade da dona de casa; uma forma artesanal, no caso das costureiras que tem freguesia particular; até formas mais diretamente ligadas ao capital, quer numa relação de assalariamento típica, numa grande fábrica ou em pequenas confeções, quer sob a forma do trabalho industrial a domicílio.

Com a abertura do mercado brasileiro para as importações em 1990, a indústria brasileira precisou se modernizar para poder competir com os importados. O acesso aos importados no país, fez com que os consumidores se conscientizassem mais sobre a moda, tornando-se mais exigentes, o que forçou as empresas a estarem mais atentas para estes novos consumidores. A partir daí, iniciou-se um processo de profissionalização de toda a cadeia produtiva, pois vai longe o tempo em que as pessoas aprendiam no chão de fábrica, ou no seio familiar. Hoje, elas precisarão ir atrás de conhecimento e especializarem-se, o que mobilizou também o interesse das empresas em favorecer cursos de capacitação por meio de parcerias com órgãos públicos da esfera municipal ou estadual como uma das alternativas para suprir a falta de mão de obra capacitada. (ATP, 2013)

No Brasil, as empresas contam com o sistema “S” (SESI-SENAI-SENAC-SEBRAE). O Sistema “S” é a grande estrutura educacional mantida pela indústria, um sistema de ensino técnico que é forte aliado do empresário na capacitação de trabalhadores e aperfeiçoamento profissional. Em Portugal, também os interessados contam com uma grande instituição de ensino dedicada à formação profissional para o setor de moda têxtil, presente em vários pontos do país que é o MODATEX.

No entanto, segundo relatos do presidente do Sindicato do Vestuário do Paraná-SINVEPAR, Claudio Letreille (2014), sistemas de ensino há, o maior problema é a falta de pessoas para qualificar e explicou:

Entre 2005 e 2010, o Sinvespar realizou seu planejamento com foco em formação e qualificação, em parceria com os municípios e o SENAI, e foram instalados cinco laboratórios de aprendizagem em costura industrial e dois centros avançados, para treinar pessoas em todos os segmentos. Até o início de 2010, a região formava em torno de 350 a 500 pessoas por ano nas sete escolas. A partir de 2011, a procura foi reduzindo em torno de 30% ao ano e atualmente só saem cursos quando são ofertados por meio de programas sociais, para o apoio a mulheres que querem aprender o ofício da costura para terem uma atividade extra ou fazerem pequenos consertos domésticos. “Há mais de um ano não são fechadas turmas específicas para formar operadores de costura industrial para as fábricas”.

Com a dimensão do mercado consumidor que o Brasil possui e o número significativo de pequenas empresas com mercado local-regional, que têm dificuldades para acessar o mercado internacional, Latreille (2014) ainda afirmou que: “nós vamos precisar sempre de costureiras, a profissão de costureira é essencial, não há como ser diferente, e que o grande desafio do setor de produção de vestuário é achar formas para atrair e manter jovens profissionais”.

Em Portugal, o estudo prospetivo, desenvolvido pela ATP - Plano Estratégico 2020 (2014, p.53) contemplou a importância de se mudarem os rumos dos cursos de qualificação profissional, quando determinou como 5º ponto estratégico, a valorização dos recursos humanos, alertando naquele mesmo documento, que sem recursos humanos qualificados todos os objetivos estratégicos elencados não passarão de um exercício de boas intenções, incapazes de serem concretizados.

De acordo com as autoridades portuguesas do setor, o objetivo prospetivo deste trabalho, no que diz respeito à qualificação do capital humano é promover, nos anos vindouros, a construção de um setor moderno, valorizado e diversificado, de modo a manter a sua importância relativa no conjunto das atividades económicas nacionais e continuar a apresentar-se como relevante à escala europeia ficando assim prospetado quanto à qualificação profissional de seus operadores:

Os centros de formação profissional, historicamente destinados à qualificação inicial e de ativos, têm necessidade de se reinventarem e de se sintonizarem com as carências

atuais da atividade, de forma a estarem preparados para responder aos desafios do mercado em permanente mudança. Deverão reorientar os seus currículos para esta nova realidade, apostando essencialmente em cursos de formação que complementem as insuficiências de qualificações médias ao nível operacional, mas com a necessária flexibilidade para permitirem adaptações e uma evolução constantes, em cursos dirigidos à terciarização das atividades industriais. Deverá contemplar cursos e metodologias capazes de estimular o gosto permanente pela aprendizagem, pela qualificação e valorização pessoal, de modo a que o indivíduo seja efectivamente uma peça activa no crescimento da empresa e, portanto, um dínamo na organização e não um peso morto, agente de acomodação e da indiferença. (Plano estratégico 2020, ATP, 2014).

Pelo mesmo estudo da ATP (2014), ficou evidenciado que as transições a que as indústrias de vestuário sofreram com a implantação de processos que exigem maior qualificação dos seus operadores, estes deverão ser mobilizados a estarem mais engajados, sabedores da importância de disponibilizarem as suas habilidades e conhecimentos como verdadeiros parceiros, como parte do processo. Registou-se também o compromisso de celebrar protocolos com as escolas técnicas, para que de forma partilhada possam estar em sintonia com as indústrias de forma desenvolver estratégias de formação mais próximas da realidade e das necessidades das empresas e se tornarem instrumentos de excelência na qualificação proativa e eficiente dos recursos humanos mais capacitados a responderem proativamente os desafios da indústria moderna inserida na cadeia global.

No caso das costureiras que mesmo sem nenhuma aquisição formal de conhecimento, conseguiram galgar ao nível de profissional técnica, mediante os avanços tecnológicos e as várias alterações do processo produtivo, necessitam de apoio e incentivo para se adaptarem e evoluírem juntamente com todo o setor. Holzmann (2000) constatou que nas indústrias de grande porte, a partir da introdução de tecnologia microelectrónica e de novas formas de gestão da mão de obra abrem-se, em pontos estratégicos da produção, oportunidades de treinamento e reinserção profissional para muitas dessas mulheres.

Como desenvolvedor de metodologias das pequenas unidades de produção para as confeções industriais, Leão (2013) reclama a falta de um plano de crescimento profissional, capaz de manter as profissionais da costura mais motivadas, a se sentirem parte do processo como uma inteligência a serviço da confeção e não como um simples conjunto de músculos e habilidades físicas. Ainda advertiu que os empresários estejam atentos e transformem as empresas em ambientes organizacionais onde a mágica da produção sustentável possa acontecer pela parceria e também que requalificassem o ambiente em ambiente formador,

onde as costureiras pudessem aprender a cada dia uma ação planeada e que colaborasse para transformá-las em profissionais com visão macro, que agissem como time de excelência, onde imperasse o espírito de equipa.

Assim, acredita-se que quem trabalha com, ou para a empresa de confecção de vestuário, precisa alcançar uma qualidade diferenciada, e se assim não for o sistema emperra, pois diante de uma economia globalizada, já se vai longe o tempo em que competir pelo preço bastava, é preciso entregar valor agregado. Portanto investir no desenvolvimento do capital humano é garantir à produção a qualidade diferenciada que garante a capacidade produtiva e consequentemente competitiva das indústrias de confecção de vestuário.

5 - As novas morfologias do trabalho na indústria de vestuário

As metamorfoses do mundo do trabalho, conforme analisou Pereira (2011), transferiram o processo de produção para diferentes espaços, separaram os trabalhadores, diversificaram as formas de relações de trabalho e provocaram alterações na construção da identidade profissional em vários setores, especialmente na indústria de confecção de vestuário. As recentes transformações económicas e sociais: globalizações, inovações tecnológicas, reestruturação produtiva, intensificação da competitividade, entre outras, proporcionaram o surgimento de novos modos de identificação das mulheres costureiras, pelo trabalho domiciliar como autónoma ou terceirizada, pequenas oficinas de costura, ou também pelas novas modalidades de flexibilização do trabalho como é o caso das cooperativas.

5.1 - O trabalho autónomo das costureiras domiciliares

Diz-se do trabalhador autónomo, o individuo trabalhador dono de si, que determina o seu horário de trabalho, assim como a busca dos seus clientes; é o responsável pelas suas condições de trabalho e riscos decorrentes, e também é dono dos meios de produção. Nesse mesmo sentido, Maranhão e Carvalho (1993, p.64) definiram: “Trabalhador autónomo é o que exerce, habitualmente e por conta própria, uma atividade profissional remunerada”.

O segredo da permanência de serviços tradicionais como o trabalho da costureira domiciliar é a exclusividade. A oferta de um serviço e atendimento personalizado é o diferencial que mantém a fidelidade de uma clientela específica e exigente. A consciência deste tipo de trabalho já considerado “escasso”, mas com demanda de um mercado seletivo de

peças que não se adaptam à moda massificada oferecida pelas indústrias de vestuário, traduz o vitalismo e o perdurar deste grupo de profissionais autônomas e domiciliares. (Rodrigues, 2013)

No entanto, lançando mão das pesquisas realizadas na rede, importantes reportagens sobre o tema proposto foram encontradas. Dentre tantas se destacou uma, que ainda que datadas de maio de 2010 teve valor, por demonstrar que a problemática da escassez de costureiras tem vindo a se arrastar, e que o clamor por novas profissionais naquelas reportagens ainda soam bastante atuais. No *site* do jornal Estado de Minas Digital (2010), por exemplo, numa reportagem de Geórgia Choucair sobre “Valorização: Costureiras autônomas se tornam mais caras e mais raras”, foi revelado que o rendimento das costureiras autônomas chega a ser de três a quatro vezes superiores ao das colegas da indústria e que a mão de obra exclusiva tem preço. O custo para produzir cada peça encomendada às costureiras autônomas é sete ou oito vezes maior do que nas indústrias, afirmou na sua entrevista, a costureira Sônia Mendonça. Sônia que juntamente com a filha Priscila trabalham no Atelier e contam que jamais trocariam o trabalho caseiro exclusivo pela produção industrial, justificou Sônia Mendonça:

Na fábrica tudo é mais metódico. “Não vou trocar a minha liberdade, criatividade e contato com o cliente pelo serviço da indústria”, afirma Sônia. A costura personalizada também tem mais valor. “Em um vestido que eu cobraria de R\$ 70 a R\$ 80 de um cliente particular, a fábrica me paga no máximo de R\$ 10 a R\$ 15 pela produção em série”.

Outra personagem daquela reportagem que veio colaborar com o tema em questão foi a costureira autônoma Betânia da Silva Coimbra, especializada em uma linha mais clássica de roupa de festa há 25 anos, com agenda sempre lotada, explicou:

“Só aceito encomenda para entrega a partir de março. As férias estão comprometidas, Faz oito anos que não consigo tirar férias. Em alguns períodos trabalho de 15 a 18 horas por dia”.

A escassez desta mão de obra, na avaliação da mesma profissional autônoma, ocorre por falta de interesse da juventude na profissão de costureira. “Na época da minha mãe, todo mundo sabia costurar. Ela trabalhou 45 anos com costura e eu acompanhava, fazendo roupas para minhas bonecas”, lembra. Betânia cobra cerca de R\$ 160 para produzir vestidos curtos

de festa e R\$ 280 para os mais longos. “Já tive vários convites de fábricas, mas não vale a pena. Em uma indústria, me pagariam em torno de R\$ 20 por peça”. (Costureira Betânia)

No entanto, em virtude da demanda com que o setor é favorecido, Gladyston Rodrigues, no *site* do jornal Estado de Minas Digital (2013) descreve que o mesmo drama parece se repetir, e assim como acontece nas indústrias de confecção, o grande desafio das próprias costureiras que trabalham como autônomas em suas casas ou em estabelecimentos alugados também é encontrar profissionais qualificados para alavancarem na carreira. A costureira profissional Maria Azevedo Torres, de 67anos, comentou:

Não é fácil. Essa safra de mulheres costureiras está acabando. Não sei como será no futuro, já que aquelas que estão na ativa estão mais velhas. A demanda é grande e se o profissional tiver qualidade no serviço consegue uma boa renda.

A invasão da confecção chinesa no mercado nacional não prejudicou o trabalho das costureiras autônomas, segundo a costureira Sônia Mendonça: “Tudo que é feito em grande escala não tem a mesma qualidade, o mesmo corte e caimento. E a mão de obra da costureira está escassa. As pessoas não querem mais fazer curso de corte e costura”. (EM Digital, 2013)

De acordo com a reportagem de Paula Takahashi no jornal Estado de Minas Digital, (2010), com 120 vagas abertas para o curso técnico em confecção, o gerente do Centro de Desenvolvimento Tecnológico para Vestuário do SENAI Modatec, José Domingos Peixoto garantiu que as 35 vagas, requisito mínimo para abertura das turmas, estavam longe de ser preenchidas que o curso foi criado para suprir a própria necessidade do setor de confecção. Hoje já é preocupante a falta de profissionais qualificados, ocasionando de tal forma a possibilidade do já intitulado apagão de mão de obra. Ele observou também que a procura pelos cursos técnicos têm sido cada vez menor e, em geral, somente 30% das vagas são ocupadas.

Dados revelam que não é por falta de boas perspectivas de mercado, segundo o SENAI-MG (2010), atualmente uma costureira pilotista (que monta a peça modelo inteira) já sai empregada com salário de R\$1,1 mil, enquanto uma modelista pode ganhar até R\$ 2,5 mil de remuneração inicial. Porém neste setor, ainda concluiu o gerente do SENAI que o maior ganho está com as que trabalham como autônomas, mas estas têm a experiência a seu favor, em comparação às iniciantes recém-saídas dos cursos técnicos.

5.2- Microempreendedoras informais - Atelier de costura como autoemprego

No Brasil, segundo análise de Pereira (2011), o empreendedorismo aparece também associado ao crescimento do trabalho informal. Uma parcela significativa dos novos empreendedores é composta justamente por trabalhadores que resolveram criar seu próprio empreendimento ou um negócio ou então, que foram expulsos do mercado formal de trabalho e não veem alternativa de sobrevivência a não ser por meio da criação de algum tipo de empreendimento, também como informal, mas na maioria das vezes, optam pelo próprio negócio como uma transposição de trabalho informal precário ao empreendedorismo informal em muitos casos, também precário como alternativo; vista por muitos estudiosos do assunto como uma estratégia de obtenção de renda fora do sistema de flexibilização das relações de trabalho, adotado em grande escala pelas indústrias de confecção de vestuário.

Importante estudo de Moretto e Capacchi (2006) destaca os empreendimentos por conta própria e os pequenos negócios, como meios potenciais para absorver pessoas desocupadas em função de ajustes estruturais ou da racionalização econômica da grande empresa, direcionando o debate sobre o setor informal urbano para a ótica de sua importância econômica e social, no sentido de enfrentar o dilema colocado para as políticas públicas: A regulação do setor formal pode ser estendida para as atividades informais sem sufocar as suas possibilidades de crescimento. Neste sentido, mesmo reconhecendo a precariedade das condições de trabalho predominantes no setor informal (mas, que também se observa no setor formal), as autoras ressaltaram que é necessário desenvolver políticas que dêem suporte para este amplo conjunto de atividades.

Em 2002 a OIT reconheceu a importância social das atividades do mercado informal, passando a utilizar a expressão “economia informal”, ressaltando a dinamicidade própria daquele setor. Com vistas a combater todas as situações de extrema exploração e de aviltamento das condições de trabalho digno, a organização passou a dar o seguinte conceito de economia informal, incluindo as seguintes categorias: **a)** Trabalhadores independentes típicos (microempresa familiar, trabalhador em cooperativa, trabalhador autônomo em domicílio); **b)** “Falsos” autônomos (trabalhador terceirizado, subcontratado, trabalho em domicílio, trabalhador em falsa cooperativa, falsos voluntários do terceiro setor); **c)** Trabalhadores dependentes “flexíveis” e/ou “atípicos” (assalariados de microempresas, trabalhador em tempo parcial, emprego temporário ou por tempo determinado, trabalhador doméstico, “teletrabalhadores”); **d)** Micros empregadores; **e)** Produtores para o autoconsumo; **f)** Trabalhadores voluntários do terceiro setor, economia solidária. (Krein e Proni, 2010, p. 12)

O ponto a destacar é que, no cenário atual, muitas das ocupações que poderiam ser consideradas como “autoemprego” e “pequeno empresário” constituíram-se, na realidade, em relação de emprego disfarçada. A relação é de subordinação a uma lógica mais geral de organização da produção (bens e serviços) e de acumulação de capital, sem que a parte contratada, independentemente do tipo de vínculo (autônomo ou terceirizado, trabalho estágio etc.), tenha autonomia na determinação de suas funções, ficando numa relação de dependência direta ou implícita a um empregador, tanto pela regularidade da atividade quanto pela definição das atividades no tempo e no espaço, assim como pela forma de remuneração, como é o caso dos donos de oficinas de costura.

5.3 - Atelier de costura - especializado em conserto e customização de vestuário

A explosão do mercado de roupas prontas (confeccionadas industrialmente) se deu a partir da década de 60 e início dos anos 70, acompanhando a industrialização de outros setores. Nos últimos doze anos, a peça industrializada viabilizou uma nova oportunidade para reintegração das costureiras como prestadoras de serviços, quando o seu produto comercializado passou a ser “soluções em costuras”, valor entregue por meio de pequenas alterações e adequações das peças de vestuário ao gosto ou ao corpo dos clientes.

Segundo orientação do SEBRAE, no mercado da moda e da confecção as empresas podem desempenhar diferentes atividades relacionadas a essa cadeia produtiva. Empreender um negócio de consertos e reparação de roupas é estar posicionado no mercado próspero de prestação de serviços. A escassez de tempo das pessoas para se dedicarem a serviços fora da sua área de atuação, aliada ao fator económico e às necessidades de adaptações de largura ou comprimento devido as alteração do corpo, são fatores que garantem a sustentabilidade de um empreendimento no ramo de conserto de roupas e acessórios de moda, tais como, cintos, bolsas, carteiras, peças de decoração, lar, etc. A variedade de serviços que podem ser prestados é enorme, segundo o Portal de negócios do SEBRAE (2014).

Apesar de haver uma grande concorrência neste setor, nada impede a implantação de um novo empreendimento bem sucedido, pois se pensarmos no tamanho da demanda, que se pode calcular pelo simples facto de que, ao adquirir uma peça de vestuário numa loja é facto que ela está pronta para levar, mas nem sempre pronta para vestir, na maioria dos casos haverá sempre a necessidade de um toque profissional para melhor adequação ao corpo.

Neste sentido, as transformações socioeconômicas que em muitos casos trouxeram desestabilização na vida profissional das costureiras, foram as mesmas que também criaram condições favoráveis para a consolidação da nova indústria de prestação de serviços no ramo de consertos/arranjos de costura. Foi pela facilidade disponibilizada ao consumidor de adquirir peças já fabricadas nas lojas que a atividade de atelier de costura de consertos se revigorou e se expandiu por todo lado e garantiu a reinserção das costureiras no mercado de trabalho (formal e informal). Em muitos casos, até deu-lhes a oportunidade de abrirem o seu próprio negócio, dado o baixo investimento necessário, pois apenas uma ou duas máquinas de costura são suficientes para iniciar um pequeno negócio e atender a uma demanda cada vez mais crescente.

5.4 - “Private Label” - A terceirização de valor agregado

As indústrias, por meio da terceirização total do produto, buscaram distanciar-se do processo fabril e concentrar seus esforços no processo da criação e comercialização dos seus produtos. A terceirização da confecção poupa o dono da marca das seguintes etapas: administração dos recursos humanos e produtivos, fases do desenvolvimento do produto, modelagem do produto, compra de matéria-prima, absorção de perdas do processo produtivo, processo fabril, depreciação e manutenção de maquinário, passivos trabalhistas e logística de distribuição. A esta nova e principal tendência do mercado globalizado na área da confecção de vestuário dá-se o nome de “*private label*”. O mecanismo é simples: alguém cria uma marca e outros confeccionam o produto.

De acordo com Silva (2010), as empresas que atuam no mercado de *private label* são aquelas que produzem mercadorias para marcas de terceiros, atendendo todas as exigências e especificações de cada cliente. São empresas que atuam 100% neste mercado, atendendo a clientes nacionais e internacionais orientados pelas suas necessidades e especificações técnicas.

Com este novo mecanismo, as grandes marcas se protegeram e transferiram os fatores críticos do negócio para a empresa terceirizada. No entanto, sabe-se que transferir não é resolver, a carência de mão de obra especializada continua emperrando o setor ou deixando-o em situação desfavorável. De acordo com artigo publicado no site de Matheus Zeuch - Empreendedorismo e Administração de Pequena Empresa, Clóvis (2012), empresário da Foccos Brazil, em São Paulo há nove anos, aponta para a falta de mão de obra especializada e

a concorrência pelo preço como os grandes gargalos do setor: “Quem faz *private label* geralmente trabalha para grandes marcas ou então marcas com volume pequeno, porém com alto valor agregado e as grandes marcas estão cada vez a produzir em países cujo custo é muito baixo (a China, por exemplo), conclusão: a concorrência interna aumenta, mas o que parece saudável não é, pois somos obrigados a baixar os preços de forma perigosa para manter nossas fábricas rodando”.

Ainda há poucos números sobre o segmento de *private label* na América Latina, mas estudos do *Euromonitor International, The future of private label* (2005), mostraram que este caminho já está em alta na última década, especialmente pela possibilidade de que a produção mantenha-se até 30% mais barata do que em fábricas próprias. Na América Latina em países como Argentina, Colômbia, Brasil e Peru as *private labels* capazes de atender a um mercado cada vez mais exigente em qualidade, inovação e *design* estão em um momento positivo, iniciando o planejamento de expansão. Para atender às demandas dessas indústrias – em ótimo momento mercadológico – o salão *Première Vision São Paulo, The Fashion Textile Show for Latin America*, inicia pela primeira vez na América Latina o conceito “*Manufacturing*”, setor dedicado às companhias que terceirizam a produção de moda.

Em Portugal segundo avaliação de Paulo Vaz (2010), presidente da Associação Têxtil Portuguesa, este novo modelo de interação produtiva possibilitou ao setor um salto positivo da subcontratação ao *private label*, pois durante décadas a maioria das empresas limitou-se a uma passiva satisfação das necessidades dos seus clientes, que as procuravam (reduzido custo operativo), colocando-lhe encomendas integralmente especificadas na execução, sem acrescentarem grande valor. Ainda segundo o diretor geral da ATP, as mudanças profundas que o setor tem vindo a sofrer ao longo dos últimos quinze anos, o despontar de novos e mais agressivos concorrentes e a abertura dos mercados à escala global, determinaram que as empresas tivessem alterado o seu perfil e, em particular, ganhou novas e mais valiosas competências, subindo por isso na cadeia de valor do produto; deixaram de ser tomadoras de encomendas para passarem a ser vendedoras de soluções ao cliente. Esta nova geração de empresas deixou de trabalhar em subcontratação básica, para encarar o “*private label*” como um serviço sofisticado e complexo.

Por tradição fornecedora de terceiros, a indústria têxtil de vestuário portuguesa continua a trabalhar, em grande medida, em regime de subcontratação, mas já numa lógica de prestação de serviços, e a modalidade de serviço “*Private Label é a forte aposta*”, conforme reportagem veiculada no Diário de Notícias (março-2008), atualmente o sistema de *private*

label tem se alargado para além das confeções meramente a feição, há empresas portuguesas que também se responsabilizam pelas matérias-primas, pela transformação, pela embalagem e, em muitos casos, há também as que incluem ainda o próprio desenvolvimento prévio do produto. Uma prestação de serviço completa que, aliada à rapidez de resposta e à capacidade de fazer chegar amostras ao escritório do cliente, em qualquer ponto da Europa, por exemplo, em 48 horas, se torna um fator de competitividade imbatível face à concorrência oriental. Também pela tradição de qualidade no fabrico e da proximidade cultural e geográfica, o *private label* tem vindo a se desenvolver em Portugal, em virtude dos contactos e entendimentos estratégicos com os clientes.

5.5 - Oficinas de costura ou facção - O trabalho vai até à trabalhadora

Uma empresa de confeção é denominada por Caleffi (2008), como o local responsável pelas peças de vestuário como um todo, o que não significa que as produzam do princípio ao fim. Pode a empresa comprar a matéria-prima, fazer a modelagem e a peça piloto, cortar, montar apenas parte das roupas, inspecionar, colocar os aviamentos e etiquetar, e a outra parte da produção ser feita nas facções, ou seja, a definição e o corte das peças normalmente são feitos dentro da indústria e a sua confeção fora da indústria. O que levou a expansão dessa modalidade de trabalho chamada facção, altamente utilizada pelas empresas do setor para ganho de produtividade e menores custos com a produção e encargos sociais.

As “facções” são caracterizadas por serem compostas por uma costureira ou por grupos de costureiras que montam peças que já chegam cortadas. Geralmente, as facções não fazem os modelos e nem as peças piloto, segundo definição do SEBRAE- RJ (2009). A facção, que também pode ser chamadas de oficina refere-se ao trabalho informal e normalmente precário das costureiras domiciliares.

As deslocalizações produtivas favorecidas por esta modalidade de trabalho (facção) favoreceu as indústrias quanto às estratégias organizacionais para a competitividade. Tais estratégias foram abordadas por Rech (2006, p.24), como alternativa importante para a terceirização da produção de vestuário, onde outras áreas geográficas, muitas vezes sem tradição industrial, porém, com mão de obra abundante e barata começaram a ser exploradas e resultaram em uma descentralização espacial produtiva das empresas, que conduziram a uma informalização e a precariedade das relações de produção das empresas entre si e entre estas e os trabalhadores. Os aspetos de subcontratação estão sendo utilizados pelas indústrias de

vestuário, como sendo a melhor opção para a obtenção de lucratividade em escala ampliada e, em alguns casos, utiliza-se do trabalho domiciliar (facções) e das cooperativas.

No estudo realizado pelo SEBRAE e FGV chamado: “*Os territórios da moda do estado do Rio de Janeiro*”, a produção terceirizada foi caracterizada como modelo de negócio prioritário das indústrias de vestuário. Tal modalidade adotada pelo território *fashion* foi analisada naquele estudo e verificou-se que pode haver muitas variações em sua aplicação onde uma ou mais etapas da produção é terceirizada. As empresas desse tipo podem trabalhar com diversos modos de produção e com diversas confeções parceiras. Podem comprar parte da produção totalmente pronta de uma confeção, ou realizar quase todas as etapas de outra parte da produção e só terceirizar o fechamento; ou ainda realizar apenas a criação e terceirizar as outras etapas, ou ainda usar outra de várias possibilidades de combinações. Segundo análise do mesmo estudo (p.9), o processo desse circuito é considerado inevitável para o crescimento das empresas, não é visto pelos atores como maléfico, mas como forma de escapar dos encargos tributários.

Importante pesquisa realizada sobre o trabalho a domicílio na indústria de confeção de vestuário, na região de Campinas-SP, revelou para as autoras Araújo e Amorim (2000), que a invisibilidade da exploração do trabalho feminino na cadeia produtiva, que ocorre de forma silenciosa, sem constar dos registos oficiais das empresas e nem das estatísticas oficiais, deve ser considerado importante fator de atenção e preocupação, e declaram a partir deste estudo que:

Na cadeia produtiva do trabalho, as costureiras a domicílio estão totalmente subordinadas às condições de prazos, formas de pagamento e impostos, mas numa relação de trabalho precarizada, estabelecida informalmente para que as empresas possam escapar da regulamentação e dos encargos legais.

O trabalho domiciliar no Brasil, segundo Lavina (2000), ainda não tem estatuto específico na CLT-Consolidação das Leis Trabalhistas; de sorte que as empresas transferem para as trabalhadoras os custos sociais, mediante sua condição autónoma, transformando a relação entre independentes. Ou seja, sendo autónomas, as trabalhadoras deixam de ser responsabilidade das empresas, quanto ao registo em carteira e aos encargos sociais pressupostos para o empresário. Em conclusão, aparentemente, torna-se uma relação entre iguais, já que uma empresa contrata outra, para realização de serviços, porém essa empresa contratada resume-se em muitos casos em uma pessoa, a qual acaba abrindo firma para a

legalização de tarefas de prestação de serviços. Na avaliação de Leite (2004), este processo precisa ser visto pelas duas vias:

De um lado encontra-se o empregador, que busca flexibilidade, redução de custos e transferência de riscos, em um contexto de elevada competitividade. Porém de outro, estão as costureiras, mulheres, mães, esposas que acumulam a dupla função: da exclusividade dos cuidados, dos afazeres do lar e da contribuição para o sustento. Nesse contexto a indústria da confecção reforça as condições de subordinação das mulheres na sociedade, mantendo intacto o seu papel de principal responsável pelas tarefas domésticas, ainda que isso lhe custe um trabalho precário e mal remunerado.

No estudo sobre gênero, *Flexibilidade e precarização: O trabalho a domicílio na indústria de confecção*, Neves e Pedrosa (2007) observaram que a formação de cadeias a partir da desconcentração produtiva na indústria da confecção, não elimina as características tayloristas em seu processo de trabalho. Permanece a rígida divisão do trabalho, a especialização e repetição de tarefas de pouca qualidade do trabalhador em quase todas as etapas da produção, com exceção da parte da criação. A concepção do produto, que se realiza através da criação de modelos, assim como os moldes, o infesto e o corte continuam sendo realizados diretamente pela maior parte das empresas. Os moldes, por sua vez só são terceirizados quando se tratam de produção padronizada (ex. camisas masculinas), que são elaborados por sistemas computadorizados em empresas especializados. As etapas da produção que estão sendo terceirizadas referem-se à estamparia, acabamento e costura, por serem caracterizadas como atividades repetitivas.

Neste sentido, concluíram as autoras que o taylorismo é mantido ao longo da cadeia produtiva, separando-se o processo de concepção no topo e a execução nas demais unidades. As cadeias de subcontratação, que se constituíram no âmbito global ou nos espaços nacionais, permitiram que sistemas antigos de trabalhos domiciliares, artesanais e familiares, situados nesta fronteira da informalidade, revivessem e florescessem como peças centrais do sistema produtivo e não mais como segmentos marginais. Além de representarem novas estratégias de sobrevivência para as mulheres desempregadas e grupos discriminados, elas representam uma revitalização de formas arcaicas de superexploração dos trabalhadores. É precisamente nestas formas de exploração, desprovidas de qualquer segurança ou proteção legal, que se insere parte importante da mão de obra feminina. (Neves e Pedrosa, 2007)

As costureiras terceirizadas prestam serviço para as pequenas fábricas de roupas da cidade e de outras cidades também, e em alguns casos elas contratam outras costureiras para trabalharem na produção e pagam o salário de costureira, ou as “contratadas” recebem apenas

por produção, sem vínculo empregatício. As faccionistas se tornam então patroas de outras costureiras, reproduzindo a relação que as empresas contratantes têm com elas, em outras palavras, elas quarteirizam o trabalho e disseminam a própria precariedade, muito presente na atividade, como que num círculo vicioso.

Quanto à fragilidade do poder de negociação das costureiras terceirizadas, segundo Neves e Pedrosa (2007), poderia ser superada através da criação de uma associação de defesa de seus interesses. Mas, realizando o trabalho de forma isolada, distantes de outras companheiras e dispersas pela cidade, a organização de uma entidade representativa está longe de se concretizar, sequer conhecem esta possibilidade. A associação poderia tornar-se um instrumento de valorização profissional, situação que é pouco percebida por estas costureiras, que entendem seu trabalho não como uma forma de realização profissional, mas como uma contribuição para as despesas domésticas. A desvalorização de seu trabalho se manifesta também pelo facto de só poder ser realizado após cumprirem com suas obrigações domésticas.

A Terceirização será o único caminho? A resposta pode não ser um sim completamente, mas o que vem sendo apontado na literatura como uma tendência geral do setor de confecção de vestuário é que a indústria de confecção construiu-se de tal modo que a terceirização, muitas vezes informal, tornou-se a única forma viável para a organização da produção e que o trabalho terceirizado, domiciliar e na maioria das vezes informal vem sendo adotado como estratégia de reestruturação, visando à redução de custos e o aumento da produtividade.

5.6- Cooperativa de trabalho das costureiras

O sistema de cooperativas vem assumindo um papel cada vez mais importante em termos mundiais no que se refere à promoção do emprego, do crescimento económico e do desenvolvimento social. Segundo Paula Leite (2002), vem alcançando desde pequenos empreendimentos até negócios multimilionários ao redor do mundo. Estima-se que as cooperativas empreguem atualmente mais de 100 milhões de mulheres e homens. Diante deste cenário, Cristofoli (2006) analisa o movimento cooperativista de serviço, como sendo um modelo de comportamento alternativo entre o mercado e os trabalhadores, trazendo a estes por meio da cooperativa o seu instrumento jurídico de viabilização eficiente do serviço, principalmente eliminando a intermediação. Isso permite a distribuição de maior renda ao

trabalhador, uma vez que o excedente, antes apropriado pela intermediação, agora é redistribuído entre os cooperados associados, efetivamente os executores do trabalho.

No Brasil, conforme estudos de Lima (2002), a saturação e a degradação de áreas urbanas como São Paulo e o grande ABC (Polo industrial-SP) tem levado, já há algum tempo, à transferência de unidades fabris para o interior do estado, ou mesmo para outros estados, atraídas por melhor infraestrutura, baixo custo dessa infraestrutura, incentivos fiscais de prefeituras, proximidade de mão de obra escolarizada e qualificada, baixa atividade sindical, mas entre outras vantagens, a principal é a busca de menores custos – onde se lê: mão de obra barata e pouco organizada. Fator este, que tem se refletido no aumento da mobilidade espacial das empresas para outras regiões do país.

A busca da redução de custos pelas empresas torna a mobilidade espacial um fenômeno global. Áreas antes marginais do processo produtivo, agora são “incluídas” no fluxo de uma economia internacionalizada. Áreas de industrialização antiga, com mão de obra treinada e organizada, são abandonadas por áreas que, mesmo sem possuir essas condições, permitem o barateamento do custo do trabalho. Ocorre, então, a ressignificação dos lugares. (Lima, 2002)

A produção do vestuário segundo Bonacich *at al.* (1994), *apud in* Lima, (2005, p. 91-110) é uma das indústrias mais globalizadas, estando presente de forma simultânea, em mais de 40 países, do sudeste da Ásia à América Latina, Caribe e Europa, capitaneados pelas TNCs – *Transnational Corporations*, empresas globais que, através de tecnologias informacionais, coordenam a fabricação de produtos em múltiplos locais simultaneamente. Por utilizar tecnologias simples, baseadas na relação trabalhador/máquina de costura, são indústrias caracterizadas pela utilização de trabalho intensivo. Sua expansão por países de regiões não industrializadas ou de industrialização recente resulta na proletarização de trabalhadores engajados originalmente na agricultura ou em atividades não capitalistas, que passam a ser incorporados como força de trabalho industrial. São trabalhadores, mulheres em sua maioria, que passam a constituir uma primeira geração – em grande medida – de trabalhadores de formas assalariadas distintas, sendo vulneráveis às condições de extrema exploração do trabalho.

Debates recentes sobre a economia solidária e o terceiro setor, na ótica de Singer (1998), colocam a pequena produção e o trabalho associado em cooperativas como alternativas, frente à redução do emprego e a crescente informalidade do trabalho, embora estes reconheçam seus limites, quando passam a trabalhar como subcontratadas para grandes

empresas. Todavia, para que isso não ocorresse, as cooperativas deveriam ser autónomas, sem uma vinculação direta com o grande capital, o que é um problema se pensar em sua sustentabilidade no mercado. No entanto Lima (2005) veio reforçar o debate, quando considerou que numa situação de desemprego estrutural e de fracasso de experiências socialistas, recoloca-se o trabalho em cooperativas como possível saída, o que, aliás, vem sendo tentado historicamente desde o surgimento da grande indústria, e em situações de depressão económica. A novidade agora é a recuperação do trabalho associado como possibilidade de mercado e sua integração funcional com empresas e cadeias produtivas. Um caminho difícil, uma possibilidade de ocupação e acesso à renda, mas distante de qualquer autonomia.

Facto é que, as cooperativas de trabalho surgem e se expandem numa época em que as mudanças no mundo trabalhista são profundas e intensas, manifestando como principais sintomas, as rápidas e generalizadas inovações tecnológicas e a conseqüente automação do processo produtivo; essas mudanças geraram também significativas repercussões sobre o trabalhador, entre elas, o aumento do desemprego. (Singer, 1998)

Em seus estudos, Schineider e Vicente (1996, p.41) evidenciaram de forma dolorosa um desemprego estrutural vivido na Europa, decorrente da automação que, mais do que liberar o homem do trabalho manual e braçal, expulsa um número crescente de pessoas de um emprego assalariado. Países europeus que há menos de duas décadas necessitavam de mão de obra estrangeira para movimentar boa parte do seu parque industrial e de serviços hoje manifestam taxas de desemprego de 15 a 20% da população em idade de trabalhar.

Contudo, Lima (2005) problematiza a situação, quando denuncia que ao lado das boas intenções do cooperativismo, características negativas permearam a proposta, ao envolver um dos parceiros – os trabalhadores – de forma desigual. Enquanto as vantagens para as empresas e municipalidades estariam na redução de custos de produção, na instalação de unidades industriais em municípios e maior arrecadação tributária – nem tanto diretamente, dados os incentivos, mas indiretamente, pelo aumento do consumo – para os trabalhadores restou a lógica do “isso é melhor que nada”, ou seja, a renúncia aos direitos sociais básicos que caracterizam o trabalho assalariado, sem a contrapartida efetiva da propriedade ou da gestão coletiva da cooperativa gestou uma relação de desconfiança inicial, o que tornou os trabalhadores um parceiro reticente.

Neste sentido, este não sentimento de pertença e de não integração por parte dos trabalhadores fica explicado pela posição de Campos (2009), quando em seu estudo conclui

que os trabalhadores associados e terceirizados estão à mercê de um “novo” mercado de trabalho, caracterizados pela vulnerabilidade, pela instabilidade, insegurança, desamparo e precariedade. A percepção desse novo quadro de desafios e ameaças leva esses trabalhadores a se sentirem compulsoriamente obrigados, pela ameaça do desemprego conjuntural e estrutural, a viverem condenados a depender do trabalho associativo terceirizado instável, precário e marginal, pois é justamente nessa condição que eles percebem subjetivamente e sentem objetivamente que a estratégia de “estar juntos” pode se tornar uma forma coletiva e precária de inclusão social.

6- Metodologia da Pesquisa

Em função da problemática estudada, para complementar o aprofundamento teórico realizado por meio das pesquisas bibliográficas, que muito favoreceu e ampliou o conhecimento do problema, a pesquisadora realizou conjuntamente uma pesquisa de campo que veio favorecer a que quatro grupos de atores sociais envolvidos, de maneira direta ou indireta com o problema fossem ouvidos: as costureiras, os empresários, coordenadores de escolas técnicas e sindicatos.

Tratou-se portanto, de uma pesquisa qualitativa em que os relatos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas possibilitaram importantes contactos com interlocutores válidos. No exercício de ouvi-los, buscou-se encontrar respostas para a pergunta de partida, bem como a possibilidade de validação e a ampliação dos campos de investigação da pesquisa teórica.

Quanto aos objetivos, a pesquisa assumiu um carácter exploratório. Pelo facto de esta pesquisa envolver dois países de características díspares: Brasil e Portugal, sociedades nacionais com experiências históricas, padrões económicos e sociais, instituições políticas e culturas altamente diversificados, a técnica da entrevista semiestruturada foi a técnica seleccionada dentre outras, por estar mais adaptada ao exercício de obter informações e percepções dos entrevistados sobre o problema estudado. Essa técnica por sua vez, mesmo que dotada da característica de seguir um roteiro, buscou sobretudo, respeitar a individualidade de cada entrevistado, de modo a que cada ator pudesse expressar o seu entendimento e as suas concepções de mundo, com abertura para abordar questões que mesmo não estando elencadas fossem pertinentes ao tema.

Para que o estudo fosse capaz de cumprir o seu papel de análise e compreensão das causas principais que impulsionaram a geração do problema, denominado escassez de mão de

obra especializada no elo da confecção, percebida em maior ou menor grau nos diferentes contextos, e pelo facto de ser o ofício da costura uma profissão tradicional, que apesar de todo avanço tecnológico do setor parece estar muito longe de se tornar desnecessária para a produção de vestuário foi delineado como objetivo geral: Identificar os fatores socioeconómicos que influenciaram na escassez de costureiras qualificadas na indústria de vestuário Brasileira e Portuguesa.

Com o fim de alcançar este propósito, cinco objetivos específicos foram elencados:

1. Inquerir sobre a influência dos processos de terceirização da confecção do vestuário, nos problemas de exploração, precariedade e desproteção social das profissionais da costura;
2. Investigar sobre a suposta desvalorização profissional, refletida na remuneração e nas condições de trabalho oferecidas pela indústria da moda, como as possíveis causas da escassez e conseqüentemente a evasão das profissionais para outros setores da economia ou autonomia produtiva;
3. Identificar o novo perfil das profissionais da costura frente às alterações tecnológicas na indústria e às novas modalidades de trabalho;
4. Apontar a cultura empreendedora como caminho alternativo;
5. Propor inovação e dinamismo na capacitação profissional tornando-a mais acessível, atraente e mais adequada aos tempos e à vida moderna, especialmente dos mais jovens e em situação de risco.

6.1 - Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas, aplicadas a quatro grupos sociais. O primeiro grupo formado pelas costureiras, o segundo pelos empresários da confecção, o terceiro pelos coordenadores de escolas profissionalizantes, e o quarto pelos sindicatos. Inspirada por Strauss e Corbin (2008), que definem a força condutora por trás dessa metodologia como sendo a visão de novos entendimentos e a construção de teoria fundamentada útil, a pesquisadora preparou as entrevistas de modo a estarem adaptadas a cada grupo, mas com o propósito central de responder às cinco grandes questões de campo, correspondentes aos objetivos específicos do estudo.

Quanto ao conteúdo das entrevistas, inicialmente foram levantados dados referentes ao perfil da indústria têxtil de vestuário brasileira e portuguesa, às características do trabalho e das trabalhadoras deste tipo de indústria, ao papel cultural e social desempenhado pela atividade profissional da costura, bem como sobre as perspectivas futuras para o setor. Tais abordagens foram úteis no sentido de contextualizar o quadro ambiental e social para o estudo, mas antes foram capazes principalmente de romper com preconceitos, pré-noções e ilusões de transparência.

6.2 - Os sujeitos da pesquisa

A pesquisadora, consciente da amplitude do seu campo de atuação, procurou selecionar criteriosamente os atores sociais que de maneira direta ou indireta apresentassem ligação com o fenómeno que se buscou estudar, pessoas que se apresentassem capazes de oferecer um contributo significativo necessário, de forma a obter novas percepções e descobrir novas ideias sobre o problema. Em Portugal foram eles: sete costureiras, duas empresas de confeção, uma escola técnica profissionalizante, uma associação de classe.

Importante ressaltar que, quanto às pesquisas realizadas no Brasil, a estratégia utilizada para a concretização das entrevistas foi via *internet*, pelo *skype*. Neste sentido, Halavais³ (2010), no prefácio do livro: *Métodos de pesquisas para a internet* (Fragoso, 2011), muito contribuiu e corroborou com a utilização dessa estratégia, quando ao discorrer sobre o cientista social contemporâneo, ele afirmou que o cientista social de hoje, com a *internet*, se encontra diante de uma oportunidade magnífica, pela possibilidade de alcançar o mundo social colocado em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta.

Assim, por este meio, as entrevistas se fizeram simplificadas no que tange a questão geográfica, e possíveis devido à antecipação e realização de um rastreio atencioso, em longo prazo de observação, feito pela pesquisadora em comunidades virtuais específicas, já existentes nas redes sociais: *Facebook*, e no *Google+*, mas também em *fóruns* de *sites* especializados do setor. Desta maneira, a pesquisadora, lançando mão da tecnologia que aproximou e possibilitou a comunicação, por um longo período acompanhou discussões, entrevista, opiniões e estudos que vinham sendo publicados sobre o fenómeno da escassez de

³ - Alexander Halavais é Professor Associado na *Quinnipiac University* e vice-presidente da *Association of Internet Researchers (AoIR)*. Obteve seu título de Ph. D. em Comunicação na *University of Washington* e é Graduado em Ciência Política pela *University of California at Irvine*.

costureiras na indústria da moda nas redes sociais acima citadas; desta feita, 136 *sites* e *blogs* foram observados.

Dentre muitos, aqueles participantes que por seu posicionamento, ou pela sua intervenção nos *fóruns*, despertava algum interesse para o desenvolvimento da pesquisa eram selecionados e posteriormente contactados via telefone, isto quando o número estava revelado, e quando não, lhes era enviado um *e-mail* a relatar sobre o estudo ora encetado, e da suma relevância desta tentativa de contacto com a realidade, com pessoas reais que se encontram inseridas no processo, para que o mesmo fosse validado. Por Halavais (2010), (*apud in* Fragoso, 2011), ficou também validada a estratégia de contacto *on-line* com os interlocutores quando afirmou que: “... a sociedade em rede nos força a trabalhar de novas maneiras e a estudar a sociedade de modos igualmente novos. Ela nos força a pensar novamente sobre nossos instrumentos, e ter certeza que eles são apropriados para as tarefas a que os aplicamos. Ao encarar esse desafio, nós nos preparamos para nosso próprio renascimento na compreensão da sociedade”.

Portanto, as pessoas contactadas, depois de motivadas para o tema proposto e orientadas quanto ao seu significado enquanto estudo académico, como forma de aproximar e estabelecer uma relação de confiança, eram convidadas a participar do estudo. Àquelas que responderam positivamente, lhes era facultada a liberdade para agendar o dia e a hora para a realização da entrevista.

Porém, importante clarificar que esta estratégia de seleção aleatória só foi utilizada para selecionar as costureiras e os empresários do setor, os representantes dos sindicatos e as escolas foram contactados diretamente por meios mais objetivos de agendamento.

6.3- Caracterização das trabalhadoras analisadas

Das quatorze costureiras analisadas, oito delas se encontravam acima dos 41 anos, sete não tinham o 1º grau escolar completo, e apenas uma colaborava com 30% para a renda familiar. Demais caracterizações poderão ser observadas nos gráficos a seguir:

O Fenómeno Social da Escassez de Costureiras Qualificadas na Indústria de Vestuário Brasileira e Portuguesa

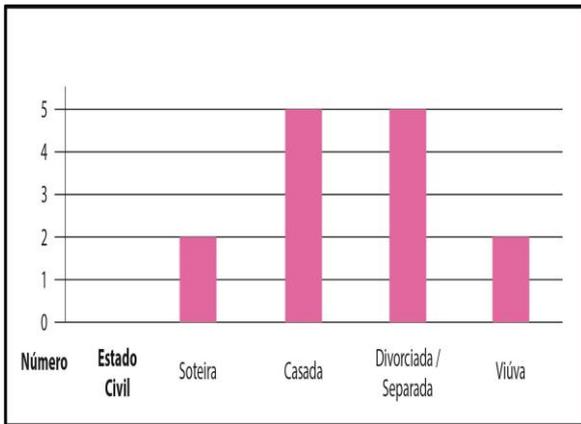


Tabela 3 - Caracterização por estado civil

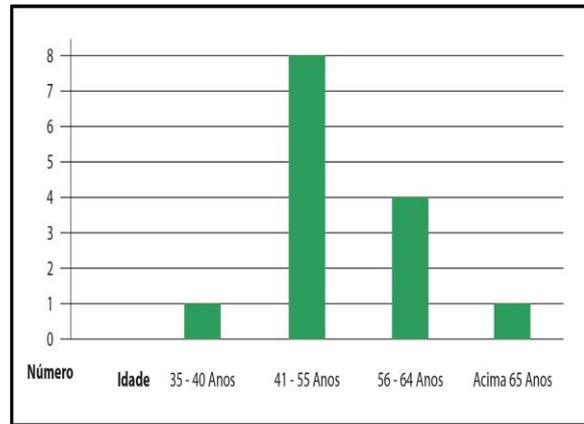


Tabela 4 - Caracterização por idade

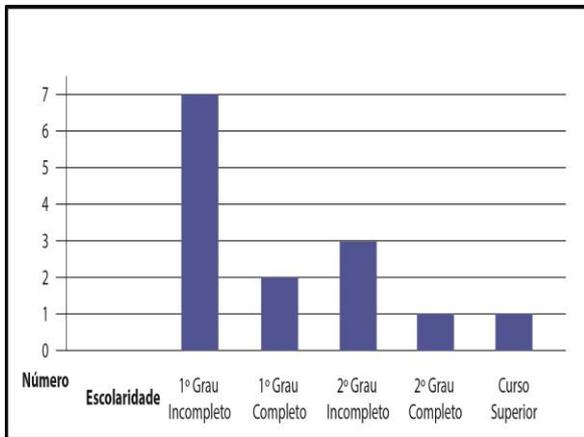


Tabela 5 - Caracterização por escolaridade

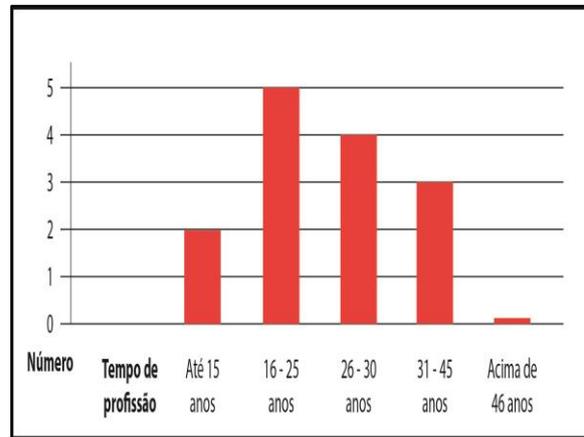


Tabela 6 - Caracterização por tempo serviço

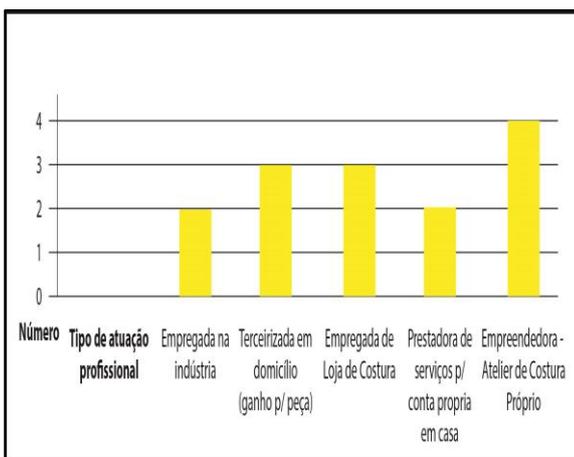


Tabela 7 - Caracterização por tipo de serviço

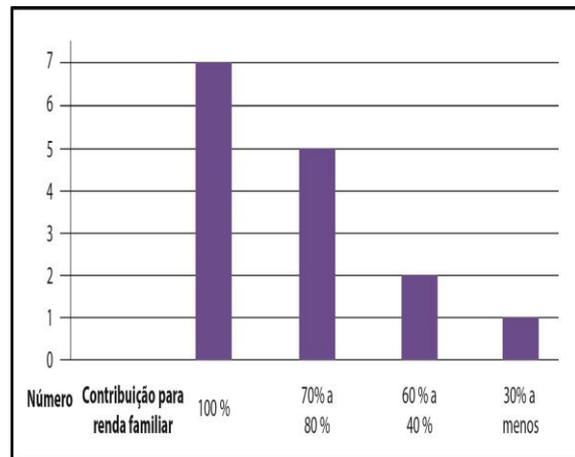


Tabela 8 - Caracterização po contribuição renda

7- Apresentação dos resultados

A presente pesquisa, no intuito de promover condições para exponenciar a compreensão das principais causas do fenómeno social da escassez de costureiras qualificadas na indústria de vestuário, considerada a problemática da investigação, realizou por meio de pesquisas bibliográficas abordagens diversificadas que vieram se complementar com uma importante pesquisa empírica que se fez, focada nas entrevistas exploratórias realizadas com diferentes grupos sociais envolvidos, pela premissa de captar as diferentes percepções e analisá-las. A opinião de cada grupo passará a ser apresentada e discutida neste capítulo e estarão dispostas sequencialmente: trabalhadoras, empresários, representantes sindicais e coordenadores de escolas técnicas. Neste alinhamento serão também apresentadas três propostas estratégicas alternativas e por fim a conclusão final deste estudo.

Quanto às pesquisas bibliográficas é importante voltar a registrar que foram encontrados muito mais materiais de apologia às atividades artísticas e comerciais da indústria de confecção, do que os respeitantes às suas atividades operacionais produtivas propriamente ditas. Porém, observou-se que quando encontradas, refletiam a perspectiva do capital, o que fomentou a suspeita de ser uma atitude cômoda, por parte do setor, de deixar fora do discurso público, as controvérsias do sistema de subcontratação e precariedade em que se sustentam o final da cadeia produtiva. Entretanto, para colmatar esta lacuna encontrada pelo estudo, a pesquisa empírica realizada em campo permitiu um contacto direto com a realidade, de forma a validar ainda mais o estudo proposto.

Segundo a declaração do presidente emérito da Associação Brasileira da Indústria Têxtil-ABIT, publicada na Cartilha ABIT (2011), a falta de mão de obra qualificada na indústria da moda, está longe de ser um assunto novo, este é um problema que vem sendo debatidos por estudiosos, pesquisadores, está nos meios empresariais, governamentais, nas imprensas falada e escrita. “Todos sabem, mas pouco se tem feito para resolver o problema”.

Quatro anos se passaram...

A Confederação Nacional das Indústrias (2011) realizou uma pesquisa sobre mão de obra qualificada, na qual revelou que a falta de trabalhador qualificado alcança vinte e seis setores e que o segmento do vestuário está entre os primeiros do *ranking*. Os números mostraram que 84% das empresas desta área encontravam dificuldades de crescimento devido à escassez de mão de obra. Embora a pesquisa tenha sido feita há quatro anos, também nada mudou de lá para cá.

“Procuram-se costureiras. Elas sumiram!” (Giuseppe Tropi Somma, 2011). Foi esta *readline*, veiculada em um dos 136 *sites* pesquisados, que relatava sobre o mesmo problema aqui estudado, que chamou a atenção e instigou a formulação da pergunta de partida para este estudo. Pergunta esta, que se quer respondida com o culminar da presente pesquisa: Porque é que faltam costureiras qualificadas na indústria da confecção de vestuário? O que se observou, durante a elaboração das pesquisas, é que sem a resposta para esta questão não haverá mudanças, e que conseqüentemente para aplicar o verbo mudar, outro verbo tinha de ser impreterivelmente conjugado: o verbo comprometer. Ação esta, julgada pela lógica das organizações sustentáveis, possível somente pela ação conjunta dos atores sociais envolvidos e verdadeiramente comprometidos.

A inquietude das diferentes classes entrevistadas, levadas à reflexão sobre a gênese desse problema, permitiu robustecer as divergentes percepções sobre o exercício da atividade da costura na confecção de vestuário. De salientar que, quer junto dos entrevistados inqueridos do Brasil, quer dos de Portugal, a tarefa de responder à questão levantada sobre as causas do problema, carregou o pressuposto de ser nesta pesquisa, uma questão tratada de maneira bastante reflexiva e direta, sem deixar que as respostas se apoiassem simplesmente no ato de encontrar ou apontar culpados, mas fundamentalmente empreender a difícil tarefa de levantar as quatro pontas do véu que envolve a todos: as costureiras, os empresários, as associações de classe, as escolas técnicas e o governo. Buscou-se assim, indagar a cada categoria social sobre qual o nível de responsabilidade que têm? E quais as suas perspectivas e sugestões de alternativas frente à realidade exposta de escassez da mão de obra em oposição à forte demanda dos mercados internos e externos.

Alguns foram pertinentes com suas respostas e de fato se mostraram preocupados como sendo parte do processo, mas o que se pôde constatar foram as divergentes percepções do problema e principalmente, a notória atitude cômoda de relegar a responsabilidade da busca de soluções para o outro setor, sem que antes se exercitasse a reflexão sobre a corresponsabilidade de cada setor envolvido na problemática. Dado este, refletido em algumas falas:

Muito se houve falar sobre a falta de costureiras mesmo sabe? Mas na verdade elas não estão em extinção, elas estão é sem valorização. Então quando eu ouço uma reportagem da televisão falando que num tem costureira para trabalhar nas fábricas eu cá do meu canto falo, chego mesmo a falar com quem está perto de mim, que o que eles tinham era de mudar o nome; eles tinham de andar a procura era de escravos que soubessem tocar uma máquina de costura, porque olha, hoje eu trabalho pra mim,

montei a minha loja, faço consertos de costura só, mas eu já trabalhei na fábrica oito anos, não aguentei, eles faltam tirar o coró da gente e o salário é de miséria. O que é que eles querem?

Costureira10 – Brasil

A maneira como foi proposta a terceirização inicialmente para nossas indústrias, de uma parte do processo para que pudesse focar em outras atividades era boa, mas verdade é que virou redução de custo e ao que assistimos a partir daí foi um verdadeiro leilão da mão de obra, condenando a confecção a leiloar o trabalho da costureira. O que se chegou foi a uma descapitalização humana progressiva, pois as costureiras qualificadas, essas encontraram um meio de se adaptar de maneira autónoma, arrendando espaços, ou na própria residência, e claro, sem a menor perspectiva de ela retornar para o sistema de fábrica. Pois, trabalhando lá elas ganham mais. Não se pode negar.

Empresário 2 - Fábrica de fardas executivas – Portugal

Vale lembrar que pela amplitude das consequências que poderão advir deste fenómeno social da escassez de costureiras, os atores selecionados, no geral manifestaram-se abertos à reflexão e demonstraram considerável interesse na perspectiva de encontrar uma saída. Algumas costureiras, que demonstraram o gosto e o respeito pela profissão chegaram até mesmo a manifestarem esperançosas por verem este tema ser tratado em forma de estudo académico.

Esse estudo vai ajudar-nos em alguma coisa? Será que vai servir pra melhorar nossa condição? Deus queira que sim, pois eu às vezes até penso em deixar a profissão, penso em fazer outra coisa. Mas também que coisa? Ir pra pior num pode ser, pois eu não tenho estudos, e além do mais é isto que eu sei e gosto de fazer, mas precisava ser mais valorizado. Ainda bem que alguém se lembrou das costureiras, da nossa arte. (risos)

Costureira 3-Portugal

Já outra costureira, que será aqui identificada como costureira “X”, contrariamente à anterior demonstrou-se bastante desconfiada, e com expressões de revolta e cansaço, incomodou-se muito com a pesquisa e foi bastante radical em manifestar o seu incómodo, negando a sua participação. Pela singularidade que esta atitude representou neste estudo, considerou-se uma fala importante e, portanto foi aqui relatada. (Antes, é importante salientar que as entrevistas só aconteciam depois de um primeiro contacto com as costureiras no qual

eram convidadas e motivadas à participação). Segue então a fala da costureira que se negou a participar do estudo:

...Não, eu não tenho interesse em participar, se isso fosse resolver alguma coisa. Desculpa, mas estou assoberbada de trabalho pra fazer e não posso parar nem hoje, nem outro dia. Aqui o serviço é muito e tem hora marcada. Daqui a pouco meu patrão chega, e melhor seria se a senhora (pesquisadora) perguntasse a ele porque que ele não melhora o nosso salário. As costureiras estão acabando porque são muito exigidas e mal pagas. Eu se fosse mais nova, ou se tivesse estudado eu mudava de profissão, é por isso que dificilmente a senhora vai encontrar uma menina nova neste serviço. Os jovens não estão pra isso não...

Costureira X- Portugal

Ser costureira já foi uma profissão comum no universo feminino. Com o surgimento de novas possibilidades e oportunidades de inserção no mercado de trabalho, as mulheres optaram por trabalharem noutras áreas perdendo o interesse pela profissão. É facto também que na década de 90 assistiu-se a uma profunda desvalorização da profissão de costureira refletida nos baixos salários e na invasão dos produtos chineses de baixo custo, o que contribuiu para que os mais jovens não se sentissem atraídos para o setor da confecção; dado este, que se pode ver confirmado por uma das entrevistadas:

Trabalho não falta e creio que nunca vai faltar. O problema, realmente é o valor baixo que se consegue pelas peças prontas. Temos que trabalhar por longas jornadas de trabalho para darmos conta dos pedidos e, principalmente, para receber um valor melhor no fim do mês, pois aqui a costureira ganha por peça feita. Se a costureira não for reconhecida com um salário melhor as fábricas de confecções vão ter que fechar as portas porque os salários que estão pagando por aí é uma vergonha, Só fica na costura quem não tem outra profissão, ou já tem mais idade como eu e sabe que as oportunidades são poucas. Na verdade, profissão de costureira é boa, eu gosto de costurar, porém no aspeto financeiro e no desgaste físico é ruim, a gente fica triste, se sente explorada.

Costureira 13 – Brasil

A falta de costureiras já é considerada, pelos especialistas e responsáveis do setor, como o maior entrave da indústria de vestuário. Com a valorização da produção nacional, no caso do Brasil que viu a moda brasileira valorizada internacionalmente, o efeito desta não

reposição natural de profissionais qualificados para a confecção de vestuário vem à tona e tem atingido duramente a expansão e o poder de competitividade do setor, apontando para urgência de se encontrar caminhos alternativos.

7.1 - A palavra da costureira

Para conhecer melhor a realidade das profissionais em questão, nada melhor do que ir a campo e falar com quem trabalha na máquina de costura. Ao entrevistar as quatorze mulheres costureiras, foi notório perceber que elas têm amor à profissão que exercem, mas no decorrer da conversa, este amor se esvanece nas reclamações sobre a baixa valorização salarial e social. Todas elas reclamaram das longas horas trabalhadas e da falta de valorização, tanto financeira como social. Quando interrogadas sobre o porquê da escassez de costureiras, foram unânimes em apontar como fatores principais a baixa remuneração e a exploração trabalhista.

Sou costureira há 15 anos e estou indignada com o salário das costureiras, você leva anos para ser uma profissional de muita experiência pra ganhar um salário de 900 e ainda tem que trabalhar como uma louca pra ganhar prêmio de produção, inventaram a tal da célula que você passa o dia inteiro se arrastando pra lá e pra cá, depois ainda vem pedir pra ir sábado, tô indignada, este salário é uma vergonha (R\$830,00), você ganha mesmo salário de uma balconista que em três meses uma balconista bem treinada consegue exercer a profissão e uma costureira consegue exercer em três meses? Gente, isso é uma profissão como mecânico, electricista, vamos valorizar nossa profissão, se for o caso de pedir mais estudos que seja, mais, por favor, esse salario não dá.

Costureira 14 – Brasil

Poderiam valorizar mais a mão de obra das costureiras, eu sou costureira há 32 anos, e já trabalhei desde fábricas até facção, quando morava em Minas Gerais. Há 10 anos vivo em Portugal, nunca trabalhei com outra coisa, mas agora tenho meu ateliê e atendo aos meus clientes. O que posso te dizer é que num é fácil, mas pelo menos sempre dá pra ganhar um pouco mais. Trabalho muito mais, porque sabe como é né? Num tem horário... Mas mesmo aqui em Portugal vejo que as pessoas num valorizam o trabalho da costureira, vou te dar um exemplo: eu cobro cinco euros pra dá uma bainha, eles ficam espantados, alguns até reclamam com a gente. Pra estes que reclamam eu digo logo: - Quanto tempo vai durar o serviço que fiz pra você? Pois é, e

se fosse à manicure dura oito dias e você ainda paga mais do que me pagou pela banha. Mais num tem jeito, costurar é tão difícil e pouca gente sabe dar valor sabia?

Costureira 6 – Portugal

As mulheres costureiras, ao voltar para trabalhar no seu domicílio, mesmo na precariedade, disfarçada de informalidade desenvolveram atividade de prestação de serviços de costura como costureiras terceirizadas. As entrevistas realizadas com estas costureiras em domicílio revelou em especial um sensível despreparo para gerir a sua nova modalidade profissional, apercebeu-se de que o “saber fazer” das costureiras, dissociado do “saber empreender”, frente aos novos desafios de flexibilidade e da autonomia produtiva, impostos pela indústria, denunciou-lhes vulneráveis à exploração e conseqüentemente à desproteção social, expostas à precarização e ao isolamento.

Eu já tô é muito cansada, quando o carro pára na minha porta e eu vejo o senhor trazendo aqueles feixos de peças cortadas pra eu emendar, meu estômago até embrulha. Mais aí peço força a Deus e vou continuando até quando num sei, porque num fiz os disconto, nem tenho esperança de aposentar. Mas as boca num pode parar, e as contas tem de ser paga... Eu vou costurando.

Costureira 11 – Brasil

O povo daqui de casa briga muito comigo, falam que eu tenho de ter hora pra trabalhar. Toda gente tem. Eu explico pra eles que se eu não der conta da produção da semana a empresa não me dá mais trabalho. E quando eu paro pra fazer a comida e cuidar da casa, esse tempo eu tenho de compensar depois por isso que vou até tarde da noite e até domingo costumo trabalhar. E mesmo assim, o dinheiro num dá pra tudo.

Costureira 12 – Brasil

Para descrever este cenário, Leite (2004) veio colaborar com este estudo quando apontou a situação de desalinho, onde de um lado encontra-se o empregador, que busca flexibilidade, redução de custos e transferência de riscos, em um elevado contexto de competitividade. De outro estão as costureiras, mulheres, esposas, mães que acumulam a dupla função dos afazeres e cuidados da família e ainda buscar contribuição para o sustento.

Neste contexto, a indústria de confecção reforça as condições de precariedade e subordinação das mulheres na sociedade e o que se pode deduzir é que o problema da

escassez de costureiras não será resolvido em curto prazo, mas que em longo prazo, se não cuidado poderá deixar a indústria refém da sua própria falta de atitude neste sentido.

A profissão de costureira é importante, porém pouco valorizada. Acho que a categoria deveria tentar se unir e se fortalecer, exigindo melhores condições, e sabe por quê? Por exemplo, o dono da marca paga à costureira de 10 a 13 reais para a confecção de uma peça de roupa que ele vende na loja por R\$ 350, ou seja, numa peça desta já se pode imaginar que a exigências pelo acabamento é muito alta, digna de roupa de boutique mesmo, mas na hora do pagamento para quem costurou a peça, o preço é de roupa de loja popular. Quando vamos nos queixar, a resposta dele é que ele tem muitos encargos e impostos. E nós, também num temos encargos e impostos a pagar? Isso é uma exploração.

Costureira 11– Brasil

Eu e minha irmã que me ajuda estamos muito cansadas. A pressão em torno do trabalho é muito desgastante, pois as empresas precisam de giro e entregas ligeiras, e os prazos de produção estão cada vez mais curtos. Sem contar com a complexidade de algumas peças, bastante complicadas para serem feitas, às vezes levam até dois dias para serem montadas e, a partir daí, ser costurada, o que atrasa a produção. É uma trabalhadeira que o dinheiro que recebemos dá é tristeza, desânimo. Trabalho não falta e creio que nunca vai faltar. O problema, realmente, é o preço muito baixo pago pelas peças prontas, e se a costureira não produz, não recebe. Temos que cumprir longas jornadas para darmos conta dos pedidos e, principalmente, para receber um salário razoável no fim do mês, senão num dá nem pras despesas e é assim, tem de trabalhar mais horas aí a conta de luz vem lá em cima.

Costureira 10 – Brasil

Todavia, em uma análise simples das entrevistas realizadas com as costureiras é importante salientar que a mulher costureira, conscientemente ou não, bradou o seu “grito de basta”, mas este grito de resistência da costureira certamente não ecoou nos ouvidos do capital; isto porque, o tal grito não se deu aos sete ventos, mas no recôndito do seu lar. Deu-se de maneira discreta, impercetível e em longo prazo, quando ela - a mulher costureira, lançando mão da sua arma mais poderosa: a sua influência sobre a família, decidiu “omitir” a partilha dos seus saberes com os mais jovens, conduzindo-os para outras áreas do mercado de trabalho, motivando-os assim a não seguirem a mesma trajetória profissional.

A maior dificuldade hoje está em recrutar profissionais interessados em desenvolver determinadas funções na indústria de vestuário, pois em muitos casos, a profissão dos pais

não é mais fator determinante para a carreira dos jovens. A confecção está entre as áreas onde a falta de mão de obra é fator de atenção.

Eu trabalho dia e noite, meu marido quando chega do trabalho faz o jantar e a minha filha cuida da casa, mas deixá-la vir pra trás de uma máquina de costura não. Eu como o pão que o diabo amassou para pagar os estudos dela. Quero que a minha filha tenha outra profissão que lhe dê um futuro com mais dignidade e valor. Eu não amaldiçoó a vida de costureira não, eu pago minhas contas e ajudo nas despesas da casa, tudo por meio do meu trabalho na máquina de costura. Só digo que é muito penosa essa profissão, é muito desvalorizada, a gente fica apatetada de tanto costurar, isso se quiser tirar um dinheirinho melhor, num dá tempo de nem viver acredita?

Costureira 12 – Brasil

Outro fator que mereceu atenção foi quanto à divisão do espaço e do tempo entre a dupla jornada vivenciada em seus próprios lares. As costureiras que exercem a sua atividade profissional dentro da sua própria casa manifestaram-se incomodadas com a ideia da disponibilidade permanente. O espaço doméstico passou a ter várias significações: é o local onde desempenha o papel de mãe, esposa, dona de casa e profissional. Todavia, é importante registrar que, apesar de reclamarem da falta de descanso, da ausência dos direitos trabalhistas, das horas de lazer e das férias, elas revelam que estar junto da família é melhor do que enfrentar patrão, célula de produção, e perda de tempo nos transportes. A desvantagem apontada é que por estarem dentro de casa não há uma separação de tempo/ambiente do trabalho, do tempo/ambiente do convívio familiar. Situação esta, que leva às jornadas excessivas e exaustivas de trabalho, que em alguns casos geram até conflitos com os familiares, pois o estar dentro de casa não significa estar com a família, gerando assim desarmonia, cobranças e desassossegos.

Esta situação de conflito familiar ficou claramente evidenciada, por ter ocorrido na presença da própria pesquisadora durante uma entrevista, quando um dos filhos da costureira entrevistada interrompeu a entrevista e com ares de quem se sentia saturado, se manifestou:

...Eu já falei para a minha mãe, a senhora está é sendo escrava desta empresa. Quase que a minha mãe trabalha dia e noite pra eles. Eu sei que a minha mãe não tem outra profissão, mas eu não aguento mais ver que a minha mãe trabalha tanto e ganhar tão pouco. Ela fica com medo de eu entrar no meio e dizer qualquer coisa ao homem que vem trazer as roupas cortadas pra ela costurar. Na verdade ela tem medo de perder o serviço, diz que é pouco mais vai dando pras despesas. Ontem, eu a ajudei, pois estávamos assistindo o Fantástico e ela tinha 300 botões para pregar. É assim, tem dia

que ainda sobra pra mim, pro meu pai sobra todo dia, pois é ele que tem de fazer a lida da casa e a comida, porque ela só fica na máquina...

Costureira 11 – Brasil

Filho de 15 anos que interrompeu a entrevista da mãe e deu este depoimento

Ao longo dos anos, a profissão de costureira foi perdendo o seu *glamour* e se transformou em atividade operária, repetitiva, oferecendo riscos à saúde física e psíquica, mal remunerada e com poucas possibilidades de crescimento e sem novos adeptos. As costureiras entrevistadas relataram histórias profissionais semelhantes, no que se refere a processos produtivos intensos, à pressão por produtividade com intensificação dos ritmos de trabalho, somada a esforços intensos e movimentos repetitivos, com postos de trabalho ergonomicamente inadequados, bem como instrumentos de trabalhos inadequados, dores lombares, longas jornadas de trabalho com alto ritmo produtivo para alcançarem as metas propostas.

Dentre elas, seis apontaram os fatores organizacionais como um dos principais responsáveis pela sua decisão de sair da indústria para se empregar nos ateliers particulares, ou para seguir uma carreira autônoma em seus próprios ateliers, ou em suas próprias casas, onde mesmo sem estarem preparadas para gerir as suas próprias atividades comerciais, apostaram no saber-fazer e no baixo custo inicial para empreender o seu negócio, que se encerra basicamente no custo de uma ou duas máquinas de costura.

No entanto, mesmo libertas das pressões e das relações organizacionais, o que se pôde observar nos seus relatos foi que, mesmo ditas livres, denominadas agora autônomas, as costureiras ainda se sentiam presas às suas vivências profissionais e novamente, altamente exigida e pouco valorizada, mas agora pela própria clientela.

...Se eu não tivesse o meu filho na faculdade e tivesse outra oportunidade deixaria a costura, por causa dos desgastes físico, emocional e mental, que comparado ao pouco valor monetário e social tem uma proporção muito aquém do valor que a arte deveria ter. Como tenho curso superior (incompleto) e sou muito desenvolvida intelectualmente sinto que esta profissão faz-me sentir prisioneira, como se vivesse numa cadeia de portas abertas. No fundo sinto-me também frustrada por ser a pessoa que trata das roupas das pessoas, veste toda gente bem, é cumpridora dos prazos e no final recebe o valor cobrado e alguns elogios dos clientes, mas isso não se faz suficiente (desabafa), queria a minha roupa bela também, a minha festa, o meu descanso, mas não tenho. Vivo sempre assoberbada de trabalho e prazos para cumprir. Até mesmo fora do atelier sou tomada por vezes a pensar nos compromissos, quase

que vivo atormentada pelo trabalho, talvez pela pressão que envolve uma mesma pessoa em duas funções muito desgastantes dentro de um atelier particular: o atendimento ao público e a alta concentração que um bom trabalho de costura exige são fatores que comprometem o nosso emocional. Já tentei por outra costureira para ajudar, mas é muito difícil, muito difícil achar uma costureira que faz bem feito, que trabalha bem.

Costureira 7- Portugal

A costureira é uma profissional que apesar de não ter o merecido valor por parte de muitos, a maioria, é uma atividade muito exigida. O ato de receber e entregar um trabalho de costura ao cliente envolve “fator humano”, traquejos comerciais, profissionais e pessoais e para isto ainda não inventaram uma máquina. Para se ter um atelier de costura é preciso saber mais que costurar. Eu graças a Deus tenho meu negócio há 14 anos e não tenho razão de queixa. Tinha vontade de aprender a desenvolver mais o meu negócio, mas desenvolver exige mais pessoal, e costureira boa tá muito difícil de arranjar, as boas tão como eu, montaram os seus ateliers e a malta jovem, se aparece algum que quer aprender não fica nem 15 dias, dizem que é muito aborrecido o serviço da costura, eles não têm paciência, querem tudo pronto e rápido e na costura não é assim, até ver uma peça pronta, muitas voltas têm de serem dadas para a peça ficar bem feita, de qualquer jeito é que é fácil, mas quem quer uma peça mal feita?

Costureira 4 – Portugal

Costurar é uma paixão, eu costuro desde miúda, com 10 anos já andava as voltas da minha mãe que também era costureira, fazia roupa de boneca, brinquei com a costura, mas depois costurei e costuro até hoje a sério. Graças a Deus que sei costurar, com a costura criei meus filhos todos e nunca me faltou nada. Fico triste é quando termino o trabalho e na hora de entregar, a pessoa reclama o dinheiro que paga, é um dinheiro muito difícil de ganhar, é chorado, as pessoas esquecem que dá muito trabalho, não sabem dar valor. As pessoas não sabem fazer, mas quando trazem um trabalho para a costureira fazer, a primeira coisa que dizem é que é fácil, é simples. Chega a ser irritante.

Costureira 9 – Brasil

Apesar de declararem trabalhar muito, das quatorze costureiras entrevistadas, quando interrogadas sobre a sua realização profissional, dez delas responderam que o trabalho na costura foi, e para algumas continua sendo, uma grande oportunidade, porque gostam do que fazem e chegam a reconhecer que para trabalhar em outros setores de menor esforço tinham que ter mais capacitação. Mesmo diante das condições de sacrifício, a maioria delas ao longo

da entrevista demonstrou orgulho por ser capaz de desempenhar bem a profissão de costureira.

Eu posso dizer que me sinto realizada por dominar a profissão de costureira. Sinto-me feliz por ser capaz de saber fazer qualquer peça de roupa. Acho isso uma riqueza. Eu agradeço a Deus por isso. Penso que seria muito ruim, como vejo muitas amigas minhas que ficam de emprego em emprego, mas no final não é profissional de nada. Eu não, eu sou profissional e isto é muito importante na vida de uma pessoa, saber e ter domínio de uma atividade profissional.

Costureira 4 – Portugal

Com dicas da minha irmã, aos 11 anos eu fazia roupinhas de bonecas Barbie para vender na escola, e era o maior sucesso entre as coleguinhas. Tomei gosto, fiz um curso de costura aqui perto de casa com uma costureira que ensinava na própria casa dela e aí já fazia alguma roupa para mim e algum serviço pras outras pessoas, fui assim ganhando experiência. Mas foi aos 26 anos que montei minha empresa de facção, junto com o marido, confeccionamos roupas femininas de marca própria e para outras grifes. “Amo essa profissão, amo o que faço, confesso que às vezes dá vontade de parar porque sentimos que nosso trabalho não é valorizado o quanto deveria; mas como fazemos nosso trabalho com amor, as decepções vão ficando para trás e erguemos a cabeça para continuar”. Confesso que já andei por outras áreas, mas não fiquei meu lugar é onde eu estou, na costura, eu tenho esperança disso melhorar.

Costureira 1 – Portugal

Trabalho há mais de 30 anos como costureira e sempre tive vontade de seguir a profissão. Como na época em que tomei essa decisão havia poucos cursos, aprendi no dia a dia mesmo da fábrica em que trabalhava e onde ganhei muita experiência, mas abri uma oficina de prestação de serviços e que não me falta trabalho. “Estou sempre me atualizando, pois as máquinas não mudaram tanto, só as electrónicas”. O que facilita muito são os acessórios para as máquinas, que agilizam a costura. Sobre os ganhos, nem sempre os salários são o problema, pois existem empresas que se a pessoa for mesmo profissional, pagam muito bem. Para a profissão de costureira ser mais valorizada, o que precisamos é de uma maior divulgação sobre ela.

Costureira14 – Brasil

O meu último emprego foi de caixa de supermercado. Mas eu queria um emprego que não precisasse trabalhar nos finais de semana, feriados. “Eu olhava as máquinas de costura e até me assustava porque eu não sabia nada”, relembra. Estou quase completando dois anos na fábrica de mochilas e bolsas para bebês, não tenho

preconceito algum pela função. “Eu gosto do meu trabalho e quero ficar aqui até quando Deus permitir”. Quando eu falo para as minhas amigas para aprenderem a costurar, elas não querem, preferem ganhar menos e se sujeitarem a trabalhos de menor esforço do que serem costureiras. Tem preconceito, eu acho.

Costureira 9 – Brasil

Nas falas das costureiras foi possível estabelecer uma correlação com a problemática já tratada por Neves e Pedrosa (2007, p.28), visto anteriormente nos estudos bibliográficos, quando as autoras evidenciaram a fragilidade das costureiras em virtude do isolamento em que se encontram e conseqüentemente a sua incapacidade de negociação pela ausência de uma representação de classe. Porém, mais agravante ainda é que nem sequer têm o conhecimento desta possibilidade. O que se percebeu também foi que as costureiras imbuídas nos afazeres domésticos, que se cruzam, ou melhor, que se misturam com os afazeres profissionais, consideravam o seu trabalho, na maioria dos casos, como complemento de renda, contribuição familiar, e não como forma ou meio para a sua realização profissional e pessoal, como atividade profissional a ser gerida e desenvolvida, alimentando desta maneira o ciclo vicioso do carácter extensivo que assume o trabalho no domicílio. Assim, por falta da capacidade de gestão, do espírito empreendedor, não conseguem estabelecer uma divisão e nem tratar a atividade profissional como tal, como negócio.

Foi relevante compreender os reais motivos e interesses que conduziram e ainda conduz já por décadas a travessia da história deste setor, que insiste na permanência do trabalho precarizado das mulheres costureiras. O que se observou neste sentido foi que estas trabalhadoras, por não compreenderem ou não perceberem a enorme importância do seu trabalho para a indústria de vestuário, preocupadas unicamente com o seu meio de subsistência e em muitos casos de toda a sua família, viram-se no anonimato e impotentes para manifestar contrárias às situações viciosas de exploração trabalhista e em virtude do medo de ficar sem trabalho e por não se encontrar capacitada para outra atividade profissional, mesmo dentro do próprio setor, uma grande maioria se sujeitou ao longo do tempo, e ainda se mantêm sob as condições precarizadas impostas pela indústria de vestuário.

7.2 - A palavra dos empresários

Procura-se! A falta de profissionais qualificados afeta confeções e empresas de todos os tamanhos e segmentos. Para os empresários da indústria de vestuário, a falta de mão de obra qualificada, principalmente de operadores de máquinas de costura e de modelistas, somada à alta média de idade das trabalhadoras atuais, com faixa etária acima dos 38 anos, é um indicador de que o setor está na curva descendente do número de profissionais. A alta carga tributária e os mercados competitivos foram apontados como sendo alguns dos fatores responsáveis pela evacuação da mão de obra de costureiras na indústria de confecção de vestuário, e conseqüentemente a desmotivação dos jovens para seguir a profissão, foram apontados pelos empresários como ameaças ao futuro da indústria de confecção.

Pelas respostas apontadas nas entrevistas ficou claro o posicionamento dos empresários, como de quem tem enfrentado um tempo novo, de alta competitividade e de grandes alterações no sistema económico e tecnológico. Foi relatada principalmente, a carência de colaboradores com capacitação profissional adequada às novas exigências tecnológicas, mas também com senso de flexibilização para adaptar aos novos paradigmas de relações laborais, onde é requerido do profissional um novo modelo comportamental, uma nova atitude mais proativa no ambiente de trabalho.

Nos últimos dois anos passamos por um processo de recrutamento de costureiras. Entrevistámos umas 200 a 300 pessoas e a taxa de recrutamento foi baixa, porque a qualificação para trabalhar nesta área estava também ela, “baixa”. Temos de ser criteriosos, pois os clientes internacionais que temos exigem qualidade acima de tudo.

Empresário 2 – Confeção *private label*- Portugal

Quando inqueridos sobre o que tinham a dizer a respeito das perceções genéricas das costureiras, de que na verdade a profissão de costureira não estava em extinção, mas na perspetiva delas estavam era sem valorização, os empresários manifestaram-se unânimes quanto ao pensamento de que quanto ao salário é assim: pouco para quem recebe e muito para quem paga, devido à quantidade de impostos que o acompanha. E, com a falta de qualificação, a situação torna-se ainda mais complicada. No entanto, três respostas foram seleccionadas para demonstrar posicionamentos distintos entre eles:

...Melhorar os salários está muito difícil, pois a baixa produtividade e o baixo valor agregado aos produtos confeccionados não dão-nos esta possibilidade, ainda mais com

os produtos importados pela metade do preço a nossa porta. Este é um problema que só vejo solução por meio de uma política industrial nacional. Nós viramos os bandidos da história, mas enquanto os líderes dos setores não se debruçarem sobre este assunto, não vejo solução à vista, em curto prazo. Não é só a gente como confecção, tem várias empresas que sofrem com a mesma situação e o quadro vai se agravar se nada for feito. A falta de mão de obra pode ser comprovada na linha de produção. As máquinas de costura estão vazias, sem funcionários e já afetam diretamente no volume dos estoques. A maneira como foi proposta a terceirização inicialmente para nossas indústrias, de uma parte do processo para que pudesse focar em outras atividades era boa, mas verdade é que virou redução de custo e ao que assistimos a partir daí foi um verdadeiro leilão da mão de obra, condenando a confecção a leiloar o trabalho da costureira. A que se chegou, foi a uma descapitalização humana progressiva, pois as costureiras qualificadas, essas encontraram um meio de se adaptar de maneira autônoma, arrendando espaços, ou na própria residência, e claro, sem a menor perspectiva de elas retornarem para o sistema de fábrica. Pois, trabalhando lá elas ganham mais. Sabe-se disto, não se pode negar.

Empresário 3 - Fábrica de vestuário feminino- Brasil

A escassez de profissionais qualificadas é alarmante. Há dois meses não estamos capazes de preencher seis vagas disponíveis, de colocação imediata. Quando aparecem, o desinteresse e a falta de comprometimento logo manifestam, sem contar com o despreparo para as inovações tanto tecnológicas como no processo produtivo. No entanto, tentamos resolver essa deficiência promovendo treinamentos internos que preparam o trabalhador para atender necessidades da empresa. Assim, temos conseguido nos manter ainda produtivos. Vejo que o treinamento interno é o caminho recomendado para suprir a carência de costureiras, mesmo sabendo que depois de treinadas elas podem mudar de empresa. É um risco que temos de correr...

Empresário 4 - Fábrica de roupa infantil- Brasil

Estou nesse ramo há 25 anos, a minha maior dificuldade hoje é achar profissionais qualificados e comprometidos com o trabalho. Tento ao máximo fazê-los entender que temos de ter qualidade, pois a concorrência está muito grande e podemos ficar de fora do mercado. Na maioria das vezes, tenho que buscar um funcionário sem qualificação, mas que vejo ter potencial, e vamos qualificando-o na medida do possível, pois os profissionais operacionais do setor têm, em geral, até o curso fundamental, daí a dificuldade de se instalarem em setores que exigem mais do que a habilidade manual.

Empresário 3 – Brasil

Nas pesquisas realizadas, o que mais se ouviu foi a reclamação a respeito da falta de interesse dos jovens em trabalhar na área de costura. Ficou relatado que há vários deles trabalhando nas empresas, mas são descompromissados e estão só de passagem, pois preferem ganhar menos em escritórios com computadores e se esquecem ou ainda não se aperceberam de que hoje as confeções possuem muitas máquinas computadorizadas, nas quais poderiam atuar e ganhar mais.

A falta de profissionais jovens no setor deve-se também à automação em outras áreas, que atribuem funções com maior reconhecimento e remuneração, fazendo com que os jovens se sintam mais atraídos para esses outros empregos.

Sobre a relação entre mão de obra e desenvolvimento económico: a evolução socioeconómica de uma região faz com que a atividade de produção intensiva, como a da confeção, perca seu espaço para atividades consideradas mais nobres, com mais *status*. Independentemente de cada região, isso acontece inexoravelmente.

O crescimento económico e social faz com que o trabalhador, especialmente o jovem, não queira se tornar operário. E o que tem acontecido é que as empresas que precisam assegurar a produtividade e tem potencial para flexibilizar e migrar o setor produtivo das suas empresas dos centros industriais para o interior conseguem desta forma reduzir seus custos e também obter uma confeção mais barata, empregando funcionários que não têm acesso tão fácil a informações de ponta e, ao mesmo tempo, não intencionam sair da comunidade local. Possibilidade esta, experimentada por poucas organizações. As demais, como é o caso da nossa empresa, precisa encontrar outros meios alternativos para atração de novos profissionais. Não temos saída.

Empresário 4 - Brasil

Para os empresários, as dificuldades vividas no setor da indústria de vestuário são geradas pelos altos impostos, pela invasão dos importados e pela falta de qualificação do pessoal, quase como uma “cadeia alimentar”, por assim dizer: enquanto os custos de produção se mantêm altos, por causa dos impostos, as confeções buscam alternativas para sua sobrevivência, e com a abertura dos mercados a saída para a competitividade passou a ser a importação. Porém, importando vestuário, não há contratação de costureiras; não havendo contratação, quem vai se interessar em entrar para esse mercado?

Estamos no setor de fardas empresariais. Contamos com 38 funcionários, 22 no setor da costura. Temos bons profissionais na ativa, porém, se precisarmos contratar novos, teremos dificuldade, pois os bons estão empregados e os jovens não querem trabalhar nessa área. Precisamos de uma maior divulgação e conscientização, ou até mesmo de meios para promover maior valorização para que os jovens se interessem mais por esse mercado.

Empresário 1 – Portugal

Na análise das entrevistas feitas com os empresários, ficou evidenciado que dentro das empresas ainda há bons profissionais. A preocupação geral, a chamada de atenção está centrada na dificuldade de contratar novos colaboradores para reposição do quadro, ou mesmo para expansão da atividade.

Ficou registada também, a preocupação destes para que campanhas de maior divulgação desse trabalho aconteçam, para que seja mais bem conhecido, pois não só no vestuário, mas nos setores automobilísticos, moveleiro, entre diversos outros, há um profissional executando o trabalho de costura. Sabendo de a capacitação ser em médio prazo, ficou a sugestão da urgência de divulgar e incentivar, pois o setor cresceu e o número de profissionais não. É preciso divulgar os salários, que atualmente não são os piores do mercado, segundo os empresários, divulgar mais o processo como é feito, como é desenvolvido o trabalho de costureira. Há muitos jovens, sem trabalho e também adultos que por não terem tido a oportunidade de conviver com pessoas deste setor, desconhecem as possibilidades de inserção ou reinserção no mercado de trabalho por meio desta atividade.

Entretanto, em virtude de tais relatos achou-se pertinente apresentar a orientação do profissional e professor FEA/USP, José Pastore, já em 2012, durante o seminário realizado em São Paulo pela Abimaq em parceria com o SENAI, a respeito da crescente demanda por mão de obra qualificada, deu a seguinte orientação: “Há quatro maneiras de conseguirmos esse tipo de confeções: a pirataria, ou seja, ‘roubando’ funcionários de outras empresas, o que para a sociedade não resolve o problema, pois você ‘cobre um santo e descobre o outro’; a contratação de aposentados e a importação de funcionários estrangeiros, ambas as soluções restritas; e a mais realista de todas, que é o investimento em treinamentos de médio e longo prazo por meio da articulação de empresas com entidades de formação profissional. Não há receita de bolo, é um caminho caro, mas é o mais eficiente”.

7.3 - A participação dos sindicatos e representantes nacionais do setor

Quanto às associações sindicais, duas delas puderam dar a sua contribuição, e como representantes de categoria, foram perentórios em dizer que o fenómeno de deslocalização das empresas tem oferecido dificuldades para atuarem como defensores desta classe de trabalhadores. Os sindicalizados, que se viram despedidos ou terceirizados das grandes empresas, tiveram a perda de contribuições. Precarizados e sem vínculo, não são representados e por isso ficam vulneráveis à exploração da mão de obra.

No decorrer das entrevistas, outra dificuldade mencionada foi a sindicalização dos mais jovens que devido à grande rotatividade e/ou precariedade no trabalho, não se interessam. Eles entram para o setor têxtil, mas quando se deparam com o trabalho operário e precarizado, para além do baixo salário, ele acabam buscando outro setor mais favorável. Em outros casos também usam a oportunidade de se empregarem na confecção como trampolim para transporem para outras áreas de interesse nalgum momento oportuno ou ao término de alguma formação académica.

Sabedores que somos de que o quadro de profissionais da costura não se tem renovado a continuidade do trabalho informal que precariza o trabalho e desumaniza o trabalhador será dentre muitos outros, um fator de desinteresse das pessoas de se tornarem costureiras. O que sugere atenção e necessidade de discussão por parte dos governantes, pois se nada for feito em relação às leis e aos custos trabalhistas, em curto prazo haverá mesmo um desaparecimento considerável de profissionais.

Ronald Moris Masijah – Presidente Sindivestuário

Em virtude do grau de complexidade refletido na falta de equilíbrio entre as obrigações trabalhistas e o ganho de competitividade das empresas, buscou-se um aprofundamento sobre o tema nas representações nacionais da indústria de vestuário dos dois países. No Brasil, de acordo com a declaração da ABRAVEST (2014), as elevadas cargas tributárias para a manutenção de funcionários registrados é que obriga as confecções a terceirizarem as suas produções.

Não somos contrários à terceirização, na verdade ela já existe, mas existe um marco que a regulamenta. Se a terceirização fosse aplicada como prevista, não era de todo mal, visto que este é o caminho, não haverá voltas a dar, em todo o resto do mundo esta é uma prática moderna que vem sendo utilizada e se as regras fossem colocadas de maneira clara para a aprovação do PL 4340, e se buscassem um equilíbrio entre as

obrigações trabalhistas e o ganho da competitividade das empresas não ficaríamos a perder. Mas como a competitividade tem vindo a ser alcançada por meio da desproteção e da precarização do trabalhador, nossa contradição à terceirização vem à tona.

Roberto Chadad, Presidente da ABRAVEST.

Em Portugal, apesar da crise económica, segundo dados divulgados pela ATP (2013), o setor têxtil de confecção de vestuário vive num período de excelente actividade das empresas e do crescimento do valor das exportações nos últimos anos. De acordo com o seu presidente, foi declarado que quanto à produtividade do setor, com metade dos trabalhadores, tem-se o mesmo volume de negócios do que há anos atrás. No entanto, a FESETE como federação nacional dos trabalhadores têxteis do vestuário e calçado-TTVC, na luta contra o achatamento dos salários dos trabalhadores e o consequente empobrecimento da classe, suscitou questionamentos quanto a quem confere os lucros da produtividade e da exportação?

Entre 2000-2014 o volume de negócios por trabalhador cresceu cerca de 50%. Também o Valor Acrescentado Bruto por trabalhador (produtividade) entre 2000 e 2013 cresceu 35%. Perante tão bons resultados económicos nos últimos anos, nada justifica o corte nos direitos e os baixos salários. Os ganhos da produtividade devem ser partilhados com os trabalhadores, ao contrário da ATP que pretende partilhar os lucros apenas com os patrões. Aos trabalhadores só resta um caminho na defesa dos direitos e contra o empobrecimento de que estão a serem vítimas: a Unidade e a Luta.

Boletim FESETE/TTVC- março/2015

No geral, segundo os representantes, a terceirização vem trazendo sérias consequências para as trabalhadoras das indústrias de confecções de vestuário. Pela terceirização o que se vê é a deslocalização da produção de maneira polarizada e desregulamentada, que veio gerar o enfraquecimento da categoria enquanto seres coletivos.

Sem estarem registadas, relegadas à informalidade que lhes confere a desproteção dos direitos sociais e trabalhistas, as profissionais da costureira, em sua grande maioria, se encontram realizando o trabalho de forma isolada, precarizadas em seus próprios domicílios, distantes de outras companheiras e dispersas pelas cidades. Em virtude desta realidade que se descortina, a organização de uma entidade representativa estará cada vez mais distante de se concretizar. O grande desafio estará em encontrar um jeito novo de socialização.

7.4 - A participação das escolas técnicas

A área têxtil oferece muitas oportunidades para jovens e adultos que queiram se especializar e aprender novas funções no chão de fábrica, no desenvolvimento de peças e coleções, na administração e gestão dos recursos e processos de uma confecção e em outros diversos ramos no processo produtivo.

No entanto, apesar das vastas oportunidades que o setor disponibiliza, no que diz respeito às escolas, o que ficou evidenciado é que quando os mais jovens procuram um curso de costura, dificilmente é para se empregar na indústria. Normalmente, estes cursos são procurados para projetos próprios, ou autoemprego.

É impossível abordar esse tema sem falar na remuneração dos profissionais. Falta mão de obra por causa da baixa remuneração. Notamos mais costureiras e modelistas trabalhando em casa como autônomas do que se propondo a ter uma jornada nas indústrias, pois o lucro chega a ser maior dessa forma. Além disso, a maioria são mulheres e mães. Por isso, muitas optam por trabalhar em casa para poder cuidar dos filhos. Para reverter essa situação, é fundamental oferecer uma remuneração justa, ou seja, condizente com a jornada de trabalho.

Professora do núcleo de modelagem da escola de moda Sigbol Fashion-Brasil

Quanto ao ensino formal que se busca nas escolas técnicas, à luz do documento estudado na pesquisa teórica anterior, viu-se que nos Estudos Perspetivos 2020 (2014, p. 53), para a indústria têxtil de vestuário portuguesa, ficou tratado um compromisso de celebrar protocolos com as escolas técnicas, para que de forma partilhada possam elas estar em sintonia com as indústrias, de forma desenvolver estratégias de formação mais próximas da realidade e das necessidades das empresas e se tornarem instrumentos de excelência na qualificação proativa e eficiente dos recursos humanos e mais capacitados a responderem proativamente aos desafios da indústria moderna e globalizada. Uma das questões da entrevista, feita com a representante do ensino técnico português, foi sobre que iniciativas a entidade de ensino tem tomado para adequar-se e aproximar-se, o mais possível, a formação do aprendiz às necessidades reais da indústria, como parceiros na busca de solução para a escassez de costureiras? Em resposta, uma das entrevistadas declarou que o sistema de costura foi muito alterado e, portanto estava de acordo com que a capacitação tenha de estar à altura da necessidade do contratante, para que o aluno esteja apto a se empregar e completou:

O MODATEX mantém um projeto de parceria com as empresas do setor têxtil e vestuário para a qualificação profissional, estabelece protocolos de cooperação com as empresas, com o objetivo de em conjunto poderem encontrar as melhores soluções para a qualificação de novos quadros técnicos, bem como para a especialização dos atuais ativos das empresas. A parceria com as empresas podem avançar até para a formação itinerante que desloca a equipe de formadores para dentro da própria empresa de vestuário. Temos o “Formar para Empregar” que é um projeto formativo direcionado para a empregabilidade efetiva no âmbito da medida Vida Ativa - Emprego Qualificado

Coordenadora Modatex-Lisboa

Em virtude dos avanços tecnológicos e da reorganização produtiva pode-se perceber com clareza a necessidade de uma formação reformulada, já não basta o conhecimento técnico é preciso mais. Nas indústrias contemporâneas, são necessárias pessoas polivalentes. Pode-se citar o cargo de modelista como um exemplo disso: no passado, o conhecimento de modelagem era suficiente; hoje, esse profissional precisa ter também habilidades de costura, conhecimento produtivo, além de estar atualizado com as novas tecnologias. Com o aumento da demanda de mercado, as confeções já estão carentes de profissionais especializados e conscientes da necessidade de treinamentos próprios para suprir suas necessidades de mão de obra capacitada. Dia após dia, as empresas começam a perceber que terá que oferecer algo além do emprego, o curso.

No entanto, ficou relatado que atualmente já se vê um aumento na procura por cursos da área, ao mesmo tempo em que o “preconceito” com a profissão tem vindo a se dissolver, especialmente por parte dos jovens que já conseguem encontrar valor nesta área como saída profissional alterando a sua percepção da profissão e também do setor.

Porém, quanto ao setor industrial, o que se tem assistido é a um verdadeiro paradoxo, pois além da grande procura por esses profissionais, perceptível em qualquer polo confeccionista pelo número de vagas disponíveis, na maioria das vezes não são preenchidas pela falta de qualificação. Mas é isso o que as escolas têm feito: qualificar. A grande questão ainda é a ausência de interessados.

8 - Propostas e sugestões alternativas

a) – Sugerir a união das forças sociais como estratégia de solução

Com o intuito de reforçar o que há muito já se tem apontado como um caminho para a solução deste problema de escassez de mão de obra qualificada na indústria de confecção de vestuário, o presente estudo alvitra por sua vez, a união das quatro grandes forças sociais, nomeadamente: o poder público, as indústrias e as escolas técnicas e os sindicatos, para que juntas e com muita vontade política, poderão ser capazes de reverter esta situação de abismo, existente entre os dois polos, a indústria da moda que clama por profissionais capacitados, como fator crucial para atender à demanda do mercado, e de outro lado, uma grande camada da sociedade, especialmente jovens e mulheres em situação de risco, desemprego estrutural e vulnerabilidade social, a clamarem pela oportunidade de inserção no mercado de trabalho e sustentabilidade.

A não ser assim, o autor Lesbaupin (2010) em seu estudo – “*Por Uma Nova Concepção de Desenvolvimento*”, utiliza uma expressão que vem elucidar sobre o risco do caos iminente, de que se as forças conjuntas não forem capazes de conduzir esta situação a bom porto, poderão em longo prazo “serem obrigados à solidariedade dos náufragos”.

Pelos estudos realizados, foi possível perceber que estamos diante de um fenómeno complexo e que dificilmente será resolvido em curto prazo, ou de maneira trivial. Será preciso juntar forças. Ainda neste sentido o mesmo autor veio colaborar afirmando que o mundo não vai parar em determinado momento para passar a funcionar de outro modo. Cabe a nós introduzir, ou reforçar, as tendências de mudança. A análise dos processos decisórios e a busca de correções tornaram-se centrais. (2010, p.17)

Em virtude desse quadro profundamente desigual, quando numa ponta há companhias altamente fortificadas, operando em escala global, tanto em termos de oferta como de demanda, e na outra ponta formas de trabalho bastante desprotegidas, é que deliberadamente este estudo assumiu a intenção de fazer vir à tona as condições precárias, geradas pelo setor de confecção de vestuário, bem como colaborar, de forma a constituir informações preliminares adicionais para os próximos estudos teóricos científicos, sem perder a oportunidade também de apontar para a necessidade da criação de políticas específicas, que protejam os profissionais da costura do vento frio da racionalidade económica, que a partir da abertura aos mercados internacionais ditou a competitividade da indústria do vestuário como sinónimo de baixo custo operacional mesmo que a qualquer custo.

b) - Apresentar a “Academia da Costura Moderna” como sugestão metodológica inovadora

Capacitar é a palavra de ordem. Partindo do princípio de que na indústria da moda sobra mercado e falta mão de obra especializada, espera-se com este estudo contribuir com a sugestão de alternativas tecnológicas e metodológicas para a capacitação profissional. A investigadora, entretanto propõe a partir deste estudo a implantação de um projeto de sua autoria, apresentado e desenvolvido no seu mestrado executivo de Empreendedorismo e Inovação - (ISCTE - 2012/2013) Academia da Costura Moderna⁴. A proposta sugerida apresenta uma metodologia inovadora para o ensino de corte e modelagem de costura. Uma metodologia dinâmica, simplificada e facilitadora, adaptada aos tempos e às necessidades modernas.

A metodologia desenvolvida pela investigadora foi testada em trinta pessoas: quatorze jovens e dezasseis adultos. Demonstrou-se ser eficiente e motivadora, A inovação que apresenta está relacionada com o desenvolvimento de um equipamento facilitador, que aqui é denominado como esquadro de modelagem, pelo qual os aprendizes são orientados e capacitados para realizar o curso modelagem industriais de todos os tamanhos em apenas doze aulas, (módulo 1- indicado para profissionais que sabem costurar, mas não possuem autonomia para modelar e cortar), e com apenas vinte e uma aulas, (Módulo 2 - indicado para principiantes) receberem as orientações básicas de modelagem e confeção.

A Academia da Costura Moderna apresenta no seu modelo compacto de formação-ação, a sua “proposta de valor”. Uma capacitação profissional rápida, eficaz e inovadora com capacidade de promover, numa linha de curto prazo, o encontro dos dois polos críticos de carência: o necessitante (a indústria) e o necessitado (o desempregado ou empreendedor individual). Espera-se apresentar também com o objetivo de combater a ineficiência do setor de ensino, onde atualmente os cursos de corte e costuras são ministrados com técnicas de ensino ultrapassadas (ainda dos anos 70), cursos de longa duração, de até 500 horas, basicamente para a transmissão de conhecimentos calculistas e obsoletos, que não prepara a pessoas profissionalmente para empreender a sua própria carreira, como seres proativos e capacitados para trabalhar em equipa, como fator de diferenciação para o desenvolvimento da empresa e do próprio crescimento pessoal e profissional.

⁴ Projeto vencedor na categoria Empreendedorismo e Inovação - Desenvolvido e apresentado pela pesquisadora Geni Babosa dos Santos Moreira, no Mestrado Executivo 2012/2013- ISCTE, Lisboa.

Assim sendo, o projeto proposto terá como missão: capacitar pessoas, mas também almeja o grande desafio de alvitrar uma nova denominação para a categoria como de “técnico (a) em confecção de vestuários”.⁵ A lógica destas duas alterações estratégicas: De denominação, e de metodologia de ensino inovadora está focada na atração da força jovem, (também masculina), conferindo-lhes um melhor enquadramento social e profissional. Mas especialmente quanto à alteração da denominação, espera-se com esta, que venha representar uma estratégia importante para combater o estigma pejorativo, preconceituoso, que o título de “costureira” carregou ao longo dos anos como sendo de uma profissão menor, de quem não se desenvolveu em outras áreas do conhecimento, totalmente desprovido do seu valor arte e do seu saber-fazer na moda.

Esta capacitação contemporânea não se limitará à inserção dos mais jovens no mercado de trabalho, mas principalmente e também pela sua dinâmica, deverá possibilitar a oportunidade de reinserção da população em situação de risco ou desemprego estruturante.

No entanto, Se o objetivo é mobilizar os mais jovens para que olhem para o setor da produção de moda vestuário como saída profissional , como fonte de realização pessoal.

A partir da experiência positiva da formação presencial, também outra versão *on-line* vem sendo desenvolvida, visando maior difusão e acessibilidade da capacitação. O objetivo é buscar parcerias público-privadas para expandir o ensino da modelagem e costura para além das salas de aulas das escolas, tornando possível a sua integração nas empresas e principalmente nas instituições sociais por meio de uma plataforma com aulas e assessoria virtuais. Enfim, a nova proposta metodológica da Academia da Costura Moderna, suportada pela tecnologia, visará contribuir para divulgar mais e melhor as oportunidades do setor e mostrar a produção de vestuário como oportunidade de negócio, fonte de emprego e renda, de desenvolvimento pessoal e social sustentável.

c) – Conceber uma Plataforma *on-line* – Blog para a informação e a socialização

O isolamento com que se encontraram as profissionais da costura, sentido e relatado por elas mesmas nas pesquisas, revelou ser uma das causas que as tornam vulneráveis e alvos fáceis para a exploração silenciosa de género. Na obra de Abreu (1986), este assunto já foi alvo de análise, quando a autora relatou: “A posição de extrema fraqueza das costureiras, que

⁵ Para que o impacto desta alteração de denominação pudesse comprovar a sua importância de sentido para os mais jovens, dois *curriculuns*, cada qual preenchido com uma denominação no campo da profissão: no primeiro – “costureira” e no segundo – “Técnica em confecção de Vestuário”, foram apresentados a 20 jovens de 17 a 25 anos. A escolha foi unânime pela nova denominação.

conscientes disso por se sentirem sozinhas não se veem capazes de fazer reivindicações, daí a única possibilidade de ação, em caso de crise, é abandonar o trabalho e procurar outra confecção”.

Neste sentido, importa salientar que foi considerado como sendo um dado bastante interessante, perceber que todas elas disponibilizavam de um computador em seu ambiente de trabalho. Como dentre as questões colocadas na entrevista, uma delas dizia respeito ao interesse de ver criado um canal social, uma plataforma *on-line* desenvolvida especialmente para a categoria de costureiras, estrategicamente desenvolvidas para ser numa ferramenta de socialização, veículo de partilha de informações e de conhecimentos, pertinentes ao seu crescimento profissional e pessoal, bem como de interação com seus pares, todas elas foram unânimes em dizer que sim. Uma delas, a costureira três comentou:

Era bom mesmo, assim a gente podia trocar ideias e falar das dificuldades. Pois já me aconteceu de eu ficar frustrada achando que algum problema só acontecia comigo e às vezes assim, por exemplo, numa festa, se a gente encontra com outra pessoa da mesma área e falando, ela conta que com ela também acontece, num é que a gente acha bom, mas a gente deixa de se sentir pior. Eu gostaria muito. Penso que nós devíamos ser mais unidas, partilhar as coisas. Mas não, fica cada uma no seu canto. Podíamos ter mais informação sobre o que está acontecendo no mundo da costura e das costureiras. Somos uma classe de solitárias, cada qual no seu canto...

Costureira 9 – Brasil

Se eu me sinto sozinha? Às vezes eu paro pra pensar na minha vida e fico um pouco alegre e um pouco triste, alegre porque graças a Deus eu tenho trabalho, mais um pouco triste porque este trabalho me faz ficar isolada do mundo, parece, sabe?

Costureira 13 – Brasil

A ideia de conceber uma plataforma *on-line* é despertar o sentido de comunidade digital, uma socialização contemporânea, adaptada para promover discussões temáticas tais como: questões de gênero, exploração trabalhista, orientações financeiras, gestão de tempo, saúde preventiva, empreendedorismo, lazer e bem estar, dentre outras que se fizerem relevantes.

9- Conclusão

Ao término deste estudo pôde-se concluir que a terceirização é um fator irreversível no mundo moderno. Neste sentido, ela precisa ser vista como uma realidade que já não pode e nem deve ser ignorada.

No entanto, assegurada pela literatura estudada, percebeu-se que a terceirização não está seguindo os rumos para os quais foi criada: de instrumento de progresso, direcionada a uma maior especialização da atividade *core business*. O que se observou foi que de uma maneira avassaladora e sem um marco regulatório, a terceirização vem alcançando liberdade para a deprimente instituição do trabalho escravo urbano, e em muitos casos de caráter sub-humano e inaceitável para com a dignidade dos trabalhadores. Consentir a terceirização como instrumento de precarização, por meio da subcontratação e do enfraquecimento do trabalhador enquanto sujeito coletivo é colocar por terra todo um arcaboço de direitos adquiridos.

Todavia, se ao fim deste estudo concluímos que a terceirização fugiu ao seu princípio, e que as profissionais da costura, em sua grande maioria, foram lançadas à desproteção social, como trabalhadoras anônimas em seus domicílios, constituindo as micro-indústrias de costureiras, num sistema marginal, de economia invisível, de baixo nível de organização, na informalidade precária e sem a menor representação dos seus interesses, pôde-se dar por alcançados os objetivos números um e dois deste estudo, uma vez que estes dois objetivos encetados questionaram a influência negativa dos processos de terceirização da confecção de vestuário e da falta de valorização salarial, como importantes fatores responsáveis pela escassez de costureiras qualificadas.

Por meio deste estudo, também foi possível verificar de perto a real escassez de costureiras na indústria de vestuário nos dois países estudados. É verdade que tal facto não trouxe em si nenhuma surpresa, mas antes veio reforçar o compromisso de sugerir algum sentido de urgência para que os olhares dos gestores da indústria da moda se voltem para o elo da costura com mais atenção, e que uma vez conscientes de que está no elo da confecção o elo mais fraco, mas também os mais impactantes de uma indústria de vestuário queiram se assentar e tentar encontrar uma saída, um novo posicionamento de partilha de saberes, numa relação laboral de ganhos bilaterais e consequentemente sustentáveis. Pois com a precarização das suas trabalhadoras, a maior prejudicada será a própria indústria.

Porém, diante do novo cenário de competitividade que dita o ritmo para as indústrias, apercebeu-se que inevitavelmente, também às trabalhadoras, por sua vez, lhes é dada a responsabilidade de se enquadrarem no novo perfil da indústria. Para que a adequação aos novos tempos aconteça de maneira conjunta, favorecendo a tarefa comum de compreenderem e de lidarem com os processos de mudança, de modo a enfrentarem assim, o grande desafio do capitalismo, e de aceitarem que os princípios tradicionais dialoguem com os novos princípios para serem incorporados como complementares e facilitadores da integração ao fenómeno atual das novas formas de trabalho que estão surgindo. Todavia, ao registrar a importância desta nova maneira de estar, mais flexível e mais adaptável das profissionais da costura, pôde-se considerar igualmente alcançado, o objetivo número três deste estudo que visava à identificação de um novo perfil para as trabalhadoras das indústrias de vestuário.

Segundo dados da ABIT Associação Brasileira da Indústria Têxtil (2013), corroborados pela Associação Têxtil Portuguesa – ATP (2013), apenas 20% de um trabalho de costura é tempo de máquina e exatos 80% são dependentes dos movimentos realizados pela costureira, o que demonstra estarmos diante de um fenómeno social digno de aprofundamentos, pois levando em conta a sua historicidade, revelou-se como um problema que dificilmente será resolvido em curto prazo, de maneira trivial ou de forma isolada.

Quanto a esta questão, cabe a evidência de que segundo as análises do estudo empírico, há um círculo vicioso, desfavorável e perigoso, que ao longo do tempo tem promovido condições para que a procrastinação venha atrasar a busca de solução do problema. Quadro este, perceptível e de fácil validação a partir das divergentes percepções que vieram à tona pelos relatos dos representantes de cada grupo social, quando cada qual, sem que antes se exercitasse a boa vontade de refletir sobre a sua corresponsabilidade na problemática em evidência, deixou sutilmente notória a atitude cómoda de relegar a responsabilidade da busca de solução do problema simplesmente para o outro setor, demonstrada nas análises a seguir:

a) Na percepção das costureiras, a grande causa da escassez de profissionais foi apontada como sendo de responsabilidade da indústria, que segundo os relatos da pesquisa são tratadas não como parceiras do processo produtivo, como força propulsora do crescimento da indústria, mas antes vistas, como exército de reserva, de mão de obra barata, de força física, músculos em favor do capital. Ficou também, de maneira reconhecida pelas costureiras, evidenciada a sua impotência para lutar por melhores condições devido ao isolamento em que se encontram, e quanto a sua permanência no setor, esta é forçada pela

baixa escolaridade, pela baixa qualificação profissional e pela sua responsabilização da organização familiar e doméstica, compondo desta feita um cenário ideal à desproteção social e à exploração profissional, o que veio reforçar as assimetrias e desigualdade de gêneros, confirmadas por Guiraldelli (2012) nos estudos teóricos;

b) Pelos relatos dos empresários do setor, verificou-se que há muitas dificuldades políticas e económicas enfrentadas pelas micro e pequenas indústrias do vestuário, o que emperra o crescimento das mesmas, comprometendo o seu desenvolvimento para a competitividade dos mercados. Dentre os muitos desafios enfrentados pelas empresas pesquisadas, para a sua manutenção e competitividade, o primeiro foi apontado para a realidade da mão de obra desqualificada ou escassa, e após esse, os encargos sociais e tributários que ficaram evidenciados como entraves do setor e causadores da incapacidade financeira dos empresários para proporcionar melhores salários às costureiras, como forma a mantê-las na indústria, mas principalmente como meio de atrair novos colaboradores;

c) No que diz respeito aos sindicatos, estes continuam operantes, mas com grandes dificuldades para atuarem como defensores dos trabalhadores da indústria de confecção de vestuário. Dificuldades estas, manifestas em virtude dos reflexos da terceirização que polarizou a sua produção, relegando os trabalhadores do setor à informalidade e à precarização do emprego, bem como o crescente desemprego. Segundo os representantes sindicais tais aspetos têm sido fulcrais para desmontar a capacidade organizativa desta classe trabalhadora. No entanto, corroborados por (Hirata & Preteceille, 2002, p.63), para a organização sindical, mesmo frente a tais empecilhos e dificuldades, ficou a certeza de que o fortalecimento da classe que representa o motor das confecções não é inatingível, desde que a classe tenha unidade para a invenção estratégica de novas formas de ação coletiva, ficando a deixa de que será preciso inovar também neste âmbito;

d) As escolas técnicas pesquisadas, por sua vez, confirmaram a inserção de alunos jovens nos cursos técnicos de costura, no entanto com um fator negativo de preocupante desalinho ao interesse da indústria de captar força jovem para seus quadros, pois a grande maioria de interessados tem buscado o curso como saída profissional do tipo autoemprego ou empreendedorismo pessoal, muito raramente para inserção na indústria de confecção de vestuário. Segundo os representantes das escolas técnicas pesquisadas esse desinteresse é fruto da falta de valorização profissional e conseqüentemente salarial, declaração validada por uma professora entrevistada que foi categórica em afirmar: “– Há falta de costureiras, porque os salários não são atrativos, nem compatíveis com a jornada de trabalho das trabalhadoras.”

Confrontadas sobre a relação dos cursos oferecidos e a real necessidade de profissionais capacitados que a indústria necessita, as escolas confirmaram estarem adaptadas, porém o grande problema é a falta de aprendizes interessados.

Os estudos realizados denunciaram que a falta de mão de obra qualificada já se manifesta como o grande gargalo do setor, que tem o risco iminente de perder cada vez mais espaço na conquista de investimentos e aproveitamento de oportunidade de expansão da economia. Supõe-se contudo, que se não forem feitos sérios investimentos para a promoção da qualificação profissional, mas principalmente de implantação de políticas sociais de respeito ao fator humano, dificilmente as indústrias de confecção poderão atrair sangue novo para o setor, força jovem necessária para garantir a sustentabilidade da engrenagem produtiva como forma de amenizar o mediático paradoxo que já se descortina desta indústria, onde sobra mercado e falta mão de obra especializada.

Nesta conjuntura, tornou-se imperioso trazer à tona o problema, porém de uma maneira mais pragmática, mais analítica, capaz de buscar caminhos que conduzam às alternativas promissoras, ou de no mínimo, suscitar discussões públicas e proposições por parte dos trabalhadores, empresários, governantes, sindicatos e escolas técnicas, no intuito de provocar o reconhecimento de que só haverá solução pela força conjunta, pelo interesse político da união dessas cinco forças, pela projeção de ganhos bilaterais, extinguindo de vez esta nódoa que tem vindo a se viralizar e a impregnar negativamente a indústria do vestuário como sendo a indústria que dissimula a mão de obra utilizada, análoga à mão de obra escrava, tantas vezes já veiculada nas mídias como episódios deprimentes, resultantes da terceirização produtiva ilegal, desregulamentada e desumana.

Neste sentido, se nenhuma alternativa concreta for alcançada, corre-se o risco de ver a indústria de vestuário, historicamente vincada pela sua vertente social, empregadora e desenvolvimentista, entregue à mercê do capital voraz que para se manter, caminhará a passos largos à caça de populações miseráveis que lhe sustente o elo da confecção. Um verdadeiro contra senso.

Porém, especialmente no que se diz respeito à cultura da profissão, relacionada ao “saber-fazer” das costureiras, empregado na atividade operacional da costura de uma peça inteira do vestuário, podemos concluir que em médio-longo prazo, em virtude da mecanização das atividades, tem-se suscitado reais preocupações pela sua decadência, pois este “saber-fazer” parece esvaído nas funções repetitivas e monótonas, exercidas pelas costureiras na indústria, absorvidas como meras operadoras de um sistema de máquina de costura,

completamente dissociadas da cultura da profissão e do prazer da arte, da sua subjetividade enfim, influenciando diretamente na transferência de *know how* para as novas gerações.

Todavia, não havendo mais essa transferência, e com o histórico de setor que valoriza mais a criação do que a produção, que relega as costureiras à exploração trabalhista e à precariedade, as indústrias de vestuário segundo a sua trajetória, em curto prazo já não se farão atrativas para os mais jovens, e futuramente em virtude desta realidade, inevitavelmente pagarão o preço, quando se defrontarem com demandas de mercado cada vez mais crescentes, mas com uma capacidade produtiva insuficiente, gerada pela escassez da mão de obra qualificada, já tão anunciada e tão pouco cuidada.

Mas a costura não vai acabar...

Enquanto as questões político-sociais-económicas não se ordenam para a busca de soluções verdadeiramente sustentáveis, sabe-se que no setor da confecção, a necessidade de profissionais capacitados continua iminente, um sinal verde para que o trabalho de divulgação e promoção da cultura da profissão seja inovado e promovido para as novas gerações com as perspectivas de gerir um futuro profissional de mais valor, apoiado na tríade dos conhecimentos: técnico-económico-empresarial.

Para tanto, a investigadora, que também é estudiosa do assunto de simplificação de processos e bastante interessada por métodos inovadores de facilitação da aprendizagem, vem sugerir, a partir deste estudo, uma nova proposta metodológica para o ensino de modelagem, corte e costura segundo o novo modelo denominado: “Academia da Costura Moderna”, que tem sido ao longo de três anos, corroborado pela sua aplicação prática cotidiana experimentada. Esta nova proposta foi pensada e desenvolvida com o intuito de seguir os parâmetros de uma metodologia inovadora para o ensino da arte da costura, uma metodologia dinâmica, simplificada e facilitadora, adaptada aos tempos e às necessidades modernas, intercalada com conhecimentos de empreendedorismo ou intra-empresarialismo, ou seja, uma capacitação orientada para a proatividade profissional, longe das metodologias rebuscadas, calculistas e obsoletas dos anos 70, pois considerando que o mundo mudou o jeito de ensinar e aprender a costura também precisou mudar.

Agregada a esta proposta inovadora, outra versão mais ambiciosa para a difusão e acessibilidade da capacitação da arte da costura vem sendo paralelamente estudada: Uma versão *on-line*, com sala de aula virtual, de modo a inovar também no paradigma do ensino técnico de modelagem, corte e costura, para que este não fique centrado apenas nas escolas, mas que possa ser integrado nas empresas e instituições sociais. Essa capacitação

contemporânea, pela sua proposta de formação-ação tem a pretensão de proporcionar aos aprendizes a inserção ou a reinserção social e profissional pela atividade da costura, direcionada especialmente aos jovens e/ou adultos em situação de risco, desemprego estruturante e vulnerabilidade social, alcançados estrategicamente por meio de futuras parcerias público-privadas. Um aprender a costurar, acreditado como oportunidade para o empreendedorismo ou colocação profissional, visto que o mercado da moda no setor vestuário é vastíssimo e inesgotável. Mostrar a produção de vestuário como oportunidade de negócio, fonte de emprego e renda, de desenvolvimento pessoal e social sustentáveis, alcançando desta feita, o objetivo número quatro deste estudo que visou apontar a cultura empreendedora como caminho alternativo.

Já se vai longe o tempo em que o conhecimento técnico era suficiente. É preciso mais. Para o elo da confecção, na cadeia produtiva de vestuário, estudos comprovaram a notória importância da componente humana. Portanto, também não será em vão, que este, como tantos outros estudos apontem para a urgência de trabalhar uma ressignificação do papel dos profissionais da costura, de modo a dar-lhes suportes de adequações aos novos tempos, mas também de autovalorização, como seres de direitos, detentores de um “saber fazer” de valor agregado.

O modelo de capacitação que se alvitra tem a pretensão de capacitar pessoas de forma rápida moderna e eficaz, mas também de trazer o desafio de sugerir uma nova denominação para a categoria profissional como sendo: “Técnico (a) em produção de vestuário”. A lógica dessas alterações, da metodologia inovadora de ensino-aprendizagem, e em especial da nova denominação para a categoria foram delineadas estrategicamente para atrair a força jovem, conferindo-lhes um melhor enquadramento social e profissional, donde vem claramente, assumir o papel importante de combater o estigma pejorativo que o título de “costureira” carregou ao longo dos anos, e ainda carrega até aqui, como sendo uma profissão menor, de quem não se desenvolveu em outras áreas do conhecimento, de categoria arcaica, ultrapassada, totalmente desprovido do seu valor arte e do seu saber-fazer na moda, atingindo assim o objetivo número cinco que se referiu à proposição de inovação e dinamismo na capacitação profissional, tornando-a mais acessível, atraente e mais adequada aos tempos e a vida moderna, especialmente da população mais jovem e em situação de risco.

Norteada pela experiência próspera de 26 anos, como empreendedora no setor de costura, a pesquisadora justificou a apresentação da nova metodologia de capacitação profissional e da nova denominação da categoria, com um propósito que encontrou eco em

Kawasaki (2006), quando no seu livro *“The Art of the Start”* o autor orienta que qualquer projeto novo só deve avançar se estiver assente em três nobres propostas: 1^a- melhorar a qualidade de vida das pessoas; 2^o- Corrigir algo errado; 3^o- Prevenir o fim de algo bom.

Da grande tarefa de investigar sobre o fenómeno da escassez de costureiras no Brasil e em Portugal pôde-se concluir que em virtude da economia globalizada, em maior ou menor proporção, os problemas também parecem globalizados e no entanto, as questões político-económico-geográficas diferenciadas, pouco influenciaram na génese do problema, ou seja, concluiu-se que, o que mudou foi o fator numérico proporcional.

Cumprir ainda dizer que sem a pretensão de esgotar o assunto, a presente pesquisa, ao delinear-se com o objetivo de estudar a génese do problema e apresentar alternativas de solução, também enfatiza o compromisso de denunciar e provocar discussões públicas que levem os responsáveis sociais e políticos a olharem para a dura realidade de precarização do trabalho das costureiras sem que tardem a perceber, tal qual já percebeu o presidente da SINVESPAR: “...A indústria vai sempre precisar das costureiras, a profissão de costureira é essencial, não há como ser diferente. O grande desafio está em encontrar formas para atrair e manter jovens profissionais no setor.” Letrelli (2013).

Para cimentar a percepção anterior, e validar a relevância social da problemática estudada, outra percepção da pesquisa teórica merece ainda ser revisitada e evidenciada como mola propulsora para ações conjuntas e pragmáticas: “... sem recursos humanos qualificados todas as estratégias visionadas não passarão de um exercício de boas intenções, incapazes de serem concretizados”. Estudos Prospetivos para a ITV 2020 (2014).

Em suma, espera-se que este estudo, em consonância com muitos outros já realizados possa vir, metaforicamente, como que a assumir o fio cortante de uma tesoura e colaborar para rasgar os muitos véus impostos pela indústria capitalista e pela sociedade consumista, interessadas em manter no anonimato a realidade precarizada que constitui a economia invisível advinda das mulheres costureiras, que em nome da terceirização implantada na indústria moderna, passaram a ter novas formas flexíveis de trabalho que significaram na maioria dos casos, alterações negativas em sua estrutura produtiva, sindical, política e social.

Que o presente e o futuro possam ser costurados com mais dignidade.

10- Bibliografia

Abreu, A. R. P., SORJ, B. 1993. *Trabalho a domicílio e relações de gênero: As costureiras externas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora.

Abreu, A. R.P., & Sorj, B. 1993. *O trabalho invisível: Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio Fundo Editora.

Abreu, A.R. de P. 1986. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo, Hucitec.

Agis, D., Bessa, D., Gouveia, J. e Vaz, P. 2001. *Vestindo o Futuro: Macrotendências para as Indústrias Têxtil, Vestuário e Moda até 2020*. Edição ATP.

Alves, J. F. 2014. *Fiar e tecer: Uma perspectiva histórica da indústria têxtil a partir do Vale do Ave*.

Amorim, B. M. F., & Araújo, H. E. 2004. *Economia solidária no Brasil: Novas formas de relação de trabalho? Mercado de trabalho*, 24, 45.

Antunes, R. 1999. *Os sentidos do trabalho*. Editora Boitempo.

Araújo, A., & Amorim, E. 2000. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: Um estudo na região de Campinas, trabalho apresentado no *XXIV Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais)*. Caxambu: Anpocs.

Araújo, A.M. C, Amorim, E.R.A., & Ferreira V.C. 2004. *Os sentidos do trabalho da mulher no contexto da reestruturação produtiva*. XV International Congress on Women's Health Issues.

Araújo, M. 1996. *Tecnologia do Vestuário* – edição da Fundação Calouste Gulbenkian . Lisboa.

Barbosa, A. de F. 2009. *“Setor para economia informal”: aventuras e desventuras de um conceito*. São Paulo. USP: Mimeo.

- Barreto, A. 2002. *Mudança social em Portugal 1960/2000*. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- Barreto, M. M. S. 2000. *Uma jornada de humilhações*. Dissertação de Mestrado do Departamento de Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Bento, C. F. 2008. *Dinâmica da moda, um estudo sobre a cadeia produtiva da moda*. Monografia submetida ao curso de ciências econômicas da UFSC. Santa Catarina.
- Bonacich, Edna *at al.*. 1994. *Global Production. The Apparel Industry in the Pacific*.
- Bradley, H. 1989. *Men's work, women's work*. Cambridge (UK), Polity Press.
- Bulgacov, Y. L. M. et al. 2011. *Jovem Empreendedor no Brasil: A busca do Espaço da Realização ou a Fuga da Exclusão*. Revista de Administração Pública, v. 45, n. 3, p. 695-720.
- Cacciamali, M. C. 2000. Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade, Campinas, Unicamp*, nº. 14.
- Caleffi, V. M. 2008. *Reestruturação Produtiva na Indústria do Vestuário e as Implicações para a Qualificação dos Trabalhadores*. Dissertação mestrado grau de mestre em educação Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.
- Camargo, F. S., & Guilhoto, J. J. M. 2002. O Impacto da Globalização na Indústria Têxtil, 1990 a 1999. *Anais do II Encontro de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo.
- Campos, G. L. R. de 2009. *Trabalho Precário, Terceirização e Cooperativas de Trabalho: Quando "Estar Juntos" se Torna uma Forma Coletiva e Precária de Inclusão Social*. Tese doutorado apresentada à Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis.
- Castells, M. 1999. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castles, S. 2002. *Estudar as Transformações Sociais*. Sociologia, Problema e Práticas, n.40: 123-148.
- Chahad, J. P. Z., & Cacciamali, M. C. 2005. As transformações estruturais no setor de transporte rodoviário e a reorganização no mercado de trabalho do motorista de caminhão no

Brasil. *Revista da ABET- Associação Brasileira de Estudos do Trabalho*. Ano 5, Vol. 2: n.10.

Chesnais, F. 1996. *A mundialização do capital*. Xamã Editora.

Chiavenato, I. 1999. *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos Humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus.

Corrêa, M. K. 2004. *A Reestruturação das Indústrias do Vestuário na Década de 1990*. Especialização *lato-sensu* em Moda: Criação e Produção – Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis.

Cristofoli, F. 2006. A Crescente Expansão das Cooperativas de Serviços no Brasil. *Organizações em contexto*. Ano 2 : n. 3.

Cunha, L. A. 2000. *O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização*. São Paulo: UNESP.

Diogo, F. R. 2002. *Caracterização dos perfis dos beneficiários do RMG: famílias monoparentais femininas*. Instituto para o Desenvolvimento Social. Lisboa.

Dornelas, A. *at al.*. 2010. Emprego, contratação colectiva de trabalho e proteção da mobilidade profissional em Portugal. *Estudo elaborado por solicitação da Ministra do Trabalho e da Solidariedade Social*. Lisboa.

Druck, G., Oliveira, L. P. J., & Jesus, S. C. S. 2010. *Precarização social do trabalho no Brasil: o caso da vulnerabilidade dos jovens e dos sindicatos*. In: Thaiz Braga, Francisco Vidal.

Duarte, A. M. 2009. “Significados e contornos sociais da precariedade” In *Ferve, Dois anos a Ferver: Retratos da luta, balanço da precariedade*. Porto. Afrontamento: 43-47.

Duarte, C., Esperança, P. J. (2012). *Empreendedorismo e planeamento financeiro*. Lisboa: Edições Silabo.

Dubar, C. 2001. Identidade profissional em tempos de bricolage. *Revista Contemporaneidade e Educação*. Ano VI: 9.

Fragoso, S. 2011. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Coleção Cibercultura: Sulina.

- Fragoso, S. 2011. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina: 239 p. Coleção Cibercultura.
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann, S. E. 2010. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, no. 122, vol. 35: 229-248. São Paulo.
- Gil, A. C. 1999. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 5.ed.
- Gonçalves, C. 2009 “Desenvolvimento do estudo: notas teórico-metodológicas” in Gonçalves, Carlos (org.), *Licenciados, precariedade e família*: 19-60. Porto: Estratégias Criativas.
- Gorender, J. 1996. Globalização, revolução tecnológica e relações de trabalho. *Assuntos Internacionais, Instituto de Estudos Avançados*: 47. Universidade de São Paulo.
- Gorini, A. P. F. 2000. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. *BNDES setorial*, 12: 17-50.
- Guiraldelli, R. 2012. *Adeus à divisão sexual do trabalho?: Desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção*. *Sociedade e Estado*, 27(3), 709-732.
- Haugenauer, L., Bahia, L. D., & Castro, P. F., & Ribeiro, M. B. 2001. *Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90*. Texto para discussão no. 786. IPEA-Instituto de Pesquisa Aplicada. Brasília.
- Hall, S. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tupykurumin.
- Harvey, D. 2008. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 17 ed. São Paulo: Loyola.
- Hirata, H., & Préteceille, E. 2002. Trabalho, exclusão e precarização socioeconômica: o debate das Ciências Sociais na França. *Caderno CRH-Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia*, no. 37: 47-80.
- Jakobsem, K. 2000. *Mapa do Trabalho Informal – perfil socioeconômico dos trabalhadores informais da Cidade de São Paulo*: fundação Perseu Abramo.

Jinkings, I., & Amorim, E. R. A. 2006. Produção e desregulamentação na indústria têxtil e de confecção. In: R. Antunes, (org), **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 527: 337-385.

*Kawasaki, G. 2006. **The Art of the Start**. Garage Ventures & TiECon.*

Kergoat, D. 2003. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Emílio, M.; Godinho, T.; Nobre, M.; Teixeira, M. (Orgs). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. Coordenadoria Especial da Mulher. Coleção Caderno da Coordenadoria Especial da mulher: 152. São Paulo.

Kilduff, P. & Priestland, C. 2010. **Strategic Transformation in the US Textile & Apparel Industries: a study of business dynamics with forecasts up to**. North Carolina State University. Raleigh, NC.

Kovács, I. 2005 "b". "Emprego flexível em Portugal: alguns resultados de um projecto de investigação", In Kovács, Ilona et al., **Flexibilidade de emprego: riscos e oportunidades**, Oeiras, Celta: 11-53.

Krein, J. D., & Proni, W. M. 2010. Economia informal: aspetos conceituais e teóricos. **Série Trabalho Decente no Brasil**. Brasília: OIT, 1 v. Documento de trabalho, no.4.

Lavinas, L. 2000. Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade. In: Texto para discussão, **IPEA**. Rio de Janeiro, no. 717: 47.

Leite, M. P. 2004. Tecendo a precarização: Trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, vol.2, no. 1.

Lemos R., & Francisco P.A. 2012. **Pesquisa Territórios da Moda**.

Lenoir, R. 1990. Objet sociologique et problème social. In Champagne, Patrick;
Lenoir, Remi, Pinto, Louis e Merllié, Dominique, **Initiation à la pratique sociologique**, Paris, Dunot: 53-100.

Lesbaupin, I. 2010. **Por uma nova concepção de desenvolvimento**. Le Monde Diplomatique Brazil.

- Lima, J. C. 2005. Novos espaços produtivos e novas-velhas formas de organização do trabalho: As experiências com cooperativas de trabalho no nordeste brasileiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, no. 73: 91-110.
- Lima, M. P., et al., 2008. Globalização e Relações Laborais: Análise dos sectores têxtil, Automóvel, Bancário, Telecomunicações e Hotelaria e Restauração. *VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: Saberes e Prática*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Junho/2008.
- Lojkin, J. 1995. *A Revolução informacional*. São Paulo: Cortez.
- Lopes, T. R. 2007. Doenças Profissionais X Doenças Do Trabalho: Diferenças E Semelhanças. *5a Mostra Acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP*.
- Lupatini, M. P. 2004. *As Transformações Produtivas na Indústria Têxtil-Vestuário e seus Impactos sobre a Distribuição Territorial da Produção e a Divisão do Trabalho Industrial*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: IE – UNICAMP.
- Machado, T., & David, A. 2011. O ensino profissional como arregimentador de crianças e jovens para o mundo do trabalho das escolas artesanais às escolas técnicas profissionais. *Revista Plure Humanidades*, Ribeirão Preto, ano 12, no. 15:84-100
- Maranhão, D., & Carvalho, L.I. B. 1993. **Direito do trabalho**. (17 ed.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas.
- Matsuo, M. 2009. *Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais*. Tese para obtenção título de Doutora em Sociologia, Faculdade Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Melo, M., & Duarte, T. 2001. Têxtil e Vestuário: Deslocalização ou realocação? *Gabinete de Estratégias e Estudos do Ministério da Economia de Portugal*.
- Moraes, C. S. V. 2003. *A Socialização da Força de Trabalho: Instrução Popular e Qualificação Profissional no Estado de São Paulo (1873-1934)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Francisco.

Moretto, C. F., & Capacchi, M. A. 2006. (in) formalidade e o setor (in)formal para além do ilegal. In: Moretto, C.F (org.). *Trabalho e trabalhadores: significados e significâncias*. Ijuí, RS: Unijuí.

Morin, E. 2000. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Ed.Cortez, vol.2.

Mota, A. E. 2013. A Precarização do Trabalho na Indústria do Vestuário: apontamentos sobre a realidade Brasileira e Portuguesa. *Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea*. Rio de Janeiro, 1º sem. 2013.

Napoli, S. 2007. Diferenciação do produto: estratégia da indústria têxtil para enfrentar a concorrência estrangeira. *Inovação Uniemp*, Campinas, v. 3, n. 3, p. 9. Mai./jun.

Navarro, V. L. 2003. *O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados*. São Paulo em perspectiva, 17(2): 32 – 41.

Neves A. M., & Pedrosa, C. M. 2007. *Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções*. *Sociedade e Estado*, 22(1), 11-34. FFCH/UFBA

Neves, M. A. 2001. Trabalho e Gênero: permanências e desafios. *Sociedade e Cultura Revista de Ciências Sociais*, julho-dezembro, ano/vol. 9, no. 2, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, p 257-265.

Oliveira, L. & Carvalho, H. 2011, Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 66: 27-48.

Oliveira, L. & Carvalho, H. 2008. A precarização do emprego na Europa. Dados. *Revista de Ciências sociais*, UFMG, no. 3, vol. 51: 541-567.

Oriques, H. R., Vieira, P. A., & Arienti, P. F. F. 2013. O fundo soberano chinês como instrumento da estratégia de desenvolvimento. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, 36.

Pagnoncelli, D. 1993. *“Terceirização & Parceirização: Estratégias para o sucesso empresarial”*. Rio de Janeiro.

Pereira, R. M. 2011. *De trabalhadoras precárias a empreendedoras da confecção?: a complexa construção da identidade profissional das trabalhadoras a domicílio da indústria*

de confecção. Tese de Doutorado em sociologia, Instituto de filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pimentel, L.C.T. 2010. *O trabalho e o processo de saúde-doença das costureiras por facção: região metropolitana de Goiânia*. Dissertação Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

Popper, K. R. 1978. *Lógica das ciências sociais*. Brasília: Universidade de Brasília.

SEBRAE / FGV (sem data) *Os territórios da moda do estado do Rio de Janeiro Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*. Instituto Pereira Passos.

QUIVY, R., & CAMPENHOUDT, L.V. 1988. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Coleção: Trajectos: 284.

Rebelo, G. 2004. *Flexibilidade e precariedade no trabalho: análise e diagnóstico*. Fundação Para a Ciência e Tecnologia. Lisboa.

Rebelo, G. 2001. *Emprego e formas de precariedade da actividade laboral: o caso de Portugal no contexto da EU*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa.

Rech, S. R. 2006. *Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Refosco, E., & Pessoa. J. 2013. A terceirização na indústria de vestuário. *9º Colóquio de Moda*. Fortaleza, CE.

Rim. Philadelphia: Temple UP. in Lima, J. C. 2005. Novos espaços produtivos e novas-velhas formas de organização do trabalho: As experiências com cooperativas de trabalho no nordeste brasileiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, no. 73: 91-110.

Rosa, M. T. P., *at al.*. 2000. Trabalho precário, perspectivas de superação. *Observatório do Emprego e da Formação Profissional*. Lisboa.

Saviolo, S., & Testa, S. 2000. *Le Imprese del Sistema Moda: il management al servizio della creatività*. Milano, Itália: LGL Peschiera Borromeo, Febrario.

Schneider, J., & Vicente, J.H.V. 1996. A Reestruturação Produtiva e as Cooperativas de Trabalho. In: *Perspetiva Econômica*. São Leopoldo v.31, no. 94.

Sherafat, F. 2002. *Produtividade na Ótica do Trabalhador: uma análise dos aspetos que afetam o desempenho, criatividade e autoestima dos funcionários no ambiente de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Silva, C. X. ; & Wolff, S. 2009. A indústria de confecções e as mudanças na organização da produção. *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro, Sociólogos do Futuro*.

Silva, L. Holzmann, 1985. *Mulheres trabalhadoras: problemas e conquistas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no. 15. Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia.

Singer, P. 1998. *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*. São Paulo: Contexto.

Strauss, A. L., & Corbin, J. 2008. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teorias fundamentada**. Porto Alegre: Artmed.

Tamayo. E. 1998. *Felxibilidad Laboral: de vuelta al siglo XIX? Mitos da Globalização*. São Paulo. PEDEX.

Vasconcelos, E. 2006. *Análise da Indústria Têxtil e do Vestuário*. Estudo EDIT VALUE Empresa Júnior nº2.

Diogo, F. R. 2002. *Caracterização dos perfis dos beneficiários do RMG: famílias monoparentais femininas*. Instituto para o Desenvolvimento Social. Lisboa.

Wolf, C. P. S. M., & Ribeiro, T. V. 2006. Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. *Revista de Ciências da Administração*, 8(15), 09-29.

Zabala, A., & Rosa E. F. 1998. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

SITES

<http://www.euroclustex.eu/gca/?id=52> Análise da Indústria Têxtil e Vestuário no Norte de Portugal e Associação Têxtil Portuguesa – <http://www.atp.pt/noticias/detalhes.php?id=1067>
Acedido em 13-09-2013

Cartilha ABIT; http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf
Acedido em 13-10-2014

Cerqueira, Wagner de; Tigres asiáticos, <http://www.mundoeducacao.com/geografia/tigres-asiaticos.htm> Acedido em 12-010-2014

Costa, A. B., Conte, N. C., & Conte, V. C. A China na cadeia têxtil-vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV).
<http://www.upf.com.br/seer/index.php/rtee/article/view/3442/2280> Acedido em 10 -11- 2013.

DN- Especial Portugal Fashion- Private label é forte aposta - 15-03-2008
www.dn.pt Galiza: Consolidação da Complementaridade do “Cluster” Acedido em 28-06-2013

Georgia Choucair; Valorização: Costureiras autónomas se tornam raras e caras
http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2010/12/25/internas_economia,200061/valorizacao-costureiras-autonomas-se-tornam-raras-e-caras Acedido em 12-10-2014

Giuseppe Tropi Somma, Procuram-se Costureiras. Elas sumiram! Por: Da Redação. Share |
Por www.boliviacultural.com.br/ver_noticias.php?id=407 Acedido em 24-09-2013

Gladyston Rodrigues; Costureiras: Apagão de mão de obra
<http://www.passeiaki.com/noticias/costureiras-apagao-mao-obra-gladyston-rodrigues-word-press> Acedido em 18-09-2013

Gladyston Rodrigues; trabalho e formação profissional
<http://impresso.em.com.br/app/noticia/toda-semana/trabalho-e-formacao->

profissional/2013/02/10/interna_trabalhoformacao,66887/costureiras-apagao-de-mao-de-obra.shtml em 10-02-2010. Acedido em 12-09-2014

Guiraldelli, R. 2012. Adeus à divisão sexual do trabalho?: desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. *Sociedade e Estado*, 27(3), 709-732. from.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300014

Acedido em 13-08-2014

Holzmann, Lorena; Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. *Sociologias*, Porto Alegre, n.4, p. 258-273, dez. 2000. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-

[45222000000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222000000200010&lng=pt&nrm=iso)

e

<http://dx.doi.org/10.1590/S1517->

[45222000000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222000000200010) Acedido em 23-07-2013

http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1068149&especial=PortugalFashion&secao=ARTES Acedido em 23-11-2014.

Associação Têxtil de Portugal <http://www.atp.pt/gca/index.php?id=18>> Acedido em 05-10-2014

Jornal Nacional. Confecções clandestinas em São Paulo exploram imigrantes bolivianos: Em uma cidade do interior de São Paulo, o Jornal Nacional encontrou um grupo que ilustra bem as condições degradantes, 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/06/confecoes-clandestinas-em-sao-paulo-exploram-imigrantes-bolivianos.html> Acedido em 04 de setembro de 2013.

Luiz Claudio Leão, Desenvolvedor do Método PUPI

<http://www.costuraperfeita.com.br/edicao/12/materia/especial.html> Acedido em 04-04-2015.

Matheus Zeuch, Como funciona uma empresa de private label? 11-04-2012

<http://matheuszeuch.com/como-funciona-uma-empresa-de-private-label/> Acedido em 14-11-2014.

Monteiro, K. F.; *A moda e seu potencial de mercado*. SP www.fashionbubbles.com Acedido em 13-10-2014.

Muçouçah, R. D. A. O., & Calcagno, M. B. Informalidade e terceirização nas relações de trabalho: Desafios para o novo sindicalismo.

<http://www.ronaldofrutuozo.com.br/seminariotrabalho2014/img/GT2/INFORMALIDADE%20E%20TERCERIZACAO.pdf> Acedido em 12-03-2015.

Paula Takahashi , Sobram 1,2 mil vagas em cursos de qualificação do Senai

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2010/05/19/internas_economia,160344/sobram-1-2-mil-vagas-em-cursos-de-qualificacao-do-senai.shtml 19-05-2010. Acedido em: 12-10-2014.

Plano Estratégico, ATP. Têxtil 2020. Projetar o desenvolvimento da fileira têxtil e vestuário até 2020. http://www.atp.pt/fotos/editor2/Plano_Estrategico_2020_ebook.pdf Acedido em 12-11-2014.

Repórter Brasil. Escravidão é flagrada em oficina de costura ligada à Marisa, 2010. Disponível em <http://reporterbrasil.org.br/2010/03/escravidao-e-flagrada-em-oficina-de-costura-ligada-a-marisa/> Acedido em 01 de dezembro de 2013.

Reporter Brasil: Trabalho escravo contemporâneo: o sweating system no contexto brasileiro como expressão do trabalho forçado urbano, 2011. Disponível em <http://reporterbrasil.org.br/agenciadenoticias/trabalhoescravo.pdf> Acedido em 24 de novembro de 2013.

Ribeiro, Yuri; Indústria, economia e sociedade: como a moda move o mundo?, <http://www.odiacomestilo.com/noticias/moda/industria,-economia-e-sociedade-como-a-moda-move-o-mundo> Publicado em 12-05-2014, acedido em 15-10-2014.

Salário mínimo. In Portal Brasil. Disponível em

<http://www.brasil.gov.br/para/servicos/direitos-do-trabalhador/salario-minimo> Acedido em 25-08-2013.

SEBRAE – Ideias de negócio <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/Como-montar-um-servi%C3%A7o-de-conserto-de-roupas> Acedido em 15-09-2014.

Senkevics, Adriano . Tigres Asiáticos : alimentados pelo (precário) trabalho feminino? Ensaio de Gênero : Precarização. <http://ensaiodegenero.wordpress.com/tagprecarização/> Acedido em 29-07-2013.

Silvia Boriello. Terceirização: A Polêmica Está no Ar
<http://www.costuraperfeita.com.br/edicoes> 85/ mercados. Acedido em 12-08-2015.

Silvia Boriello; Apagão de mão de obra. O que fazer com este problema?
<http://www.costuraperfeita.com.br/edicao/18/materia/especial.html> publicado em 15-01-2013
Acedido em 24-07-2015.

Sindicato das Costureiras de São Paulo. Sindicato – História. 4-11- 2013.

The future of private label, 2005
<http://www.premierevisionsaopaulo.com/canal/?releases/22849/mercado+de+private+labels+ganha+setor+no+premiere+vision+sao+paulo+/#.VcvIyrJViko> Acedido em 12-08-2014.

Transfronteiriço na Euroregião UNCED/Rio-92, com agenda21
<https://sustainabledevelopment.un.org/milestones/unced/agenda22> Acedido em 22-05-2014.

VEJA. Zara diz que não sabia de trabalho escravo. São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/zara-diz-que-nao-sabia-de-trabalho-escravo>
Acedido em 02-12-2013